

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

ANA LÚCIA CANETTI

**JOVENS ENCARCERADOS E OS SENTIDOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS
CRIADORAS**

**Florianópolis
2010**

ANA LÚCIA CANETTI

**JOVENS ENCARCERADOS E OS SENTIDOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS
CRIADORAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Curso Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Maheirie

**Florianópolis
2010**

Ana Lúcia Canetti

Jovens encarcerados e os sentidos de suas experiências criadoras

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de fevereiro de 2010.



Dra. Kátia Maheirie
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



Dra. Kátia Maheirie
(PPGP/UFSC-Orientadora)



Dra. Rosângela Prancischini
(LPRN- Examinadora)



Dra. Andréa Vieira Zanella
(PPGP/UFSC-Examinadora)

*Ao pequeno Martín, gerado em meio a tantas contraditórias vozes propiciadas por este pesquisar.
Ao grande André, meu querido companheiro, que me lembra diariamente que a vida pode ser vivida com mais sensibilidade.
Aos gigantes Pai e Mãe, imensidade em dedicação, cooperação e afeto.*

AGRADECIMENTOS

Aos jovens: vocês me ensinaram muito, quebrando conceitos e preconceitos. Suas falas e presenças me fizeram pensar e sentir um misto contraditório de afetos/reflexões. Entretanto, em síntese, posso dizer que o diálogo com vocês só reavivou em mim a necessidade e os ânimos para continuar lutando por uma transformação social, onde seja possível viver a “paz, justiça e liberdade”, tão sonhada por vocês. Agradeço por compartilharem comigo suas trajetórias, esperanças, alegrias e sofrimentos, em um momento tão delicado de suas vidas, que é a privação de liberdade.

À minha orientadora Kátia Maheirie e à professora Andréia Zanella, que acreditaram em meu projeto e fizeram parte dele por meio de suas leituras e sugestões. Agradeço também aos professores Antônio Vargas e Rosângela Francischini, pelas correções e críticas realizadas na banca de qualificação. A singularidade e o “excedente de visão” de todos vocês colaboraram para que pudesse olhar e refletir sobre questões importantes nessa pesquisa, que sozinha não poderia enxergar/pensar/sentir.

Aos meus pais, sujeitos doadores de muito afeto, sempre dispostos a me ajudar. O auxílio, incentivo e carinho de vocês foram fundamentais para que eu pudesse concretizar esta pesquisa. Obrigada.

Ao André, amigo e amado, companheiro que me incentivou, me ajudou e me abriu os olhos para tantas questões políticas e acadêmicas implicadas neste pesquisar.

Ao Martín, filho querido, pela paciência de estar ao meu lado ainda na barriga naquelas manhãs frias de “cadeia”, entrevistando comigo os jovens, viajando para Florianópolis, transcrevendo as entrevistas e escutando diversas vezes aquelas vozes que já te mostravam o que te esperava “lá fora”, às vésperas de seu nascimento. Você foi gerado em meio a um turbilhão de vozes, permeado pelas agonias, porém também alegrias desse pesquisar.

Aos meus amigos e colegas do mestrado e de trabalho, pelo debate de ideias, trocas de experiências e por terem trazido reflexões, sugestões e críticas para esta pesquisa. Em especial também agradeço à minha sogra e amiga Maria Teresa, pela paciência em me escutar tantas vezes e pela dedicação com que me ajudou todos esses anos.

LISTA DE SIGLAS

CENSE – Centro de Socioeducação

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CIAADI - Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator

DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FEBEM – Fundação do Bem Estar do Menor

FENPB – Fórum de Entidades da Psicologia Brasileira

IPEA – **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

SAS - Serviço de Atendimento Social

SESA – Secretaria de Estado da Saúde do Paraná

SECJ - Secretaria da Criança e Juventude do Paraná

SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Boneco construído com papel higiênico e fios desfiados dos cobertores.....	15
Figura 2: Motocicleta confeccionada com papel higiênico, fios e papel laminado.....	15
Figura 3: Gorro tecido com fios de cobertas, onde se lê “Realidade Cruel”	17
Figura 4: Pulseira confeccionada por um jovem interno com os escritos “vida loca também ama”.....	49
Figura 5: Muro interno do CENSE São Francisco.....	89
Figura 6: Pulseiras tecidas pelos jovens.....	97
Figura 7: Origamis em formato de caixas e porta-retratos.....	98
Figura 8: Origami em formatos de aves.....	98
Figura 9: Origami em formato de vasos e vasos com flores.....	99
Figura 10: Instrumentos para confecção de gorros feitos com pedaços de arame ou clips, escovas de dentes e tubos de caneta.....	100
Figura 11: Gorros tecidos pelos jovens com os escritos “Realidade Cruel” e “Jú I love you”.....	101
Figura 12: Sinal luminoso “trânsito” (s/data).....	103
Figura 13: Congas e Havaianas (s/data).....	103
Figura 14: Partida de xadrez com Rosângela (s/data).....	103
Figura 15: Cama de Romeu e Julieta (s/data).....	106
Figura 16: La trahison des images (1928).....	107
Figura 17: Muro interno do CENSE São Francisco grafitado por um jovem onde se vê escrita a palavra “liberdade”.....	139

RESUMO

CANETTI, Ana Lúcia. Jovens encarcerados e os sentidos de suas experiências criadoras. Florianópolis, 2010.160 f. Florianópolis. [Dissertação de Mestrado. Linha de Pesquisa: Relações éticas, estéticas e processos de criação Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC.

A pesquisa foi realizada nos Centro de Socioeducação Curitiba e São Francisco, ambos localizados no Estado do Paraná, e investigou a produção de sentidos de jovens, que cumprem medidas socioeducativas privativas de liberdade, sobre suas experiências de criação estética dentro das celas. Na pesquisa foi possível identificar diversas criações realizadas pelos internos, muitas delas proibidas pelas instituições, como origami, máquinas de tatuagem, acessórios tecidos com fios de coberta ou de toalhas, músicas, desenhos e até instalações de papelão que montam espaços privados dentro dos alojamentos coletivos. Foram realizadas entrevistas abertas com roteiro norteador, observações e registros em diário de campo. O procedimento de análise dos discursos dos jovens se deu a partir das contribuições teóricas de Vigotski e do Círculo de Bakhtin. Os resultados apontaram que estas experiências criadoras colaboram na (sobre)vivência destes jovens no encarceramento e são modos contraditórios de se compartilhar afetos, realizar trocas e de se buscar reconhecimento social. Verificou-se também que estas ações criadoras têm um sentido de resistência às privações cotidianas vividas nestas instituições promotoras de várias formas de violências. A criação mostrou-se como uma necessidade para o viver dentro da privação de liberdade e uma maneira encontrada pelos jovens para reafirmarem suas existências sensíveis. A análise dos discursos trabalhou com a processualidade viva na historicidade de jovens encarcerados, buscando as formas de pensar, agir e sentir em relação às suas experiências de criação.

Palavras-chave: juventude, processos de criação, privação de liberdade.

ABSTRACT

CANETTI, Ana Lúcia. Jovens encarcerados e os sentidos de suas experiências criadoras. Florianópolis, 2010. 160 f. Florianópolis. [Dissertação de Mestrado. Linha de Pesquisa: Relações éticas, estéticas e processos de criação Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC.

The survey was conducted in Curitiba and San Francisco social education center, both located in the State of Paraná, and investigated the production of meanings by young people who meet socio-education measures, about their experiences of aesthetic creation within the cells. In the survey it was possible to identify a number of creations made by the inmates, many of them banned by institutions such as origami, tattoo machines, accessories, weaves the lint of the blankets and towels, music, drawings and even facilities that assemble cardboard private spaces within the collective accommodations. Open interviews were made with a script guiding, observations and daily records in the field. The procedure for the analysis of the discourses took place from the theoretical contributions of the Vygotsky and the Bakhtin Circle. The results showed that these experiences collaborate in creating (over) living in the incarceration of these young people and are contradictory ways to share affection, conduct trade and to seek social recognition. It was also noted that these actions are creating a sense of resistance to the daily hardships experienced in these institutions promoting various forms of violence. The creation proved to be a necessity for living in deprivation of freedom and a way found by young people to reaffirm their sensitive existence. The analysis of the discourses worked with the living processivity in the historicity of incarcerated youth, seeking ways to think, act and feel about their experiences of creation.

Keywords: youth, creation processes, deprivation of liberty.

Enfim, os homens são homens em qualquer lugar. Mesmo na cadeia, entre bandidos, eu acabei por descobrir os homens ao longo desses quatro anos. Acredite: existem naturezas profundas, fortes, maravilhosas, e como é bom descobrir ouro sob uma casca rude. E não apenas um ou dois, mas vários.

Trecho de uma carta escrita no ano de 1854 por Fiódor Dostoievski ao irmão Mikhail quando aquele ainda estava preso na Sibéria. (Dostoievski, 2006, p. 324).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MÉTODO: DIÁLOGOS PARA A COMPREENSÃO DE SENTIDOS.....	21
2.1 Procedimentos de produção das informações.....	21
2.2 Análise das informações.....	25
2.3 Os jovens entrevistados.....	30
2.4 A relação dialógica entre os jovens e a pesquisadora.....	35
3 JUVENTUDES “VIDAS LOKAS” E O ENCARCERAMENTO: CONTEXTOS E REPERTÓRIOS DAS EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO.....	49
3.1 Juventudes “vidas lokas”: o viver permeado por violências	49
3.2 A privação de liberdade: o contexto das experiências de criação.....	69
4 OS SENTIDOS SOBRE OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO.....	96
4.1 “Enquanto existir vida haverá criação”: processos de objetivação/subjetivação como condição ontológica do ser.....	96
4.2 Criar, trocar, resistir, existir: sentidos de um fazer sensível.....	121
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	147
ANEXOS.....	156
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTES DA PESQUISA).....	156
ANEXO 2:TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (REPRESENTANTE LEGAL).....	157
ANEXO 3: ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	158

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados oficiais do DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional, o Brasil apresentava, até junho de 2007, um total de 419.551 detidos em penitenciárias ou delegacias, ocupando, desta forma, a 8ª posição mundial em número de presos¹. Desses, 76% têm entre 18 e 34 anos, o que demonstra a presença de uma maioria jovem² nos presídios brasileiros.

Isso sem contar os jovens também encarcerados, que cumprem medidas socioeducativas de internação ou internação provisória, ou seja, medidas restritivas de liberdade. Esses jovens, que podem ter entre 12 e 21 anos, eram mais de 15.400 mil em 2006, tendo quadruplicado o número de internações em 10 anos (OLIVEIRA, 2006).

A maioria desses jovens privados de liberdade, de acordo com Oliveira (2006), é oriunda das classes populares, tendo 80% dos internos uma renda familiar de até dois salários mínimos. Estes números só confirmam o que a autora, atual subsecretária de Promoção de Direitos da Criança e do Adolescente, da Secretaria Especial de Políticas para a Juventude do Governo Federal, comenta em uma reportagem ao jornal Estado de São Paulo³, de junho de 2006: “o jovem migra da prisão sem muro, a favela, para a favela entre muros, a prisão”.

O aumento do encarceramento juvenil, os altíssimos índices de mortes violentas⁴ entre jovens nas periferias urbanas ou a própria invisibilidade⁵ destes

¹ Dados consultados no site oficial do Ministério da Justiça, disponível em: www.mj.gov.br, acessado em 10/01/2010.

² O Estatuto da Criança e Adolescente (Lei 8069/90) considera criança até a faixa etária dos 12 anos incompletos, e adolescente dos 12 aos 18 anos de idade. Porém, para a Secretaria Especial de Políticas para a Juventude do Governo Federal, diante do prolongamento da experiência juvenil, é considerada jovem hoje a faixa etária de 15 a 29 anos. Como os jovens entrevistados nesta investigação têm entre 16 e 19 anos de idade, utilizarei à faixa etária estendida considerada jovem a partir dos parâmetros do Governo Federal, e trabalharei com o conceito de juventude ao invés de adolescência. O debate sobre a cronologização da vida ou sobre o conceito de adolescência e de juventude na modernidade será realizado no capítulo 3.1 deste mesmo trabalho.

³ Reportagem de autoria de Adriana Carranca, publicada em 11/06/2006 no Jornal Estado de São Paulo, intitulada: Jovens lutam para deixar o crime: em 8 anos, número de infratores internados cresceu 318%.

⁴ Segundo dados do 5º Mapa da Violência realizado em 2006 pela UNESCO e publicado em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos, a cada 10 mortes de jovens (definidos pela faixa de 15 a 24 anos), 4 são por homicídio no Brasil. Isso enquanto para os não-jovens a média é de 3 para cada 100. Em 10 anos houve um aumento de 48% de mortes por homicídio da população em geral e de 64% entre jovens. Além disso, há 85% a mais de vítimas por homicídio negras do que brancas. Destes, muitos são residentes das periferias das grandes cidades (WAISELFISZ, 2006).

sujeitos nas cidades demonstram, como afirma Sales (2007), que estamos diante de práticas sociais de extermínio ou de eliminação desta população para além de qualquer retórica.

Contudo, para Coimbra & Nascimento, estas práticas de extermínio dos jovens não são aceitas pacificamente pelos mesmos, pois

eles teimam em continuar existindo, apesar de tudo; suas resistências deflagram-se cotidianamente, sendo muitas vezes percebidas como fragmentadas, fora dos padrões reconhecidamente organizados, e até mesmo como condutas anti-sociais, delituosas e, por isso, “perigosas” (COIMBRA & NASCIMENTO, 2003, p. 35).

Diógenes (1998), em seu estudo sobre as gangues, galeras e movimento hip-hop nas periferias de Fortaleza, afirma que estes agrupamentos juvenis, cada qual a seu modo, buscam uma visitação na cidade oficial, uma fala ou expressão no espaço urbano. Isto é, as práticas das gangues, mesmo as ditas “violentas”, por exemplo, são vistas também pela autora como modos de construção de visibilidade no espaço urbano.

Entretanto, as ações juvenis consideradas “delituosas” ou “violentas” são maneiras contraditórias de intervir na cidade, já que simultaneamente dão registro e visibilidade (buscando incluir) e re-instituem o estigma de desviante (excluindo), colaborando, por vezes, para que muitos jovens se coloquem ainda mais perto da morte.

De qualquer forma, como afirma Sales (2007), os jovens são movidos por sentimentos de injustiça diante de violências sociais construtoras de discriminações, desigualdades e estigmas, mesmo sendo por meio da vida infracional, lançados ainda mais para a deriva, para a revolta, ou para um misto das duas coisas.

Tendo trabalhado por mais de 3 anos, como psicóloga, com jovens autores de atos infracionais, que cumprem medida de privação de liberdade, vejo que meus questionamentos sobre as relações construídas na internação, sobre os jovens e suas práticas, ou em relação ao próprio encarceramento, só foram aumentando. Esta pesquisa nasce, portanto, permeada por desassossegos diante do complexo

⁵ Sales (2007) discute o fato de jovens das periferias urbanas estarem invisíveis às políticas públicas no Brasil ou não serem efetivamente considerados cidadãos, com direitos a serem respeitados. Além disso, debate o fato de não existirem somente “invisibilidades”, mas que esta sociedade consegue “ocultar mostrando” estes jovens. Através da análise de reportagens realizadas pela mídia sobre estes jovens, a autora debate que há a construção de uma “(in) visibilidade perversa” dos mesmos.

cotidiano de trabalho em uma unidade de internação de jovens classificados como “em conflito com a lei”.

Estas unidades são locais para a aplicação de medidas socioeducativas privativas de liberdade, como a internação e/ou internação provisória. A permanência dos jovens nestes locais pode variar de 06 meses a 03 anos na internação, e de no máximo 45 dias na internação provisória. Essas instituições são órgãos executores de medidas judiciais e são de responsabilidade dos governos estaduais⁶. A nomenclatura difere conforme o Estado, e no Paraná, atualmente, são denominadas Centros de Socioeducação (CENSE's).

Duas instituições serviram de campo para esta pesquisa: CENSE São Francisco, localizado no Município de Piraquara, no Paraná, (cidade da região metropolitana de Curitiba) e CENSE Curitiba. No momento da pesquisa, o CENSE São Francisco tinha passado, em sua história recente, por diversos motins e rebeliões, o que acarretou, em menos de três anos (2004-2007), nove mortes de jovens dentro da Unidade⁷.

Para Sales (2003), as mortes e as agressões cometidas nas rebeliões, que ocorrem nestas instituições, revelam o quanto a cultura do confinamento, da repressão ou da punição é promotora de mais violência. Para Vicentin (2009, p.109), os jovens nestas Unidades estão “condenados à rebelião” e fadados à desobediência, como estratégias de subjetivação ou de luta por direito a ter direitos.

Pode-se dizer, então, que nas rebeliões e desobediências há uma luta por direito à fala e à visibilidade. Sales (2003, 2007) constata que, paradoxalmente, através de mortes, as rebeliões no ano de 1999 na FEBEM-SP demonstraram não ser somente meras pulsões por liberdade, mas estratégias comunicativas e dispositivos de expressividade dos jovens.

⁶ O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) especifica que a responsabilidade de criar, manter e desenvolver a execução das medidas de internação, internação provisória e semiliberdade é da esfera estadual. Já as medidas em meio aberto, como liberdade assistida ou prestação de serviço à comunidade são de responsabilidade dos municípios.

⁷ Ingressei na Instituição 03 semanas após a rebelião de 2004, em que sete jovens foram mortos em confronto com outros internos. Esta rebelião foi noticiada através da matéria “Rebelião deixa sete mortos e cinco feridos no PR”, Folha Online, em 24/09/2004. Já trabalhando na Instituição, mais um interno foi assassinado por outro jovem em novembro de 2005, noticiado por Folha Online, em 07/11/2005, com matéria intitulada “Jovem mata colega de cela em educandário do PR”. Em 2006, mais uma rebelião ocorreu culminando com a morte de mais um jovem, noticiada também pela Folha Online, com matéria “Adolescentes infratores matam colega durante rebelião no PR”, em 28/11/2006. Estas reportagens foram colhidas no site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano>.

Não há, portanto, somente ruídos na desordem da revolta. Ela também fala, reclama ações públicas e oportuniza uma legitimidade à palavra daqueles atores políticos que nem sempre conseguem se fazer ouvir. A visibilidade conquistada por aqueles sujeitos em sua denúncia-movimento, mediada muitas vezes pela violência, é todavia paradoxal: de um lado, a sociedade tende a não considerar a fala/ações de seres anti-sociais, amorais por princípio, que romperam o pacto da cidadania regulada e da ética do trabalho. De outro, não fosse a insubmissão de que são portadores, não se enxergaria as condições subumanas a que a maioria dos que sofrem privação de liberdade está submetida. (SALES, 2007, p. 237)

Condições subumanas, ou de violências na privação de liberdade, também podem ser vistas nas Unidades Campo desta investigação. Contudo, a pesquisa proposta não visou estudar essas instituições ou suas mazelas. O contexto de violências perpassou esta investigação, porém não foi foco da mesma.

Diante dos problemas e mortes enfrentados no dia-a-dia de trabalho, meu olhar se encaminhou para a visualização de linhas de fuga, por vezes despercebidas pela maioria das pessoas. Sem muita clareza inicialmente, me dirigi para onde parecia haver vida, resistências e afirmações dos sujeitos.

A problemática da pesquisa começou a se desenhar no momento em que a presença de quase tudo estava proibida nos alojamentos (como são denominados pelas instituições) ou nos “xis”, “celas” (chamados assim pelos jovens). Papeis, canetas, alimentos, livros (exceto a Bíblia), roupas ou sapatos que não os uniformes e chinelos, acessórios, materiais de higiene, limpeza e demais objetos eram proibidos pela instituição, pois se constituíam como objetos “perigosos” ou fora das normas.⁸

Naquele momento (ano de 2006 e início de 2007), eram realizadas constantemente “revistas policiais surpresas” no CENSE São Francisco, conhecidas como “pente fino”. Nessas, os jovens são retirados das celas e os policiais, junto aos funcionários da instituição, vistoriam e removem objetos, que são considerados fora das normas institucionais, dos alojamentos.

Repentinamente, comecei a observar que estas revistas recolhiam e jogavam no lixo diversas produções dos jovens. Eram gorros tecidos com fios de coberta, origamis de papel, esculturas de papel higiênico ou sabonete, cordões,

⁸ Estes objetos são considerados “perigosos” por diferentes motivos. Alguns objetos como a caneta, por exemplo, é proibida por poder ser usada para construir uma arma branca (chamadas de “estoques” ou “zincos”). Já os materiais de limpeza ou o líquido da fermentação de restos de alimentos (chamado de “choca”) podem ser usados como entorpecentes. O argumento sobre a proibição de papeis ou livros é de que podem ser usados para o consumo de drogas (papel pode ser usado para fumar). Já a justificativa utilizada em relação à proibição de roupas ou sapatos é de que a troca desses objetos acabava motivando brigas entre os internos.

brincos, acessórios, máquinas de fazer tatuagem, uniformes costurados e pintados, jogos e outras produções, que os jovens conseguiram construir, conquistando materiais ou transformando os poucos que existiam. Mesmo quando quase nenhum material era permitido, a criação não deixava de se apresentar repetidamente.

Figura 1: Boneco construído com papel higiênico e fios desfiados dos cobertores



Fonte: A autora, 2007.

Figura 2: Motocicleta confeccionada com papel higiênico, fios e papel laminado.



Fonte: A autora, 2007.

A cada revista policial, era possível vislumbrar uma insistência do criar, do produzir e do estetizar. Para Sánchez Vázquez (1999), o exercício do estetizar não se dá somente por meio da arte. Há diversas manifestações do mesmo na relação com o natural, artificial, artesanal, artístico, técnico ou industrial. O estético é um tipo específico de relação do ser humano com a realidade, experimentado com

determinados objetos, processos e atos humanos. Na relação com estes objetos, processos e atos, se ultrapassa a função estritamente utilitária, explicitando a dimensão sensível e humana. Em uma relação estética, “explicita-se toda a potência de sua subjetividade, de suas forças humanas essenciais, entendidas essas como próprias de um indivíduo que é, por essência, um ser social” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p.55).

O autor acima citado ainda complementa que a atividade estética surge e se desenvolve no seio da produção utilitária dos objetos, porém acaba ultrapassando e superando os limites da mesma. Reforça que a produção prático-utilitária foi a condição necessária e o fundamento da produção estética, pois ambas (estética e prático-utilitária) propõem uma transformação do real ou natural em algo humanizado. Contudo, afirma que:

o homem necessita, por sua vez, levar o processo de humanização da natureza, da matéria, até suas últimas conseqüências. Por isso, deve assimilar a matéria sob uma forma que satisfaça plena e ilimitadamente sua necessidade espiritual de objetivação. Assim, pois o limite prático-utilitário que o trabalho impõe deve ser superado, passando-se assim do útil ao estético, do trabalho para arte (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p.71).

No processo de criação dos jovens dentro das celas, a dimensão estética também se explicitou. O olhar destes jovens acabou transcendendo os objetos e suas funções prático-utilitárias, não se deixando absorver ou escravizar pelos mesmos. Uma coberta, que teria a função de cobrir e espantar o frio, transformou-se em vestimenta, em um gorro tecido com seus fios. A modelagem do papel higiênico construiu objetos tridimensionais; as capas de livros ou caixas de sabão em pó viraram cartas de baralho; os fios das toalhas viraram pulseiras, os papéis conquistados viraram esculturas realizadas a partir da técnica do origami.

Os objetos criados, por mais simples que possam parecer, como um gorro tecido com fios de coberta, foram se apresentando para mim como processos que materializavam relações extremamente complexas vividas na Instituição. Estes gorros, por exemplo, foram criados pelos jovens, inicialmente com fios de coberta e depois com lãs fornecidas pela Instituição. Eles foram, por diversas vezes, modificados pelos jovens em sua forma, tecidos com nomes, frases e desenhos. Foram vendidos sem permissão da Instituição, negociados às escondidas e, por vezes, a possibilidade de sua confecção virou uma reivindicação dos jovens frente à

Unidade. A própria direção da Instituição autorizou e proibiu diversas vezes a confecção destes objetos e, em algumas ocasiões, tentou controlar a sua produção, vetando algumas frases ou desenhos que eram tecidos nos gorros⁹.

Figura 3: Gorro tecido com fios de cobertas, onde se lê “Realidade Cruel”



Fonte: A autora, 2009.

A confecção destes gorros começou a me interessar, porque parecia uma busca de sentidos por parte dos jovens e uma humanização do espaço prisional e dos corpos contidos e homogeneizados pela Instituição que, em um momento anterior, havia tornado obrigatório os uniformes. A dimensão estética parecia estar presente como uma forma de movimento por entre espaços de subversão, uma lacuna no concebido ou uma tentativa sensível de quebra na racionalidade imposta.

Assim, diante dessas objetivações produzidas em um lugar cerceador da condição humana e das diversas possibilidades negadas, comecei a querer investigar o que os jovens tinham a dizer sobre estas criações. Os jovens estabelecem uma relação estética com determinados objetos criados na direção da desconstrução de seus significados cristalizados? Estas experiências criadoras colaboram na constituição destes sujeitos encarcerados? De que maneira? Como estes jovens objetivam-subjetivam novas produções na adversidade e, principalmente, quais sentidos estes jovens dão a estas criações?

Estas questões me trouxeram e delimitaram o seguinte objetivo geral para a pesquisa: investigar os sentidos constituídos pelos jovens em relação à suas experiências criadoras na privação de liberdade.

⁹ Além dos nomes ou apelidos de cada jovem, eram tecidos nomes de bandas de RAP como Realidade Cruel, músicas como Direto do campo de extermínio, do grupo Fação Central, frases de RAP, folhas de maconha, entre outras. Estas produções começaram a incomodar alguns funcionários e a direção do CENSE São Francisco.

A análise do processo de produção de sentidos exige um grande aprofundamento investigativo sobre os pensamentos, emoções, motivações e necessidades dos sujeitos singulares pesquisados. Aguiar explica:

A apreensão dos sentidos não significa apreender uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele (AGUIAR, 2006, p.17).

Assim, esta investigação buscou apreender esta processualidade viva na historicidade de cada sujeito, buscando as formas de pensar, agir e sentir em relação às suas experiências de criação.

Em um levantamento de teses e dissertações realizado no Banco de Teses da Capes¹⁰ constatou-se que tanto na área da juventude privada de liberdade, quanto nas pesquisas que têm como tema os processos criativos ou experiências de criação, não foram encontrados estudos que investigassem especificamente os sentidos de sujeitos privados de liberdade na produção de objetos dentro das celas.

Foram encontradas pesquisas que trabalham com a temática da arte, fruição ou criação no encarceramento, como as investigações de Santos (1994), Paes (1999), Rocha (2006) e Berzin (2003) na área do teatro; de Rodrigues (2005), Câmara (1999), Pontarolli (2004), Ponciano (2007), Vieira (2003), Anselmo (2006) e Oliveira, D.C. (2004) na produção literária ou de Guimarães (1999) na área de dança na privação de liberdade. Há também a pesquisa de Oliveira, I.J.S. (2003) sobre leituras de imagens de pintura em murais, telas, modelagens e esculturas dos jovens internos e de Vianna (2006), que trabalha com os elementos da cultura hip-hop (grafite, breck, rap) na antiga FEBEM-SP¹¹. Contudo, não foram localizados trabalhos que analisem especificamente as produções plásticas, artesanais ou visuais feitas pelos jovens dentro das celas.

Na área de pesquisas específicas sobre juventude privada de liberdade, ou cumprindo medida socioeducativa de internação, o Banco de Teses da Capes apresentou 61 trabalhos. Foram utilizados os descritores: adolescente, jovem, medida socioeducativa, socioeducação, internação, privação de liberdade, infrator.

¹⁰ Pesquisa realizada no Banco de Teses da Capes, disponível em: www.capes.gov.br, em 25/11/2007 e repetida em 10/01/2010.

¹¹ A partir do mês de dezembro de 2006, a FEBEM em São Paulo muda de nome e passa a ser denominada Fundação Casa (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente).

Destes, quatro trabalhos encontrados foram realizados nas instituições campos desta pesquisa: O Adolescente Infrator e o Sistema de Ensino Paranaense: a trajetória da escola para menores. Professor Queiroz Filho (1965-1992) (COLOMBO, 2002); Adolescência infratora paranaense: História, perfil e prática discursiva (COLOMBO, 2007); Adolescentes da cidade de Curitiba em conflito com a lei e o seu processo de reintegração (SERALE, 2002) e O Rorschach, na avaliação psicológica de adolescentes em conflito com a lei (DURAT JUNIOR, 2006).

Constatou-se, por meio desta investigação em base de dados, que o interesse sobre o tema do encarceramento e juventude é recente e crescente. Os estudos são desenvolvidos, em sua maioria, a partir do ano 2000, o que pode justificar a necessidade da realização desta pesquisa para agregar conteúdos na área e colaborar nos debates atuais sobre este assunto.

Segundo Sales (2007) e Zaluar (1999), o interesse pelo tema da criminalidade em geral só toma corpo no Brasil a partir da década de 1980, decorrente dos problemas sociais que se agravaram neste período. Segundo as autoras, houve um grande salto teórico a respeito deste tema nos últimos trinta anos, devido ao agravamento da questão da violência urbana ligado à acelerada urbanização e ao processo de cidadania escassa do País.

O desenvolvimento desta pesquisa também se justificou a partir da necessidade da realização de investigações que não sejam mutiladoras das sensibilidades (SAWAIA, 2006), e que tenham como ética a não aceitação dos processos cerceadores aplicados a jovens em instituições de privação de liberdade. Isso, principalmente no atual momento histórico, em que retornam discursos conservadores a favor de ainda mais violência, punição ou redução da idade penal.¹²

Ainda hoje, no dia-a-dia de trabalho nessa área, nos deparamos com práticas que escondem os problemas e conflitos sociais do atual contexto histórico, construindo estereótipos e patologias para os indivíduos, por meio dos discursos sobre comportamentos de “alto risco” ou “antissociais”, “psicopatias”, “delinquências”, “periculosidades” e “perfis ou personalidades criminosas”. De modo

¹² Tramitam no Congresso Nacional mais de 30 projetos com propostas para a redução da idade penal de 18 para 16 e outros dois que propõem a redução para 14 e para 12 anos, respectivamente. (Gabriela Guerreiro, Folha online, 09/02/2007, Igreja Católica é contra redução da maioridade penal no país, em <http://www.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u131525.shtml>). Entretanto, além desta onda pela redução, houve também no Brasil várias campanhas contra a redução da idade penal, como a realizada pelo Fórum de Entidades da Psicologia Brasileira (FENPB), lançada no mês de julho de 2007, e que tem 18 entidades na área de Psicologia como signatárias.

distinto, esta pesquisa focou o processo de construção de sentidos de sujeitos concretos, suas historicidades e suas possibilidades criadoras, dando voz aos jovens e construindo um espaço para que pudessem expor suas ideias, pensamentos e sentimentos.

A pesquisa contou com observações, entrevistas e registros em diário de campo, tendo se desenvolvido em quatro etapas: uma fase exploratória de investigação, o momento da realização das entrevistas, a sistematização das informações e a análise das mesmas. No exercício de compreensão e análise das informações, realizou-se, primeiramente, um exame da relação dialógica entre a pesquisadora e os jovens, além da relação da pesquisadora com a temática da pesquisa. Isso por entender que os sentidos, objetos deste estudo, não estão prontos para serem capturados pelo pesquisador, mas são produzidos no diálogo intersubjetivo propiciado pela pesquisa.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta o caminho metodológico desenvolvido na pesquisa e a análise da relação dialógica entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. No segundo, foi desenvolvido o tema da juventude, violência e encarceramento, que explicita o contexto no qual os sentidos das experiências criadoras dos jovens estudados se inserem. No terceiro capítulo é tecida a análise sobre os sentidos produzidos pelos jovens em relação às suas criações, articulando o diálogo dos jovens com seus produtos no contexto social e de privação de liberdade.

Com esta pesquisa, espero poder ajudar a construir uma reflexão em relação ao tema da constituição de sentidos e dos processos de criação. Além disso, fica aqui o desejo de que a leitura deste trabalho possa despertar interesses e provocar reflexões sobre as condições em que vivem estes jovens e suas ações criadoras. Desta maneira, talvez possamos ver presentes mais espaços, dentro ou fora dos muros, de criação-transformação do vivido. Os sentidos dos jovens analisados nesta pesquisa demonstraram a relevância das experiências criadoras e da imaginação para a vida. Mesmo em espaços tão cerceadores da condição humana como a privação de liberdade, a criação se mostrou condição para o viver.

2 MÉTODO: DIÁLOGOS PARA A COMPREENSÃO DE SENTIDOS

2.1 Procedimentos de produção das informações

A escolha dos instrumentos que constroem as informações de uma pesquisa deve ser feita a partir da problemática na qual se pretende estudar. No caso desta investigação, que se colocou diante da complexa ação de compreender os sentidos de sujeitos historicamente situados e singulares em suas constituições, foram utilizados, a partir dos aportes de uma pesquisa qualitativa, procedimentos de observação, entrevista aberta com roteiro norteador e registros em diário de campo.

Segundo Alves (1991), os procedimentos de observação, leitura de documentos ou entrevista, incluem o pesquisador como o principal instrumento da pesquisa, pois fazem com que ele empregue diretamente os seus sentidos através de seu olhar, sua escuta ou sua fala com as pessoas. Por meio desses procedimentos, há uma valorização do instrumental humano, o que exige do pesquisador um exercício de auto-observação constante e de “aprender a usar sua própria pessoa como o principal e mais confiável instrumento de observação, seleção, coordenação e interpretação” (SANDAY citado por ALVES, 1991, p. 60).

O exercício de utilizar meu olhar, minha escuta ou fala como instrumentos do ato de pesquisar, esteve presente em todas as etapas da investigação, nas reflexões suscitadas pelo que havia sido escrito no diário de campo, nos momentos de transcrição das entrevistas, ou enquanto fui tecendo o próprio texto de análise. Nessas ações foi possível perceber o quanto é necessário realizar a tarefa de rever-se, de observar-se e de analisar o contexto, as ações e as relações que foram se estabelecendo no diálogo da pesquisa.

Esta tentativa de auto-observação, ou de analisar, no caso desta pesquisa, minha relação com os jovens, ou com o próprio tema da mesma, abriu reflexões importantes para este investigar, sendo um processo rico de aprendizagem. Além disso, me colocou diante de sentimentos, por vezes contraditórios, pois quando as entrevistas ou diários eram relidos, tanto pude sentir contentamento em ver a produção da pesquisa se desenvolvendo, assim como vários descontentamentos, ao perceber que deixei passar diversos momentos importantes da entrevista na escuta dos jovens ou nas perguntas realizadas.

Ao ouvir ou reler as entrevistas, percebi o quanto aqueles encontros com os jovens foram singulares e irrepitíveis, do mesmo modo como o diálogo produzia novos sentidos em mim ou nos próprios sujeitos participantes da pesquisa. Amorim aponta:

Todo discurso produz-se como ato num contexto singular e irrepitível. Podemos dizer a que a teoria de Bakhtin conceitua o discurso enquanto acontecimento em que a diferença entre valores desempenha papel fundamental na produção de sentido. Do mesmo modo, em sua teoria literária, também o sentido do texto produz-se no acontecimento dialógico, isto é, entre posições singulares que se confrontam. (AMORIM, 2007, p. 18).

No processo de uma entrevista de pesquisa, Olabuènaga (1999) descreve que ambos, pesquisador e entrevistado, intervêm dando sentidos e expressões para o que se quer compreender e conhecer. Assim, a própria pesquisa provoca constituições e reconstruções de novos sentidos no diálogo entre pesquisador-entrevistador e sujeito-entrevistado. No caso desta investigação, as entrevistas provocaram uma reflexão sobre o vivido e a constituição de novos sentidos sobre a criação dentro da privação de liberdade.

A construção das informações da pesquisa se deu em quatro etapas: exploratória; realização das entrevistas; sistematização das informações e análise.

Na primeira fase, foram realizadas observações e conversações com os jovens e funcionários no dia-a-dia institucional, relatados em diários de campo. Estes diálogos foram importantes, principalmente no início do trabalho de campo, pois colaboraram para a solidificação do próprio objetivo da pesquisa e no acesso aos jovens que seriam entrevistados. Estas conversações ocorreram principalmente no CENSE São Francisco, pois a minha permanência no CENSE Curitiba foi de somente 1 semana. No CENSE São Francisco, pude observar eventos cotidianos relacionados ao tema da pesquisa nos atendimentos, nas revistas policiais, no pátio e até mesmo na porta dos alojamentos, locais onde frequentemente é possível iniciar uma conversação com os jovens.

As entrevistas tiveram um roteiro norteador (em anexo). Foram gravadas, transcritas, sistematizadas, sendo acompanhadas por um diário de campo sobre o dia da entrevista, com impressões e reflexões relativas ao encontro ou ao jovem.

O roteiro da entrevista dividiu as perguntas em três eixos norteadores: o processo de criação, a privação de liberdade e um breve histórico de vida do jovem.

Isso por entender que a constituição dos sentidos sobre essas criações podem estar presentes não apenas nos relatos sobre o processo propriamente dito de criação, como na relação com a privação de liberdade ou relacionada ao seu contexto de vida.

Foram realizadas 8 entrevistas, sendo 5 no CENSE São Francisco, Unidade de Internação e 3 no CENSE Curitiba, Unidade que atende jovens em descumprimento de medida, internação provisória e que esperam decisão judiciária ou vagas na internação. Muitos dos jovens, internos do CENSE São Francisco, passam primeiro pelo CENSE Curitiba até sair sua medida de internação.

O CENSE Curitiba foi escolhido como campo da pesquisa no decorrer do processo de trabalho de investigação. A escolha em dar continuidade à pesquisa na Unidade se deu pelo fato de vários jovens internos do CENSE São Francisco relatarem que aprenderam ou iniciaram o processo de criação dos objetos quando ainda eram internos daquela Unidade. Portanto, entrevistar jovens que estavam no CENSE Curitiba produzindo objetos e conhecer a dinâmica institucional seria imprescindível para alcançar o objetivo da pesquisa.

O Centro de Socioeducação de Curitiba tinha o nome de SAS - Serviço de Atendimento Social até o ano de 2007, funcionando em conjunto com a Delegacia do Adolescente, a Defensoria Pública, o Ministério Público e a Vara de Infratores, integrando o Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator - CIAADI. Segundo o site oficial da Secretaria da Criança e Juventude do Paraná¹³, a unidade foi fundada em julho de 1994 e tem capacidade para atender 100 adolescentes, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino.

As entrevistas ocorreram nas salas de atendimentos e de aulas. O espaço físico do CIAADI não é muito grande, com muitos corredores. As celas (ou alojamentos) têm capacidade para 2 jovens. Na Instituição funcionam outras medidas, não só a internação provisória que tem duração de, no máximo, 45 dias. Há o abrigo, que é o espaço onde os jovens ficam após a apreensão e quando estão em descumprimento de medida (que tem duração de até 90 dias).

No Centro de Socioeducação São Francisco é aplicada somente a medida de internação e, segundo o site oficial da Secretaria da Criança e Juventude do

¹³ Site Oficial da Secretaria da Criança e Juventude do Paraná: <http://www.secj.pr.gov.br>, acessado em: 28/07/2009.

Paraná - SECJ¹⁴, esta unidade tem capacidade de atendimento para 150 adolescentes¹⁵ do sexo masculino, sendo a maior unidade do Estado do Paraná em estrutura física e administrativa, bem como em número de jovens.

No momento da pesquisa, existiam 7 alas (A, B, C, D, E, F, G), separadas a partir de uma análise das diferentes compleições físicas, atos infracionais e idades dos jovens.

As alas A, E e F abrigavam jovens com mais idade, compleição física e com delitos de maior gravidade. A Ala C, no momento das entrevistas, era a dos jovens considerados de “alto-risco”. Nas alas G e B, estavam os jovens mais novos e com delitos menos graves. Já a ala D, era destinada aos jovens ameaçados de morte pelos outros.

Entrevistei jovens de diferentes alas. Somente da ala D não foi possível entrevistar nenhum jovem, pois os que produziam objetos não quiseram participar da pesquisa.

A duração dos encontros com cada jovem foi de, em média, 1 hora e meia. Somente a primeira entrevista se deu em dois encontros, de 1 hora e meia cada um. Esses dois encontros serviram também como entrevistas-piloto, para verificar se o roteiro norteador necessitava de modificações.

A pesquisa contou com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁶ para os jovens, bem como para seus respectivos pais ou representantes legais, caso tivessem menos de 18 anos. Somente 3 jovens tinham menos de 18 anos e necessitaram da autorização de seus pais para participar da pesquisa.

Além destas autorizações dos responsáveis, o projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC e pela Comissão de Pesquisa da Secretaria da Criança e Juventude do Paraná. Esta última se faz necessária pelo fato de os jovens, quando internos, estarem sob a tutela do Estado, não bastando somente a autorização de seus responsáveis legais para a pesquisa.

No início de cada entrevista, foi realizada uma conversa preliminar com o jovem, momento em que foram explicados os objetivos e questões éticas da

¹⁴ Disponível em: <http://www.secj.pr.gov.br>, acessado em: 28/07/2009.

¹⁵ Essa unidade está fora dos parâmetros do SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) que prevê que as instituições devem ter, no máximo, 40 jovens por unidade.

¹⁶ Os modelos dos Termos de Consentimento utilizados encontram-se em anexo.

pesquisa, além da leitura e esclarecimento do Termo de Consentimento. A participação dos jovens se deu de forma voluntária e o critério utilizado para as entrevistas era de que o jovem fosse produtor de algum objeto dentro da privação. O convite para participar da entrevista se deu a partir da escuta e observação do cotidiano, sendo que alguns funcionários ou os próprios jovens indicavam os produtores de objetos naquelas instituições.

Cada jovem entrevistado deixou um telefone de contato com a pesquisadora e recebeu, na cópia do termo de consentimento que fica com o entrevistado, o número de telefone para o contato com a pesquisadora, para que ao final do processo de escrita eles pudessem receber uma cópia do trabalho. A maioria dos jovens demonstrou interesse em receber o conteúdo final da pesquisa.

No CENSE Curitiba, os jovens foram convidados a participar primeiramente por uma funcionária da Instituição. Ela comunicou a todos, no momento da aula de artes, os objetivos da pesquisa, e me passou os nomes dos jovens interessados em participar. Já no São Francisco, dois jovens foram sugeridos pelos funcionários, sendo os demais indicados por outros jovens participantes.

2.2 A análise das informações

A análise dos discursos dos jovens se desenvolveu basicamente a partir das contribuições teóricas de autores do Círculo de Bakhtin¹⁷ e de Vigotski. Também foi estabelecida uma interlocução com outros autores que trazem produções recentes na área da juventude, como Coimbra (2003, 2005), Nascimento (2003, 2005), Arantes (2006), Oliveira (2006, 2001), Abramo (1997, 1994), Diógenes (1998), Sales (2003, 2007), Groppo (2000), Rabello de Castro (2001) e Vicentin (2009).

Tratando de forma específica das contribuições bakhtinianas, é importante ressaltar que apesar do Círculo de Bakhtin não ter postulado um conjunto sistematizado para o funcionamento de uma análise do discurso, Brait (2006), sustenta a idéia de que o conjunto de suas obras motivou a criação de uma análise/teoria dialógica do discurso que trouxe influências e consequências visíveis nos estudos linguísticos, literários e nas Ciências Humanas. Ainda que não haja uma

¹⁷ Há diversos debates sobre a autoria dos textos de Bakhtin. Usarei o termo Círculo de Bakhtin quando me referir às contribuições da teoria bakhtiniana em geral, e o nome de Bakhtin ou Bakhtin; Voloshinov conforme é divulgado na publicação que será citada.

definição fechada do que seria uma análise dialógica do discurso, esta perspectiva traz “uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2006, p.10).

Uma análise dialógica do discurso não aborda as enunciações desvinculadas da história, do horizonte ideológico dos sujeitos e do contexto em que são produzidas. Há sempre o olhar para a dimensão extralinguística das falas:

O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. (...) A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p.121)

Barros (1996, p.33) destaca que, para a teoria bakhtiniana, o discurso nunca é individual, porque ele “se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um diálogo entre discursos, ou seja, porque mantém relações com outros discursos”.

Diante disso, buscou-se aqui realizar uma análise do discurso, sempre levando em conta as determinações imediatas criadas no diálogo entre os interlocutores presentes, observando o contexto mais amplo que também produz as enunciações.

A teoria de Vigotski, em congruência com a ótica do Círculo de Bakhtin, propõe que a palavra significativa seja a unidade de análise, o ponto de partida para se compreender, por exemplo, os pensamentos dos sujeitos. Para Vigotski (1992) as palavras não são apenas manifestações externas do pensamento, mas é por meio delas que o pensamento passa a existir. Além disso, o pensamento não está desvinculado das emoções, pois só se pode ter uma compreensão plena do pensamento dos sujeitos, quando é entendida a sua base afetivo-volitiva. Não basta entender as palavras, deve-se buscar compreender os pensamentos, indo atrás das motivações e emoções que estão por trás deles. Deste modo, nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de ter atingido este plano.

A partir da teoria bakhtiniana, Amorim (2007) destaca que o objeto das ciências humanas acaba sendo o texto (ou discurso), pois estas ciências voltam-se em seus estudos para o homem, porém o homem visto como produtor de textos. As palavras tecidas em um texto são consideradas, segundo a autora, como objetos

significantes ou de significação, produtos da criação ideológica. Além disso, o texto é considerado um tecido de muitas vozes, sempre dialógico e único (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004).

Freitas (1997, p.323), em seu artigo sobre a relação das teorias de Vigotski e Bakhtin, destaca que os dois autores veem a linguagem como organizadora do pensamento e planejadora da ação. Segundo a autora, para Vigotski, “o significado de cada palavra é uma generalização, um conceito, que por sua vez, são atos do pensamento. Assim, o significado da palavra é a chave da compreensão da unidade dialética entre pensamento e linguagem”. Para Bakhtin, (citado pela autora, p. 323), a palavra é compreendida também como material semiótico da consciência e, além disso, “como fenômeno ideológico, que exercendo a função de signo, reflete e refrata a realidade”.

Portanto, a partir destas duas teorias, pode-se concluir que por meio do signo é possível “conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo, sua inserção na história, no social, o cultural pela linguagem, pelas linguagens” (BRAIT, 2006, p. 23).

Diante disso, nas entrevistas e conversações realizadas, não se buscou apreender somente as palavras ditas pelos jovens. O intuito foi de compreender os pensamentos dos sujeitos, suas relações, seus silêncios, suas emoções e motivações, além do caráter ideológico de seus discursos ou o contexto de produção (imediato e amplo) destes pensamentos. Tentou-se observar nesta investigação a relação dialógica em uso, combinando o caráter extralinguístico com o que existe de individual, criativo e variável nesta relação. Olhou-se para os sujeitos que participaram da pesquisa (os jovens, funcionários das instituições ou o pesquisador) como “sujeitos plenos ou preenchidos, tanto por qualidades modais necessárias a suas competências comunicativas, quanto por valores decorrentes das relações com o extra-linguístico e com a sociedade” (BARROS, 1996, p. 32).

Buscou-se trabalhar com a ideia do pesquisar como uma ação de compreender. Tezza (1996) afirma que para Bakhtin, a compreensão é um processo ativo e ao mesmo tempo responsivo.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto

mais numerosas e substanciais foram, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 131).

Assim, o ato de compreensão é uma forma de diálogo em que se opõe à palavra do locutor uma contra-palavra. A análise do discurso, a partir desta perspectiva, não se dedica a descrever fatos, frases ou dados. Nessa pesquisa, buscou-se compreender e produzir discursos sobre como os jovens constituíram sentidos sobre a experiência de suas criações.

Amorin (2006) destaca que

o texto do pesquisador não deve emudecer o texto do pesquisado, deve restituir as condições de enunciação e de circulação que lhe conferem as múltiplas possibilidades de sentido. Mas o texto do pesquisado não pode fazer desaparecer o texto do pesquisador, como se este se eximisse de qualquer afirmação que se distinga do que diz o pesquisado. O fundamental é que a pesquisa não realize nenhum tipo de fusão dos dois pontos de vista, mas que mantenha o caráter de diálogo, revelando sempre as diferenças e a tensão entre elas. (...) O pesquisador deve fazer intervir sua posição exterior: sua problemática, suas teorias, seus valores, seu contexto sócio-histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver (2006, p. 100).

Desse modo, pretendeu-se analisar as informações, respeitando a riqueza de sentidos trazidos pelos jovens, ao mesmo tempo produzindo discursos a partir de suas falas. A pesquisa realizou o exercício de compreensão sempre emocionado, da realidade estudada.

Após as transcrições, leituras e releituras de cada entrevista e do diário de campo, o exercício de compreensão se dividiu metodologicamente em três fases.

Na primeira etapa de análise, realizou-se um exame da relação dialógica entre a pesquisadora e os jovens, além da relação da pesquisadora com a temática da pesquisa. O material utilizado para essa parte da análise, foi basicamente o diário de campo, além de trechos das entrevistas que foram sistematizados a partir deste enfoque. O resultado do exame permeou toda a análise da pesquisa, porém foi melhor detalhado no sub-capítulo 2.4 (Relações Dialógicas Jovens e Pesquisadora).

O fato de iniciar a análise das informações buscando compreender a relação dialógica entre os sujeitos da pesquisa é relevante dentro da perspectiva teórica utilizada, pois se entende que a produção dos próprios sentidos, objeto deste estudo, não estão prontos para serem capturados pelo pesquisador, mas também são produzidos no diálogo intersubjetivo propiciado pela pesquisa.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda a palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 113).

Portanto, é importante a análise da direção que tomou a palavra dos jovens ou do pesquisador, já que esta é sempre dirigida a um outro (ou outros), representante naquele momento do diálogo com a coletividade.

A segunda fase de análise realizou um levantamento dos conteúdos apresentados pelos jovens em todas as entrevistas. A partir desse levantamento, foi realizada a sistematização de todas as entrevistas, que foram divididas em 3 temáticas gerais. Foi detalhado o que os jovens falavam sobre:

a) a privação de liberdade: as instituições de internação, cadeias ou delegacias e suas regras de convivência;

b) o histórico de vida de cada um: relações com a família e amigos, com a rua¹⁸, com o mundo do crime, com a cidade;

c) o processo de criação dos objetos: como é feito, com que materiais, o destino dos objetos, o que o pensam e sentem sobre eles, os processos de ensinar e aprender a confecção dos mesmos e quais/como são os momentos de criação.

A construção das categorias de análise facilitou a visualidade dos contextos e condições de criação, importantes para se compreender os sentidos dos jovens em relação a estas experiências criadoras. Além disso, organizou e promoveu um melhor detalhamento sobre o processo de criação propriamente dito.

Após estas duas fases, na terceira etapa realizou-se uma análise da integralidade de cada entrevista para explicar o processo singular de constituição de sentidos de cada jovem sobre suas experiências de criação. Percebeu-se que os sentidos de cada jovem sobre estas criações perpassavam todas as temáticas anteriormente categorizadas. Eles se fazem presentes e se produzem na relação que foi estabelecida do jovem com a pesquisadora ou com a pesquisa, nos relatos sobre suas histórias de vida, no próprio contexto da privação de liberdade e na

¹⁸ A palavra rua na gíria dos internos tem um significado mais próximo à liberdade do que a rua propriamente dita. Eles dizem que em certo período estavam presos (internados ou privados de liberdade) ou na rua (em liberdade). No espaço fechado (cárcere) ou aberto (rua).

maneira como viam e descreviam o processo de criação. Assim, se fez necessário retornar a cada entrevista para buscar os trajetos, que não são lineares, do jovem na constituição de sentidos sobre a criação daqueles objetos e a integralidade, sempre temporária, deste processo.

Para a compreensão da produção dos sentidos dos sujeitos, sem que se perca esta integralidade, Aguiar (2006), que tem como fonte a teoria de Vigotski, afirma:

O processo de análise não deve ser restrito à fala do informante: esta deve ser articulada (e aqui se amplia o processo interpretativo do investigador) com o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade (AGUIAR, 2006,p. 20).

É importante destacar que esta totalidade não faz dos sujeitos ou de suas falas algo coerente, linear ou sem contradições. Pelo contrário, quando se busca atingir esta integralidade, considerando que toda totalidade é transitória e não definitiva, percebe-se que as falas não são desarticuladas do contexto, dos presumidos ou dos não-ditos presentes nos diálogos vividos na pesquisa e, por este motivo, os conteúdos trazidos podem ser semelhantes, complementares ou até mesmo contraditórios. Isso porque a própria realidade ou o próprio pensamento, que tem uma base afetivo-voltiva, também são repletos de contradições.

2.3 Os Jovens

Os oito jovens que participaram da entrevista foram Alex, Bruno, Anderson, Lealdade, Bill, Matheus, Magrão e Leonor¹⁹.

Alex veio para a entrevista por indicação dos funcionários, pois fazia pouco tempo que tinham lhe confiscado um gorro que ele usava e que não era permitido na Unidade naquela data. Além disso, alguns funcionários citaram também que ele fazia origami (dobradura em papel) e que haviam encontrado uma máquina de tatuagem no seu alojamento. Contudo, o que Alex realmente afirmou criar foram pulseiras, uma intervenção no espaço que ele nomeia como “meu espaço” (que será descrito no 3º capítulo deste trabalho) e um cachimbo.

¹⁹ Para manter o sigilo dos participantes, os nomes nesta pesquisa são fictícios e a escolha dos mesmos ficou a critério dos próprios jovens.

Anderson veio por indicação de Alex e produzia pulseiras. Lealdade foi indicado por Anderson e construía buquês de flores em papel. Bruno era atendido por mim e o convidei para a entrevista, pois sabia que produzia origami. Já Bill foi recomendado por um jovem que veio para a entrevista indicado por um funcionário, mas que não quis ser entrevistado, pois afirmou que não produzia nenhum objeto ou qualquer outra criação. Bill produzia gorros, origami, pulseiras e escrevia RAP no alojamento.

Matheus, Magrão e Leonor produziam peças em gesso e utilizavam o pirógrafo²⁰ nas aulas de artes. Além destes objetos produzidos nas aulas, Matheus fazia origami, pulseiras e máquinas de tatuagem, Leonor desenhava letras em uma parede do alojamento e Magrão também produzia origami, além de redes para deitar, confeccionadas com cobertas.

A idade dos jovens variou entre 16 e 19 anos, e a escolaridade entre 5ª e a 8ª série. Em relação ao local de residência dos mesmos, dos 8 entrevistados, 5 eram residentes de Curitiba ou de cidades da região metropolitana e 2 eram do interior do Estado. Todos eram residentes de bairros populares nestas cidades.

Esses jovens encontravam-se em privação por responderem por diferentes atos infracionais. No momento da pesquisa, 2 deles respondiam por homicídio, 4 por roubo e os outros 2 por tráfico de drogas.

Diversos aspectos das histórias de vida destes jovens, dentro e fora da privação, são relevantes para se compreender a constituição de sentidos sobre os objetos criados. Contudo, estes aspectos não serão descritos de forma linear neste capítulo. Eles serão trabalhados nos próximos capítulos, na relação com a produção de sentidos sobre as experiências específicas de criação de cada um. Isso porque realizar uma breve descrição de cada jovem poderia criar uma descaracterização da integridade e singularidade de suas constituições, além de colocar em risco o aspecto ético do sigilo da pesquisa, pois eles poderiam ser identificados, caso fosse exposto seu local de residência, escolaridade, ato infracional e idade.

Apenas 3 (Bill, Anderson e Bruno) não escolheram um nome fictício para a pesquisa, o que ficou a critério da pesquisadora. Os demais escolheram e comentaram na entrevista as motivações de suas escolhas.

²⁰ Pirógrafo é um aparelho elétrico que faz gravações através do calor. Ele tem uma ponta de metal que aquecida serve para fazer gravações em madeira, pano, couro ou outros materiais. Com esta ponta de metal os jovens fazem letras e desenhos na madeira.

Os nomes puderam revelar, em alguns casos, questões relevantes da relação que os jovens buscaram estabelecer com a pesquisadora, ou sobre suas histórias de vida. Um exemplo foi Alex, que contou que escolheu este nome porque já o utilizou algumas vezes ainda quando estava na rua. Disse que já usou este nome para enganar os professores quando não queria ser reconhecido por ter feito algo “errado” na escola. Além disso, disse também que na vila já fez isso, quando conhecia uma menina e queria impressioná-la. O jovem contou que seu nome verdadeiro já era conhecido na vila por ele ser “do crime”, e quando dizia “Alex” as meninas não podiam reconhecê-lo. Uma forma de ter, quando queria, uma identidade “limpa” com as meninas.

A partir disso, pergunto a ele como é o Alex e ele diz:

Ah sei lá, pra algumas pessoas tem que mostrar o lado melhor, né? Lado alegre, divertido. É assim, né? E pra outras pessoas, tem que mostrar o outro lado, mais um pouco bravo, um pouco mais irritado, que não gosta muito de falar.

Quando questiono como ele é, a partir de seu nome verdadeiro, responde:

*Acho que eu não sei, sei lá, na **mesma hora é alegre, triste, tem coisas que é bom e tem coisas que é ruim.** É altas coisas, que tem um lado e tem o outro, né? Que faz parte. **Agora, o Alex pra um caso ele é uma coisa, pra outro ele é outra. Com uma pessoa ele é um, e com uma pessoa é outra. É isso.***

É interessante notar que ele visualiza a simultaneidade e ambiguidade de sua constituição, sendo bom e ruim ao mesmo tempo. Já o “Alex” aparece como um personagem que ele busca cindir conforme a pessoa com quem ele irá se relacionar: ora mostrando o “lado melhor”, “alegre” e “divertido”, ora o “outro lado”, “bravo” e “irritado”. Como se ele pudesse, com este personagem, diminuir as contradições, apresentando só um dos lados, ou bom ou mal.

O jovem diz que, para alguns, é um Alex mais irritado e que não gosta de falar muito. Na entrevista, tentou não ser este “Alex bravo”, pois se mostrou muito solícito, falante, explicando detalhes do cotidiano da privação e contando fatos que são segredos, que não poderiam ser revelados pelo risco dele ser considerado um “cagueta”, um delator.

O jovem Lealdade escolheu o nome baseado em uma música de Rap, de nome Diário de um detento, dos Racionais Mcs (1998). A partir da experiência de 3 anos trabalhando no CENSE São Francisco, percebo que esse é um rap muito conhecido entre os jovens encarcerados, quase que um hino dos detentos.²¹

Lealdade cita na entrevista a estrofe da música que diz: *“Lealdade é o que todo preso tenta, conseguir a paz de forma violenta”*. O tema de se conseguir a lealdade, mesmo que de forma violenta, foi relatado em vários momentos da entrevista por Lealdade. Este jovem já esteve em uma cadeia com adultos, além de ter passado por várias unidades de internação de jovens, vivenciando momentos de brigas, violências entre internos e dificuldades de sobrevivência no cárcere, como estar diante da falta de alimentos e de ter de ficar mais de um ano sem banho de sol, por exemplo.

Bill pede que eu escolha um nome para ele na pesquisa: *“Pensa num nome. Um nome bacana, pá.”* Acabo escolhendo um nome de um *rapper* uma vez que o rap aparece na entrevista como a criação que ele mais mencionou e gostou de fazer.

Já o nome do jovem Magrão teve que ser modificado pela pesquisadora. Como não foi possível o contato com o jovem após a entrevista, foi decidida a mudança do nome que ele havia escolhido, pois o mesmo era o seu “vulgo”²² na rua. Mantendo-o, poderia haver a identificação do jovem.

Buscou-se, portanto, um nome que não pudesse ser identificado, mas que retratasse o tema presente em seu vulgo, e que foi falado pelo jovem durante toda a entrevista, que é a questão do alimento. Durante a entrevista, este jovem falou muito sobre alimentação, sobre o fato de ser magro, de ter passado fome dentro da privação, de ter trocado os objetos criados por comida ou, por exemplo, sobre o que comia quando ainda não estava preso:

Eu sempre tive do bom e do melhor. Eu podia comer 4, 5 bolachas por dia, 10 carnes, 10 bifês, sabe? Minha mãe não ligava, comprava mais.

²¹ Frases ou expressões presentes nas músicas de Rap apareceram em várias falas, gravadas, desenhadas ou tecidas nos próprios objetos criados pelos jovens. Este estilo musical acaba sendo um repertório importante para o processo de criação dos jovens.

²² Os jovens utilizam a palavra vulgo ao invés de apelido. Vulgo é o termo também utilizado pela Justiça ou pela polícia nos laudos, relatórios e boletins de ocorrência. Para os jovens, apelido é o termo utilizado somente para mulheres e vulgo para os homens.

Chocolate podia comer à vontade. Se pedir uma coisa dessas pra uma mãe lá (na “rua”), eu duvido que a maioria ganhe. (Magrão)

Além disso, declara que troca os objetos produzidos na privação por alimentos.

Eu como duas marmitex, duas na hora do almoço e duas na janta. Daí eu tenho que trabalhar pra conseguir estas duas marmitex. Que uma peça de gesso eu vendo por três marmitex. (Magrão)

Matheus e Leonor partem do tema da paternidade para escolher seus nomes. Um deles se intitula a partir da seleção de um nome que gostaria de dar a seu futuro filho e o outro como uma forma de homenagear seu pai, sendo uma questão que foi citada em quase todas as entrevistas como um tema delicado para os jovens e permeados de conflitos:

Eu sou revoltado com ele porque ele batia na gente por qualquer coisa. Mas, por um motivo, ele quis tentar educar, mas de modo errado, né? Porque uma vez eu derrubei um pote de conserva de cebola, grande, tinha umas 70 cebolas. Ele me fez comer tudo. Uma vez eu ponhei uma caneca de vinho dentro da panela de arroz, ficou horrível e ele me fez comer tudo. Ele me batia de fazer vergão no vivo assim e fazer eu tomar banho na salmora. Isso foi coisas que me irritou. Tanto que eu enchi ele de porrada da última vez que ele veio tentar me bater. Mas, quebrei mesmo! E eu não tenho um amor, amor de pai assim. Tenho respeito, mas não é aquele respeito também. O respeito que ele me dá, eu dou pra ele agora. Da mesma forma. (Magrão).

Eu tinha seis anos, ele foi embora de casa e nunca mais deu notícia. Nunca mais tive notícia dele... (voz triste). (Matheus)

Quando eu tinha uns 16 ano, eu queria até matar ele (o padrasto), porque ele ameaçou minha mãe de morte de dentro da cadeia. Minha mãe mostrou as mensagens dele ameaçando minha mãe. Daí eu falei pra minha mãe que ia conversar com ele, mas minha mãe não deixou. Eu ia conversar com os caras lá dentro pra matar ele, mas aí eu cai preso, eu perdi o contato e não sei o que tá acontecendo. Faz seis meses que não tenho notícias dele. Mas queria matar ele, se ele fizer alguma coisa com a minha mãe eu vou matar ele. (Leonor)

Meu pai é falecido. Nem conheci ele. Ele tava preso. Mataram ele na cadeia, pá. (...) É, minha mãe nem gosta de falar dele que, passou um tempo, minha mãe passou a não gostar mais dele por causa das coisas

que ele fazia. Uns bagulho madeirado²³. Traficava, bagulho de tráfico, roubava carga, daí minha mãe não gostava, pá. Minha mãe tinha terminado com ele.(...) Passou até na rede Globo a morte do meu pai. Eu assisti ele na televisão. A única vez que eu vi ele assim pá mesmo, foi na televisão. Oh, fiquei até meio pá. (Bill)

Como é que foi, o que você sentiu?(Pesquisadora)

Ah, eu nem conhecia ele, daí minha mãe começou a chorar. Daí eu era bem pivetinho ²⁴ na época né, comecei a chorar também, né. Fui de carroça ²⁵ quando comecei a chorar. Começou a falar o nome dele, pá. Daí eu fiquei olhando na tela assim, pá. Embaçado! Falei duas vezes com ele por telefone quando ele tava lá. Mataram ele bem no dia dos pais. Embaçado! (Bill)

Depois eu mudei pra cá porque eu fiquei sozinho, meu pai sumiu, me abandonou.(Bruno)

Relatos sobre violências domésticas ou problemas enfrentados pelos jovens com seus pais foram constantes nas entrevistas. Somente um jovem contou que criava objetos pensando em dá-lo para o seu pai. Em compensação, quase todos eles relataram criar vários objetos no intuito de presentear suas mães, o que fará parte da constituição de sentidos sobre o fazer criador desses jovens.

2.4 A relação dialógica entre a pesquisadora, a pesquisa e os jovens

Para que se realizasse uma análise dialógica do discurso da pesquisa, foi fundamental compreender os diversos aspectos da relação pesquisadora/pesquisa com o jovem. Isso porque, como já foi dito, a constituição de sentidos, objeto da investigação, não é um dado pronto a ser coletado pelo pesquisador, mas um ato que se constitui na relação dialógica. Para Bakhtin; Volochínov (2004, p.132), “a significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro”. Vigotski (1991) também destaca que é na interação social que se produzem os sentidos e os significados.

²³ “Madeirado” ou o verbo “madeirar” são expressões muito utilizadas pelos internos e tem vários significados conforme o contexto. Neste caso, “madeirado” significa errado.

²⁴ Na gíria dos internos, a palavra criança pode ser considerada uma ofensa. Portanto, a palavra usada é “pivete” ao invés de criança.

²⁵ “Ir de carroça” é como “ir de embalo”, seguir o que os outros estão fazendo.

Além disso, segundo Barros (1996), a teoria dialógica dos discursos olha para a realidade concreta da língua, que vê a língua como em processo de evolução ininterrupto, devido à interação verbal. A língua sob esta perspectiva não pode ser compreendida independente dos conteúdos e valores ideológicos ou da estrutura da enunciação, que é sempre social.

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, P.123).

A necessidade da interação verbal, do diálogo, da relação com um “outro” na constituição da linguagem, demonstra a visão dialógica desta perspectiva sobre o fenômeno da comunicação ou constituição dos sujeitos. Para Barros (1997) o tema dominante nos escritos do Círculo de Bakhtin é o princípio dialógico, o dialogismo, porque, para essa teoria, não é possível pensar o homem fora das relações sociais. Sua concepção de linguagem é dialógica e as ciências humanas, a partir desta visão, acabam tendo método e objeto dialógicos, bem como a própria visão de homem e de vida são permeadas por este princípio, onde a alteridade é o que define o ser humano.

Barros (1997, 1996) separa duas noções de dialogismo que permeiam os escritos bakhtinianos: o diálogo entre interlocutores e entre discursos. O primeiro fala da relação entre sujeitos, entre os interlocutores que interagem em um diálogo. Já o dialogismo presente na relação entre discursos, apresenta o diálogo mais amplo, social, dos sujeitos com a sociedade, pois o locutor é sempre um ser social.

Toda pesquisa que faça uma análise dialógica dos discursos deve compreender e discutir estes dois níveis de diálogo que estão presentes em cada enunciação. A pesquisa não deixa de ser a própria interação de vozes, fruto de relações sociais mais amplas (entre discursos) e que ao mesmo tempo promove um encontro entre interlocutores que é único, singular e irrepitível.

Assim, os sentidos dos jovens foram explicitados como parte dessa gama de relações que se estabeleciam. Além disso, pretendeu-se que o leitor pudesse compreender a especificidade dos encontros promovidos pela pesquisa, sem perder de vista que também estes estão inseridos nas relações sociais mais amplas.

Além disso, segundo Amorim (2007)

entre o discurso do próprio pesquisador que pretende analisar e conhecer, uma vasta gama de significados conflituais e mesmo paradoxais vai emergir. Assumir esse caráter conflitual e problemático da pesquisa em Ciências Humanas implica renunciar a toda ilusão de transparência: tanto do discurso do outro quanto do seu próprio discurso (AMORIM, 2007, P.12).

Seguindo essa perspectiva, buscou-se apresentar e analisar algumas das vozes que permearam o meu próprio discurso, enquanto pesquisadora. O discurso, que hoje busca dialogar com o leitor é fruto das relações sociais que constituíram a visão de mundo do pesquisador a respeito dos sujeitos pesquisados e que se transformou a partir da própria interlocução estabelecida pela pesquisa (com outros sujeitos, textos e jovens).

Enfim, foram realizados diversos diálogos da visão de mundo do pesquisador com as vozes presentes nos discursos dos jovens, das instituições campo da pesquisa, dos funcionários, de colegas de mestrado, da orientadora, entre outros.

Um aspecto relevante - em relação às vozes presentes no meu próprio discurso enquanto pesquisadora - é o fato de ter trabalhado nos locais que foram campo da pesquisa (CENSE São Francisco e CENSE Curitiba).

Destaco que a experiência de trabalho nestes locais abriu portas para os questionamentos realizados, para a facilitação da conversa com os jovens e para a própria construção do problema da investigação. Se não estivesse no dia-a-dia da instituição, dificilmente conheceria a existência dos objetos confeccionados pelos jovens e compreenderia a dinâmica de criação dos mesmos.

Porém, este mesmo pertencimento cria também alguns complicadores na prática da pesquisa. Ao mesmo tempo em que a experiência de trabalho e convívio com os jovens abriu meu olhar para alguns temas, algumas vezes, dificultou ou impediu a percepção de questões cotidianas relevantes.

Esta pesquisa, por ter sido em um local familiar para mim, exigiu um exercício de estranhamento ainda maior em relação ao que é vivido cotidianamente. Exigiu um movimento de não completa imersão no cotidiano, para que possibilitasse o exercício do ato de pesquisar.

Para Bakhtin (citado por AMORIN, 2006), a criação estética ou de pesquisa implica sempre um movimento duplo: de tentar ver com os olhos do outro; e de retornar à sua exterioridade através de seu próprio olhar ou sua posição singular. Assim, o ato de pesquisar, principalmente em um contexto familiar e cotidiano,

demanda ao pesquisador um movimento constante de aproximação e distanciamento.

De acordo com Velho (1978), de alguma maneira, em uma pesquisa ou intervenção se está sempre falando do conceito de distância quando se levanta a necessidade, como Da Matta (citado por VELHO, 1978, p.36) propõe, de transformar o “exótico em familiar” ou o “familiar em exótico”.

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (DA MATTA, citado por VELHO, 1978, p. 39).

Na pesquisa desenvolvida, se apresentou a necessidade de olhar para o cotidiano em um movimento exotópico²⁶, de não imersão total nesse familiar, ou de se exercitar o estranhamento para compreender as relações e sentidos dos sujeitos pesquisados.

Para Bakhtin (2003), somente através da exotopia é possível o ato de compreender, criar ou contemplar. É necessária esta relação de tensão entre dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro.

A exotopia, enquanto necessidade do outro em suas constituições, é condição ontológica dos sujeitos:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão–, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. (BAKHTIN, 2003, p.21)

No ato do pesquisar isso também se repete. Olhamos um “outro” e assim podemos ver o que lhe é inacessível. No pesquisar, busca-se olhar para o contexto e suas relações sociais, por meio de um estranhamento que os torna não mais

²⁶ Paulo Bezerra na introdução da obra *Estética da Criação Verbal* (Bakhtin, 2003), afirma que era utilizado na edição anterior deste mesmo livro o termo “isotopia”. Para ele, a argumentação de Bakhtin leva a crer que estes termos possam ser traduzidos como distância ou distanciamento.

naturalizados. E este foi o movimento necessário no caso desta pesquisa, para que se ultrapassasse as dificuldades de realizar uma pesquisa em um contexto familiar e diário de trabalho.

Trabalhei de 2004 a 2008 no CENSE São Francisco, como psicóloga. No primeiro ano de trabalho fui servidora temporária da equipe técnica do Instituto de Ação Social do Paraná, ligado à Secretaria do Trabalho. O trabalho do psicólogo na equipe técnica é de atendimento ao jovem e à família, de acompanhamento do desenvolvimento do jovem em todos os setores da Instituição e de elaboração de relatórios técnicos que subsidiam os juízes na manutenção ou não da medida socioeducativa.

De agosto de 2005 a julho de 2008, passei a exercer a função de psicóloga pela Secretaria do Estado da Saúde (SESA), desenvolvendo um projeto específico de saúde integral com ênfase em saúde mental, na Instituição. O projeto era uma parceria entre as Secretarias do Estado da Saúde e Secretaria da Criança e Juventude do Paraná e contava no CENSE São Francisco, no ano de 2007, com uma equipe composta por 1 (uma) psicóloga, 1 (uma) enfermeira e 1 (uma) terapeuta ocupacional. Esta equipe foi transferida, em julho de 2008, para o CENSE Curitiba, no qual permaneci somente por uma semana, pois logo após esta data deixei a Instituição para atuar com liberação sindical no SindSaúde/PR (Sindicato dos Trabalhadores da Saúde Pública do Estado do Paraná), no qual me encontro até hoje.

No CENSE Curitiba atuei exclusivamente realizando a pesquisa. Vale ressaltar que todo o processo de análise dos dados se deu no período em que já não me encontrava mais em nenhuma das instituições. Este fato foi de grande ajuda no sentido de poder olhar com mais estranhamentos às falas e à própria dinâmica institucional.

O exercício do projeto de saúde, que iniciou em 2005, também possibilitou maior autonomia em relação à Instituição e perante o trabalho com os jovens, pelo fato de pertencermos a uma outra Secretaria e estarmos cedidos para desempenhar um trabalho específico e sigiloso de saúde mental com os jovens. O fato do pesquisador não compor diretamente a equipe que produz os relatórios aos Juízes, ou pelo projeto ter um lugar mais afastado em relação ao corpo institucional, permitiu um contato mais próximo aos jovens e distanciado em relação à dinâmica cotidiana da Instituição.

Contudo, mesmo tendo esta função mais distanciada no CENSE São Francisco, ou explicando aos jovens qual era minha intenção enquanto pesquisadora, em alguns encontros foi possível constatar a preocupação com o sigilo e com o que seria falado na entrevista. Em um dos encontros, antes de iniciar a gravação da entrevista, um dos jovens buscou se certificar que as informações não seriam repassadas à instituição. Ele perguntou abertamente se a intenção da entrevista não era de *“pescar o que eles estão fazendo e contar para a unidade”* ou *“contar coisas que eles (funcionários) não podem ficar sabendo”* (Alex). Percebi, após analisar a entrevista deste jovem, que ele trouxe muitas questões sobre as regras dos internos ou de coisas proibidas pela instituição e, por isso, queria se certificar do vínculo que seria estabelecido comigo antes de começar a falar.

No diário de campo aponto: *“Alex diz que os outros jovens não podem saber que ele falou coisas **aqui embaixo**, pois senão ficaria como cagueta e podem cobrar a cena **lá em cima**”*. Na fala do jovem, está representada a preocupação dele tanto com os funcionários, ou com uma possível represália por parte da Instituição, como com os próprios jovens que têm um pacto de sigilo que não pode ser quebrado.

Destaco este “embaixo” e “em cima”, pois estas expressões são falas correntes entre os jovens e retratam também o lugar que a pesquisadora pôde ocupar para os mesmos.

No CENSE São Francisco, os jovens chamam de “em cima” o espaço dos alojamentos (que são como se fossem celas), chamados por eles de “xis” ou “barraco”. Durante toda a história da Instituição, quase todos os alojamentos eram no 1º andar de dois blocos específicos. Hoje, após algumas reformas, ainda um bom número de alojamentos está localizado nestes pisos superiores.

Porém, por mais que haja uma relação da palavra com o espaço físico da instituição, o que é chamado de “em cima” representa mais do que um espaço físico. É um espaço de relações que eles chamam de “convívio na cadeia”. Este convívio inclui os próprios jovens e, em alguns casos, também os educadores, chamados por eles de “guardas”.

“Embaixo” refere-se basicamente aos setores técnico, profissionalizante, escolar e de saúde. “Embaixo” os jovens são avaliados pelos profissionais destas áreas e que eles descrevem como um espaço com outras normas e regras diferentes das deles. Sobre este “embaixo” e “em cima”, Alex afirma:

*Aqui embaixo, tipo, eu posso chegar ali no começo e falar pra técnica “não, eu vou mudar, não eu, pô, tô arrependido e tal”. Tô mentindo né, porque como que de uma hora pra outra eu vou mudar? Então, ir levando né? Tipo, que nem **aqui pra baixo, tem que viver no comportamento. Que nem tem as regras, seguir as regras, respeitar.** Tudo isso aqui é contado, pra daí no final de tudo ir um relatório bom, de preferência de desligamento, pra ir embora. Aqui embaixo tem que seguir assim, as normas. (...) **Lá em cima não pode desmaiar pros piás**, pra não ir pro seguro. (...) Aí você tem que pedir pro mais antigo te passar uma lista do que pode falar, do que não pode, pra você não desmaiar²⁷. (...) Não sei se na outra ala tá assim ainda, mas era umas oitenta, cem coisas pra lembrar. Então, torna difícil pra certos piá, que tem a pinha²⁸ fraca. E chegou uma época que se o cara desmaiasse no corredor os cara podiam bater nele ali, ou ficava amarrado.*

Além disso, quando é perguntado como é estar no CENSE, ou o que ele sente e pensa em relação a isso, o jovem diz:

*Ah como é estar internado aqui... É difícil sobreviver, não sobreviver de morrer e tal, **sobreviver assim na linha com vocês aqui embaixo e nós na linha lá em cima.** Aqui embaixo porque eu tenho que ser sossegado, pra ir no relatório bom, pra mim ir embora o quanto antes. E lá em cima não desmaiar nas idéias pra não acabar indo pra ala D²⁹ que eu acho que é pior das coisas que tem. (Alex)*

Alex fala de como é difícil sobreviver às duas regras de convivência. São espaços distintos, com normas de comportamento diferentes, porém com a semelhança de aplicarem punições aos que não derem conta em cumpri-las. Estas punições podem se dar por meio da permanência na privação de liberdade (a partir das regras de baixo) ou pelo descredenciamento do jovem no mundo do crime, colocando sua vida em risco (regras de cima). Tanto as normas de baixo – que contêm os discursos da ciência, da avaliação, da legalidade formal, das regras institucionais, como as de cima – com o discurso das regras da cadeia ou do “mundo do crime” (como dizem os jovens), podem promover violências.

É natural, portanto, diante destas punições previstas, que os jovens buscassem certificar-se, antes de iniciar a entrevista, de que realmente seria

²⁷ Desmaiado é o sujeito desligado, distraído. Desmaiar significa descumprir ou estar desatento às normas entre os jovens.

²⁸ Pinha significa cabeça.

²⁹ Essa é a ala no CENSE São Francisco considerada “seguro”. Este também é o nome usado em algumas cadeias para o espaço onde permanecem cárceres que estão ameaçados de morte por diversos motivos: brigas, por terem delatado alguém, por terem cometido atos infracionais que não são aceitos entre os encarcerados como os de ordem sexual (estupro ou atentado violento ao pudor), por exemplo.

mantido o sigilo de sua identidade. Como a confecção de alguns objetos é proibida pela Instituição, caso não houvesse uma relação de confiança para se falar sobre o tema, a pesquisa ficaria comprometida.

Quando Alex fala em “sobreviver na linha com **vocês** aqui embaixo”, ele me inclui neste lugar social dos “de baixo”. Este lugar social traz alguns limites e determinações de quais e como seus enunciados serão proferidos comigo. Porém, esta determinação não é total, pois, por vezes, foi possível ver que os jovens romperam com estas determinações no momento em que quiseram falar de conteúdos ditos proibidos e de alguns elementos internos, que talvez não pudessem ser relatados no dia-a-dia da instituição a um técnico ou a um funcionário da unidade.

Um exemplo foi o relato de Alex sobre os objetos que os funcionários trazem escondidos para os jovens. Esta é uma prática proibida pela Instituição podendo ser conferidas sanções aos jovens ou aos funcionários.

Daí os corre³⁰ proibido mesmo é o da pasta de dentes quando acaba, um sabonete, um sazon pra ajudar no meio do alimento, perfume pra domingo também usar, essas coisas assim. Só que tem cara que exagera, tem cara que pede gel, tem piá que pede escova de dente mais bonita. (...) Aí foi conversado lá em cima que essas coisas não era pra ficar pedindo, que daí pesava pro educador, que daí ia acabar pedindo pra sair da ala. (Alex)
Já aconteceu de ter um educador que trazia e ter que sair da ala? (Pesquisadora)
Não, o educador pede pra sair, né? Porque ele inventa alguma coisa, fala que tão ameaçando, ou “eu tô assim...” Mas na real é porque o bolso dele tá pesando. Não tá aguentando mais gastar. (Alex).
Tinha muita maconha. Daí ficava muito loco lá. Tá gravando essa fita aí né? (riso) E eu falando... falando mesmo, falando a verdade! (Bill).

As diversas entrevistas mostraram o quanto o lugar da pesquisa propiciou um espaço não institucional, ou oficial, do que é relatado ao Judiciário, por exemplo. O espaço propiciado por esta investigação criou fissuras nos muros que produziam limites nos discursos “do embaixo”, bem como também não faz parte do diálogo entre “os de cima”. A pesquisa criou seu espaço próprio de diálogo, com contradições singulares e diversas vozes permeando os discursos.

Para que pudessem falar de suas criações, os jovens acabaram confidenciando o que poderia ser considerado segredo em suas vidas ou na própria

³⁰ Corres ou correrias são ações dos jovens em busca de algum material ou objetos.

dinâmica e relação na privação de liberdade. Para acessar os sentidos das criações dos objetos, foi preciso dialogar sobre “proibidos” das instituições, sobre normas entre eles e suas opiniões sobre elas.

A forma de tratamento utilizada por alguns jovens para se dirigir a mim retratou também a maneira como se portaram na entrevista, muitas vezes com muita naturalidade e à vontade. Bill chega a se surpreender com a maneira em que fala: “ôrra, tô te chamando de mano (risos)”. Ou Alex, por exemplo, que me chamou de “cara” em vários momentos, como este: “Daí cara, nada haver, daí ele foi tiriçando ³¹ tudo e virou isso. (...) Nada haver cara, dessas coisas, cara!”.

Entretanto, na leitura do diário de campo pude perceber outras vozes que também estavam permeando a minha relação com os jovens. Não foram só os jovens que me colocaram, por vezes, no lugar social dos de “baixo”. Eu mesma, em alguns momentos, me coloquei neste lugar social de avaliação e me vi no papel de uma “psicóloga avaliadora”. O relato do diário de campo retrata bem este aspecto:

O jovem é bem falante e parece tentar mostrar a todo o momento o quanto é bonzinho. Mas, a todo o momento se contradiz. Passa a impressão, para mim, de ser meio inconsequente e de ser até meio agressivo. (...) Minha visão de psicóloga avaliadora se fez presente nesta entrevista: não consegui evitar de pensar que este jovem não tem muita reflexão sobre os atos infracionais que fez ou sobre sua dependência química. Que ele tem um discurso muito defensivo e a todo o momento se contradiz. Não consigo evitar em avaliá-lo nestes parâmetros e ficar, por vezes, assustada com sua frieza ou falta de reflexão sobre as coisas que já fez. Logo após a entrevista, uma funcionária me relata que o atendeu e que ele tem um histórico de ser muito agressivo, que espancava a mulher e a mãe. Na entrevista ele fala muito delas e do quanto ama as familiares. (Pesquisadora).

O julgamento realizado por mim sobre os atos infracionais, ou sobre as reflexões que o jovem faz sobre suas ações, pode parecer desnecessário e distante do tema da pesquisa. Porém, foi importante destacar na análise os momentos em que meus valores, emoções e pensamentos emergiram nas entrevistas, pois eles são fundamentais para que o leitor perceba as contradições do próprio discurso deste pesquisador.

Meu olhar sobre a realidade estudada, ou o discurso que busco construir sobre o tema da pesquisa, é permeado por diversos lugares sociais: da psicóloga,

³¹ Tiriçar significa estragar, deixar feio.

funcionária da Instituição, pertencente à classe trabalhadora, militante socialista, sindicalista, licenciada em artes visuais, mestranda, pesquisadora, entre outras. Essas inúmeras vozes estiveram presentes em todo o momento da pesquisa e poderão ser vistas em maior ou menor grau nos ditos e não-ditos deste trabalho.

Os relatos de violências vividas e praticadas por esses jovens, os sentimentos suscitados pelas descrições da experiência da privação de liberdade e de suas mazelas, ou a situação de vida desses jovens, que se colocam diariamente diante da morte, provocaram em mim reflexões emocionadas que compõem a análise da pesquisa.

Tenho ciência que a vivência do pesquisador em relação ao tema pode trazer à tona possibilidades e impossibilidades para o próprio ato do pesquisar. Amorim (2002), a partir de sua pesquisa que analisava textos de pesquisadores sobre o tema dos chamados “meninos de rua”, relata:

Foi encontrada uma impossibilidade de análise dessas crianças e que essa impossibilidade marcava-se justamente por um silêncio e, ao mesmo tempo, por um discurso de total fusão do pesquisador com o ponto de vista da criança: a idealização ocupava o lugar da reflexão. O mais importante, no entanto, é poder compreender que essa impossibilidade e sua marca silenciosa não remetiam de modo algum a uma incapacidade ou qualquer desonestidade da parte do pesquisador. (AMORIM, 2002, p. 16).

Para a autora, um texto de pesquisa é repleto de vozes e também de silêncios. Porém, para se falar do silêncio, que se marca entre as palavras e as frases, é preciso já estar num outro momento, já ter passado para um outro regime discursivo, para poder nomeá-lo. “Não posso analisar o lugar de onde falo; será sempre um outro, que virá depois de mim, que poderá apontar silêncios naquilo que digo” (AMORIM, 2002, p.15).

Para Amorim (2002, p.16), há limites e impossibilidades na produção de conhecimento. Ela destaca a relação dos pesquisadores com os chamados “meninos de rua” para apontar que, muitas vezes, estas pesquisas produziam cacofonias, idealizações e apresentavam a fusão com o tema pesquisado, impossibilitando o distanciamento necessário para a compreensão da temática. A autora relata que no caso da pesquisa com estas crianças, “diante da morte, a injunção do pesquisador só pode ser a de salvar essa criança, ao menos em seu texto”.

A temática do jovem, que se encontra privado de liberdade ou em conflito com a lei, também é delicada e necessita de um movimento do pesquisador em perceber as fusões e silêncios que podem se constituir durante a pesquisa. Mesmo levando em conta as impossibilidades de uma análise profunda sobre esta relação, que somente o leitor poderá exercer, tentei perceber ao longo do processo de pesquisa quais os momentos de fusões ou discursos de idealização do jovem.

Contudo, é importante destacar que a distância necessária para o pesquisar, contudo, nada tem a ver com um afastamento nos marcos da neutralidade ou imparcialidade científica. O envolvimento não só é inevitável como não se constitui como defeito ou imperfeição (VELHO, 1978). O conceito de exotopia, ou excedente de visão, para Bakhtin (2003), pressupõe sempre uma atividade de compreensão e de contemplação implicada. No pesquisar ou na criação são expressas as diferenças e tensões entre dois olhares, ou entre dois pontos de vista, não havendo neutralidade em relação ao “objeto” de estudo (AMORIM, 2006). Para a teoria bakhtiniana sobre a criação, em um primeiro momento é necessário tentar captar o olhar do outro, entender o que o outro olha ou como o outro vê, para depois buscar retornar ao seu lugar, exterior à vivência do retratado, e assim sintetizar ou totalizar o que vê, de acordo com seus valores, sua perspectiva e problemática.

Porém, não é só o pesquisador que se envolve ou se implica com o tema e relações estabelecidas na investigação de um tema. A pesquisa realiza um convite para que o jovem também se envolva, reflita e lide com o tema proposto. Alex desabafa em dado momento da entrevista:

Nossa! Uma idéia vai levando a outra. É tanta coisa, acumula muita coisa na gente. Uma hora que pára para conversar mesmo, parece que é um desabafo. Vai saindo tudo! Até coisa que nada haver a gente vai soltando para fora.(...) Eu vou falando assim, um negócio por dentro vai tremendo. Aí quando eu respiro fundo parece que melhora, daí eu começo a tremer de novo por dentro. Rá!.

Esse jovem, ao relatar diversos aspectos do encarceramento, de suas criações neste espaço, ou da história de sua vida, se emociona. Para Vigotski (1992), não há separação total entre o pensamento e a emoção e, para se aproximar do que as pessoas pensam, é necessário ir aos afetos experienciados por elas. As emoções dão sentido e orientam o pensamento, pois por trás de todo argumento, de toda razão, há a emoção.

El pensamiento no nace de si mismo ni de otros pensamientos, sino de la esfera motivacional de nuestra conciencia, que abarca nuestras inclinaciones y nuestras necesidades, nuestros intereses e impulsos, nuestros afectos y emociones. Detrás de cada pensamiento hay una tendencia afectivo-volitiva. Solo ella tiene la respuesta al último por que? En ele análisis del processo de pensar (VIGOTSKI, 1992, p. 342).

Segundo Lane & Camargo (1995), na teoria Vigotski não há a dicotomia entre emoção e razão, pois em qualquer processo cognitivo haverá a emoção e estas são categorias psicossociais que nunca estão separadas totalmente. Para Vigotski (1992) os sentimentos se constituem historicamente, e desvincular o aspecto intelectual do afetivo-volitivo seria um erro. Sawaia, em seus estudos (2004, 1994), resgata a emoção em sua positividade e afirma que, em nossa sociedade, elas são vistas como perturbadoras do equilíbrio ou da racionalidade. Baseada na teoria de Espinosa, a autora destaca a necessidade de que os sujeitos, que na atualidade encontram-se muitas vezes embotados no sentir, desbloqueiem a capacidade de afetar e serem afetados.

Sawaia (1994, p.164) cita que, para Heller, sentir é estar implicado, é avaliar o significado dos objetos e das pessoas, concluindo que “os sentimentos são orientadores da vida cotidiana, eles guiam os contatos humanos, ao mesmo tempo em que são orientados por eles”.

Nessa pesquisa, as emoções puderam fluir e foram consideradas na análise dos sentidos dos objetos criados pelos jovens. O ato de investigar esta temática suscitou reflexões, emoções e provocou nos jovens lembranças sobre os processos de criação e suas importâncias nas trajetórias de suas vidas. Além disso, acabou agindo como uma intervenção nas relações e no ambiente em que ela ocorre. A pesquisa agiu sob o jovem, a pesquisadora, nas relações cotidianas e no próprio espaço de privação. Ela fez suscitar uma reflexão sobre o cotidiano na privação e não só sobre a criação de objetos dentro deste espaço. Acaba propondo um exercício de dar significado para questões cotidianas.

Quando tirei os objetos do lixo e busquei pesquisar o que os jovens tinham a dizer sobre essas criações, acabei dando a elas um sentido de importância. Os sentidos que eu atribuí aos objetos, ou como a instituição os vê cotidianamente, não foram objetos da pesquisa, já que a investigação foi sobre os sentidos dos jovens, dos criadores sobre suas criações. Contudo, é fato que a escolha do objeto de pesquisa e o convite aos jovens para que me contassem sobre suas criações,

colaborou na constituição de novos sentidos dos jovens sobre o tema. A pesquisa propiciou o encontro de sentidos e um diálogo entre eles.

Para finalizar, é relevante destacar mais uma questão que também contribuiu para o entendimento da relação pesquisadora-jovem que são as distintas formas de linguagens utilizadas pelos jovens e pela pesquisadora. Alex conta:

Às vezes eu tô conversando com senhora aqui agora, ou com a minha técnica ali, eu falo tudo normal, que nem eu tivesse normal. Daí lá em cima já tem que mudar. Aí, às vezes, lá eu fico deitado lembrando o que eu falei aqui, e eu tipo dou risada porque lá em cima não pode, é uma entrada³². Umas coisa nada a ver! Daí tipo acabo tirando uma... acho engraçado o jeito de ser as coisas (risos).

O jovem apresenta que o uso da linguagem é diferente nestes dois lugares e que o que se fala “embaixo” pode ser proibido “em cima”. Além disso, o que é dito “em cima” pode também não ser compreendido “embaixo”.

Porém, a partir da reflexão sobre a linguagem empregada pelos jovens na pesquisa, uma questão me chamou bastante a atenção. No tempo em que trabalhei no CENSE São Francisco, por mais que os funcionários não conhecessem integralmente o vocabulário utilizado pelos jovens, muitas palavras eram de domínio e até de uso cotidiano entre os funcionários. Nos atendimentos, os jovens sempre falavam comigo utilizando-se das gírias criadas por eles, sabendo que eram compreendidas não só por mim, como por boa parte da Instituição.

Todavia, quando os jovens falavam comigo na entrevista, em alguns momentos eles traduziam imediatamente estas palavras de uso comum na Instituição, mesmo sabendo que eu também as compartilhava. Fui percebendo nas transcrições que eles falavam a palavra e depois traduziam o que estavam dizendo, mesmo quando as palavras eram bem conhecidas no contexto institucional como “jega”, por exemplo, que significa cama.

Esse fato demonstrou que os jovens não estavam falando somente para mim, ou para um sujeito que conhece um pouco da linguagem presente no CENSE.

³² Entradas são palavras que tem uma conotação sexual. Alex explica: “os cara falam entrada, a entrada é coisa de viado. (...) tipo assim, falar peito, cabeça, dedão, umas coisas assim”. “Peito” significa seio. Na explicação dos jovens, homem tem “caixa” e mulher peito ou seio. Cabeça deve ser chamada de “pinha”, pois senão está se falando em cabeça do pênis. E dedão significa pênis. Há diversas outras palavras, que não tratarei na pesquisa pelo fato da linguagem não ser o foco da mesma, que também contêm significados diferentes e que tem a ver com o tema de sexualidade.

Quando falavam para mim, produziam discursos, na realidade, para um público maior, para uma coletividade, para sujeitos que não são daquele cotidiano e que eles gostariam de, traduzindo suas gírias, se fazer entender em seus discursos. O ouvinte imaginado pelos jovens, ao emitirem seus discursos, estava para além de mim. Eles compreenderam que suas falas seriam disseminadas para fora dos muros institucionais e buscaram explicar seu cotidiano para ouvintes que eles supõem desconhecer sua linguagem, a dinâmica da privação de liberdade ou do crime.

Eles relataram os sentidos de suas criações para um público mais amplo e alguns chegaram a perguntar, no início da entrevista, se seria escrito um livro sobre eles, ou onde suas falas seriam publicadas. Alguns demonstraram estar alegres e orgulhosos por estarem sendo entrevistados e que suas falas iriam ser escritas e publicadas em uma dissertação de Mestrado.

Um fato importante de se destacar é que esta pesquisa ocorreu em um momento social, no qual diversas publicações e filmes³³ sobre jovens infratores estão sendo realizados no Brasil, além do fato de que o tema da violência juvenil está na mídia cotidianamente. As publicações, filmes, reportagens e imagens na TV produzem um imaginário social que perpassa tanto o pesquisador como aos próprios sujeitos da pesquisa. Esse imaginário, que delineia lugares sociais e modos de ser dos jovens em questão, foi reforçado e/ou questionado pelos jovens nas entrevistas.

Sales (2007) destaca que a mídia vem produzindo uma (in)visibilidade perversa em relação a estes jovens. É dada visibilidade aos jovens que cometem atos infracionais na mídia, porém a mesma os apresenta de forma perversa, somente colaborando para a constituição de mais estigmas e estereótipos.

A pesquisa desenvolvida deu voz a esses jovens silenciados e não reconhecidos nas suas formas de expressão, e buscou subverter a produção social de estereótipos em relação aos jovens privados de liberdade, trazendo a profundidade das singularidades e das contradições existentes na constituição desses sujeitos.

³³ Alguns exemplos são os livros ou filmes *Falcão Meninos do Tráfico* (Athayde, C. & Bill, MV, 2006), *Cabeça de Porco* (Athayde *et al.*, 2005), *Cidade de Deus* (Meirelles, 2002), *Querô* (Cortez, 2006), *Ônibus 174* (Padilha, 2002), *Última parada 174* (Barreto, 2008).

3 JUVENTUDES “VIDAS LOKAS” E O ENCARCERAMENTO: CONTEXTOS E REPERTÓRIOS DAS EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO

3.1 Juventudes “vidas lokas”: o viver permeado por violências

Eu durmo pronto pra guerra,
E eu não era assim, eu tenho ódio,
E sei que é mau pra mim,
Fazer o que se é assim,
Vida Loka Cabulosa,
O cheiro é de pólvora,
E eu prefiro rosas

(Racionais Mc's, 2002, Vida Loka - parte II)

Bordada nas pulseiras ou nos gorros confeccionados pelos jovens, tatuada nos corpos ou desenhada nas paredes, a expressão “vida loka” aparece a todo momento e lugar nas Unidades de Internação, campo desta pesquisa.

Figura 4: Pulseira confeccionada por um jovem interno com os escritos “vida loka também ama”.



Fonte: A autora, 2010.

Esta é uma expressão presente em algumas músicas de Rap, como Vida Loka partes I e II dos Racionais MC's (2002) ou Vida Loka também ama, do Trilha Sonora do Gueto (2004). Essas músicas falam das dificuldades de um viver permeado por riscos, falta de perspectivas para o futuro, além de retratarem o cotidiano de pessoas que em algum momento de suas vidas se envolveram com a criminalidade:

Eu me, sinto às vezes meio pá, inseguro,
Que nem um vira-lata sem fé no futuro,
Vem alguém lá, quem é quem, quem será meu bom,
Dá meu brinquedo de furar moleton
(Racionais Mc's, 2002, Vida Loka - parte I)

Programado pra morre nóis é,
É certo...é certo...é crer no que der...
(Racionais Mc's, 2002, Vida Loka – parte II)

A vida é loka nego,
e nela eu tô de passagem
(Racionais Mc's, 2002, Vida Loka – parte II)

Nas falas dos jovens internos ou nas músicas citadas é possível entender melhor o significado deste viver/ser um “vida loka”. Um dos jovens conta: “*eu já fui **um vida loka**. Agora, eu tô meio devagar. Tô sossegado, tô querendo ficar sossegado. Já era, já. Essa vida aí tá zicada*³⁴. (Anderson). Outro jovem, que no momento da entrevista apresentava em seu punho uma pulseira escrita “vida loka”, descreve o seu significado:

*Ah, vida loka pra mim é tipo um..., tipo uma vida loka porque assim; eu já passei por muitas coisas... Que nem **quando eu tava com um carro***³⁵ *era uma adrenalina, uma coisa louca por dentro, uma coisa que não tem muito o que falar, mas é uma coisa muito louca. **Você treme, você tá alegre, tá triste, tá com medo, tá apetitoso***³⁶*. É uma coisa que vem tudo na mesma hora! É na hora que você vê a polícia, na hora que você tá livre da polícia. Isso vai se tornando a vida loka. Depois, que nem, uma vez a polícia catou eu e mais dois, invés de levar nóis preso, só catou a arma, bateu um monte em nóis e jogou no rio, entendeu? **Na hora que eu tava apanhando, foi a coisa mais feia, eu até rezava tudo ali. Mas, depois que eu fui solto, eu até ria. Entendeu? Uma coisa que foi tornando a vida louca. Hoje você perde, amanhã você ganha, hoje você apanha, amanhã você bate. E tem uma adrenalina louca, vai virando adrenalina. O medo com o apetite.** (Alex)*

Viver uma “vida loka”, portanto, é estar diante de uma insegurança em relação ao amanhã (“como um vira-latas sem fé no futuro”) e, ao mesmo tempo, estar permeado por um misto de emoções. É sentir-se corajoso em determinados momentos e, em outros, ser vítima do medo. É viver, em alguns instantes, a adrenalina de poder andar com um carro roubado e, em outros, a apreensão de ser pego pela polícia. Alex ainda resume esta situação dizendo que nesta vida uma hora se apanha, porém em outra se bate, um dia se ganha e no outro se perde.

³⁴ *Zicada* significa, nesta frase, na gíria dos internos, complicada, difícil.

³⁵ Neste relato o jovem se refere aos episódios em que roubava carros.

³⁶ Pergunto ao jovem o que significa apetite ou ser apetitoso. Ele diz: “É tipo uma coragem. Tem que ter uma coragem de fazer aquilo (referindo-se a prática de roubos)”.

A fala dos jovens provoca reflexões sobre o viver permeado por violências e ambiguidades, no qual se agride e se é agredido cotidianamente. O que Alex nos conta expõe não só o seu cotidiano, como também o de muitos jovens na atualidade, que arriscam suas vidas na conquista de ganhos, por vezes, efêmeros. A descrição de Alex, além de outras falas dos demais jovens entrevistados, sobre o contexto de suas vidas, provocaram reflexões que se inserem em vários debates contemporâneos sobre a relação “juventude-violência”.

É importante destacar que nesta pequena pesquisa utilizo o termo juventude ao invés de adolescência. Mesmo tendo ciência que este último é o termo utilizado pelo Estatuto da Criança e Adolescente (Lei 8069/90) ao se referir à faixa etária entre 12 e 18 anos, foi empregada a nomenclatura “jovem” por concordar com a discussão realizada por Coimbra, Bocco & Nascimento (2005, p.4), que apontam para o fato de que o termo “adolescência” carrega diversos instituídos, muitas vezes associados à imagem dos “teens estadunidenses, instaurando uma única e determinada forma de ser adolescente”. As autoras destacam que algumas práticas e teorias da própria Psicologia colaboraram na propagação e fortalecimento desse modelo. O uso generalizado e indiscriminado do conceito ajudou a construir a ideia de uma fase universal e a-histórica do desenvolvimento humano, naturalizando, essencializando e homogeneizando sujeitos e histórias completamente distintas. Para as autoras (2005, p.7), utilizar o termo juventude pareceu uma melhor maneira de apresentar uma “intensidade juvenil” ao invés de uma “identidade adolescente”, assim enfatizando “as forças que atravessam e constituem os sujeitos em vez das formas com que se tenta defini-los”. Porém, alertam:

Sabemos que a simples troca de palavras, de adolescência para juventude, não nos garante a quebra de naturalizações, uma vez que, sendo o conceito de juventude uma construção social, pode também ser instituído e capturado. No entanto, a aposta nas multiplicidades e diferenças para questionar o conceito de adolescência pode funcionar como uma estratégia contra as capturas e produções impostas por saberes que se apóiam em uma realidade normatizada, que eliminam a possibilidade do acaso e que se pretendem neutros. Quando definimos alguém como adolescente, podemos estar colocando em suspenso suas multiplicidades de existência e construindo uma definição que impede que os desenhos de novos fluxos e de vida ganhem força de expansão. Por outro lado, ao operarmos, por exemplo, com o conceito de juventude em nossas práticas, constituído e atravessado por fluxos, devires, multiplicidades e diferenças, talvez possamos perceber não mais um adolescente infrator, mas sim um jovem no qual a linha da infração é apenas uma a mais dentre tantas outras que o compõem (COIMBRA; BOCCO & NASCIMENTO, 2005, p.8).

Da mesma maneira, para que não se naturalize a própria noção de juventude ou que o conceito seja novamente capturado, é importante enfatizar que essa também não é um dado natural, e sim um advento da modernidade. Segundo Groppo (2000, p.8), “trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas”. Para o autor, a criação da juventude é um dos fundamentos da modernidade, e tem uma importância crucial para o entendimento das características das sociedades modernas, de seu funcionamento e de suas transformações.

Peralva (1997) afirma que as idades da vida, embora sejam ancoradas no desenvolvimento biopsíquico dos indivíduos, não são fenômenos puramente naturais, e sim sociais e históricos, datados e inseparáveis do processo de constituição da modernidade. A cronologização do curso de vida e a homogeneidade etária respondem, segundo Groppo (2000) às necessidades de uma civilização que constroi esferas sociais regidas por relações universalistas ou de um mercado de trabalho fundado no indivíduo livre e não mais na contratação da família.

Áries (1981), também colabora, em seu estudo sobre a história da criança e da família, desmistificando a concepção naturalizante da cronologização do curso de vida. Peralva (1997) destaca que o trabalho de Áries constitui provavelmente o marco mais importante no sentido dessa tomada de consciência: do caráter tardio da emergência do sentimento de infância e de sua natureza eminentemente moderna. Os estudos de Áries (1981) demonstram que não existia, até o final da Idade Média, o sentimento moderno de infância dentro do núcleo familiar. Seu estudo vai esclarecer como, na vida social medieval, não se distinguem os indivíduos por faixas etárias ou grupos de idade e como infância ou juventude são criações modernas, que têm a escola, trabalho ou a família, por exemplo, como principais instituições que colaboram no sentido de instituir a vida em etapas.

Por ser uma construção social, a juventude também foi vista de diferentes maneiras conforme os períodos históricos ou sociedades na qual foi analisada. Contudo, Abramo (1997) afirma que há uma repetição de análises em diversos momentos históricos que veem a juventude sob a ótica do “problema social”. Para a autora, os jovens sempre foram objetos de atenção quando vistos como agentes de ruptura social, de ações violentas ou como ameaças para si mesmos ou para a

sociedade. Dayrell (1999) também afirma que ora os jovens foram vistos como problemas (drogas, violência), ora como espetáculo (exótico).

Em se tratando da relação entre juventude e violência, por exemplo, estas categorias apareceram juntas ou até mesmo sobrepostas nos discursos acadêmicos; o que colaborou para que se construíssem tanto generalizações que homogeneizaram juventudes ³⁷ de espaços, tempos e classes sociais distintas, quanto contribuíram para tornar violência, conforme Rifiotis (2006), um significante vazio que pode acolher vários significados e situações. Esta junção foi fundamental para a constituição, no imaginário social, de mitos sobre a juventude como uma fase da vida com propensão a atitudes “violentas” ou “perigosas”.

Entretanto, ao se falar em atitudes “violentas” é relevante se refletir sobre o que se entende por violência. Rifiotis (2006) afirma que o uso recorrente da palavra violência pode transformá-la em um significante vazio, que pode ter inúmeras designações. A partir de um processo de homogeneização, violência acabou tornando-se um adjetivo que designa tudo que tenha atribuição de valor negativo. Para o autor, a violência é um tema que normalmente engendra um automatismo moral pela negatividade, que pode levar ao maniqueísmo e à estigmatização.

Zaluar afirma:

A dificuldade na definição do que é violência e de que violência se fala é o termo ser polifônico desde a sua própria etimologia. Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (*força, vigor, emprego da força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital*). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção essa que varia cultural e historicamente” (ZALUAR, 1999, p. 28).

A polifonia/polissemia do conceito e o fato de variar cultural e historicamente provocam diversas interpretações do limite do que é considerado violento. Zaluar (1999, p.43) cita algumas interpretações do conceito como, por exemplo, “ausência de compaixão” ou “excesso de poder”. Menciona que, para Arendt, os instrumentos da violência seriam mudos, abdicariam do uso da linguagem, o que caracteriza as relações de poder baseadas na persuasão, influência e legitimidade. Violência

³⁷ Novaes (1997) e Abramo (1997), destacam o uso do termo juventude no plural na intenção de não tornar homogêneas juventudes de contextos e momentos históricos completamente distintos.

também pode significar para Brant a negação da dignidade humana e, para Tavares dos Santos, dispositivos de controle, abertos e contínuos (citados por ZALUAR, 1999). A autora continua citando que, para Adorno e Cardoso, a violência significaria o não reconhecimento do outro, a anulação ou cisão do outro. Entretanto, mesmo com diferentes interpretações, Zaluar (1999, p.43) destaca que em todas estas definições ressalta-se abertamente ou não, “o pouco espaço existente para o aparecimento do sujeito da argumentação, da negociação ou da demanda, enclausurado que fica na exibição da força física pelo seu oponente ou esmagado pela arbitrariedade dos poderosos que se negam ao diálogo”.

Mesmo Sánchez Vázquez (1990), que a partir da teoria marxista vê a importância da violência para a transformação social, afirma a necessidade da abolição da mesma. Essa teoria afirma a necessidade da violência na *práxis* revolucionária, já que todas as mudanças sociais não prescindiram da violência, mas não faz uma apologia à mesma, pois acredita que só a *práxis* social deixando de ser violenta terá uma dimensão verdadeiramente humana.

O autor afirma existir violência porque há contradições antagônicas irreconciliáveis nesta sociedade dividida em classes:

Na sociedade baseada na exploração do homem pelo homem, como é a sociedade capitalista atual, a violência não só se mostra nas formas diretas e organizadas de uma violência real ou possível, como também se manifesta de modo indireto, e aparentemente espontâneo, como violência vinculada com o caráter alienante e explorador das relações humanas. Tal é a violência da miséria, da fome, da prostituição ou da doença que já não é resposta a outra violência potencial ou em ato, mas sim a própria violência como modo de vida porque assim o exige a própria essência do regime social. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1990, p. 377-378)

Contudo, a “não violência” não poderá anular as violências estabelecidas por esta sociedade. A violência revolucionária, portanto, acaba sendo uma necessidade histórica que desaparecerá ao desaparecerem as condições histórico-sociais que a engendram: “a violência revolucionária que hoje contribui para criar esse estado futuro de coisas, na verdade, é potencialmente a negação de si mesma e, nesse sentido, é como sua própria negação, a única violência legítima” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1990, p. 391).

Assim, nessa visão, a violência é ambivalente, não sendo pura positividade, nem mera negatividade. Sánchez Vázquez (1990, p.392) afirma que ela é positiva na medida em que é *práxis* revolucionária diante desta sociedade dividida em

classes, mas é negativa, pois “em um mundo verdadeiramente humano, onde os homens se unam livre e conscientemente, a violência tem de ser excluída”.

Rifiotis identifica três tipos de discursos no campo de estudos sobre a violência: aqueles que se colocam contra a violência, o da própria violência (como linguagem social) e o discurso analítico, que trata as violências como expressões sociais ou produtividades. No caso, o autor se identificaria com este terceiro campo e acredita que nos discursos contra “a violência”, corre-se o risco de se realizar uma adesão à indignação, que pode transformar as falas em exclusivamente denúncias, ocupando o lugar que deveria ser de análise sobre o tema. Por meio da indignação, há uma adesão ao tema pela emoção, o que pode limitar o olhar e contribuir para a construção de um discurso de exterioridade e vitimização na análise (RIFIOTIS, 1997, 2006).

As categorias vítima e agressor, utilizadas a partir dos discursos da indignação e vitimização, acabam obliterando a própria vítima, e simplificando as relações sistêmicas que se fazem presentes em qualquer evento, segundo Rifiotis (2006). Isso pode cooperar para a ampliação de discursos que buscam soluções na judicialização, ou acabam desvalorizando outras formas de sociabilidade. O autor reforça: “ao invés de acreditar que existe algo como ‘a violência’ em relação à qual “agressores” e “vítimas” se comportam, deveríamos procurar ver como as coisas acontecem concretamente” (RIFIOTIS, 1997, p. 16).

Diante do caráter de negatividade generalizada frente ao tema e de estudos que acabam não colaborando para a compreensão do que ocorre concretamente com as pessoas envolvidas em situações de violência, faz-se necessário uma análise que ultrapasse os discursos da indignação, exterioridade e homogeneização. Rifiotis (1997) propõe que se vá além da negatividade e que se possa analisar profundamente o que as pessoas envolvidas estão tentando fazer quando estão realizando aquilo que chamamos de violência e se possa pensar a pluralidade de suas significações.

Sales (2007) destaca que, muitas vezes, situações ditas “violentas” são vistas como eventos individuais de incivilidade, irracionalidade ou até mesmo da ordem do animal, bárbaro ou selvagem. Ao reduzir o comportamento violento ao nível biológico-individual, a autora acredita que se individualiza o ato delituoso, o des-socializando e des-historicizando. “O grande risco é, pois, perceber a violência apenas como atitude extremada, autônoma e destruidora em si, sem nexos

societários ou responsáveis. Cabe, portanto, não perder a sua dimensão sócio-cultural, ou política e social” (SALES, 2007, p. 288).

Há uma tentativa de explicação biologizante para atos e manifestações demasiadamente humanos, pois estes são:

expressão de um sem número de tensões sócio-econômicas e culturais, de contradições intersubjetivas, e outras tantas individuais ligadas a conflitos morais e/ou sofrimento psíquico, inscritos sempre numa forma específica de civilização e fomentados por relações sociais mais amplas (SALES, 2007, p. 214).

Sales (2007) também aponta para a associação entre violência e loucura, concepção corrente na psiquiatria desde o século XIX, e cita que Zaluar faz a discussão sobre a loucura ou a diabolização como explicações para atos violentos. Para Zaluar (citada por Sales) há um retorno à ideia do bem e mal, onde o nome do diabo passa a ser invocado cada vez mais para dar sentido às experiências de violência. Ainda, destaca que os próprios bandidos, identificados pessoal e profundamente com esta encarnação do mal, reinterpretam suas ações a partir de um pacto fictício com ele.

Um dos jovens entrevistados, em concordância ao citado acima, também atribui ao diabo sua atitude ao relatar uma agressão que cometeu contra o filho de seu patrão:

Eu trabalhei 4 anos em um Jornal. Eu era muito bem sucedido, sabe? Ganhava 25 reais por dia. Daí eu usei droga, o filho dela (patroa) falou bobeira e eu não gostei e enchi a cara dele de porrada. Ele deu 57 pontos na cara. Até ela não fez BO nenhum porque ela sabia que não era normal meu isso. Daí eles só me despediram. [...] O Lúcifer invadiu minha vida. Pra mim é Ele, porque não tem outra coisa. Não tinha porque um cara (filho da patroa) pedir um copo de café com leite pra mim e eu rachar a cara dele. Ter que dar 57 pontos na cara. Porque eu entregava jornal e eu daí me ofendi porque ele pediu pra eu fazer um copo de café com leite pra ele. Daí eu falei “tá achando que eu sou teu empregado?”. Daí ele falou “estou”. Daí eu enchi ele de porrada. Bati a cara dele no meio fio. (Magrão)

Mesmo não sendo o objetivo realizar uma análise sobre o evento relatado, pode-se visualizar que nele estão materializados sentimentos humanos e relações sociais de extrema complexidade. Vislumbra-se uma situação demasiadamente humana e social e, como afirma Sales (2007), permeada por diversas questões, como, por exemplo, a relação patrão-empregado. Ainda, a situação pode refletir

inúmeros sentimentos como o de humilhação ou de revolta, decorrentes da situação de ser “teu empregado”, além de violências bem mais amplas do que as descritas na cena.

Não se trata, portanto, de um evento isolado, sem historicidade, individualizado ou de responsabilidade de algum ente diabólico, como afirma Magrão. Trata-se de um evento que só poderia ser analisado realizando-se um estudo mais amplo, que buscasse olhar para a situação social e histórica vivida pelos sujeitos envolvidos e rompesse com o automatismo pela negatividade, tanto em relação ao jovem como com o tema da violência.

Em confluência à temática da violência, o caráter de negatividade e exterioridade também está presente nos discursos sobre os jovens. Abramo (1997, p.89) afirma: “a acentuação da atenção nas dimensões de vitimização e heteronomia frente às lógicas do sistema, acaba por manter invisível, e impensável, qualquer tipo de positividade das figuras juvenis”. Principalmente a partir dos anos 1990, a imagem do jovem é permeada pela aparência de ameaça à integridade social ou como vítima das fraturas sociais. Os sentimentos em relação aos jovens acabam girando em torno do medo ou da compaixão, mantendo o caráter de exterioridade nos discursos. Os jovens transitam entre a imagem de vítima ou de agressores.

Abramo (1997) afirma que os jovens acabam normalmente sendo vistos como heterônomos e nunca como autores reais de suas ações. Rabello de Castro (2001) também discute que a partir de um referencial evolutivo ou desenvolvimentista a criança ou o jovem sempre foram vistos como seres incompletos e sem capacidade de participar plenamente da vida social, o que faz com que sejam vistos como seres incapazes de se tornarem sujeitos no sentido pleno da palavra.

Há, segundo Abramo (1997) uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular propostas ou transformações sociais. Nos discursos sobre os jovens como “problemas sociais”, juventude passa a significar negatividade, incompletude, risco, falha, disfunção ou anomia no processo de integração social. Adjetivos que também são muito presentes quando se fala de violência.

Abramo (1997) afirma que não é por acaso que a problematização sobre a juventude é uma problematização moral: o foco real de preocupação acaba sendo com a coesão moral da sociedade e com a integridade moral do indivíduo, de modo

funcional na sociedade. É nesse sentido que, na maior parte das vezes, a problematização social da juventude é acompanhada do desencantamento, ou de uma espécie de “pânico moral”, que condensa os medos e angústias relativos ao questionamento da ordem social, como conjunto coeso de normas sociais.

Esse desencantamento apresenta tanto a juventude como a violência como categorias que ensejam questões relativas à crise presente na modernidade. Rifiotis (2006) afirma que o campo de estudos sobre violência é um território estratégico para os discursos da contemporaneidade e um lugar central na compreensão do presente, das brechas e da crise da modernidade.

Em relação à juventude Abramo complementa:

A ‘juventude’ tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade. A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensa as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura (ABRAMO, 1997, p. 79).

Os dilemas, angústias e medos ficam ainda mais aparentes quando se fala das juventudes das classes populares. A imagem do “violento” ou “perigoso”, ou o principal foco de “pânico social” está normalmente associada aos jovens pobres (COIMBRA & NASCIMENTO, 2003).

Sales (2007, p.205) aponta que os jovens pobres e/ou autores de ato infracional estão no cerne dos debates atuais sobre a questão da violência, da cultura, sociabilidade, justiça e direitos humanos. Para a autora, as performances destes jovens, que não estão visualizando perspectivas para seus futuros, são geradoras de reações, ações de visibilidade e medo pela mídia, elevando-os à condição de “metáforas da violência” na atualidade.

Limitar os problemas sociais às ações juvenis é colaborar ainda mais para que se construam estereótipos e ideologias no campo dos estudos sobre as juventudes. Além disso, “essa atitude desresponsabiliza o mundo adulto da necessidade de compreender a complexidade do fenômeno da violência e as determinações da criminalidade, cujas respostas devem ser parametradas pela construção de projetos de futuro para as novas gerações” (SALES, 2007, p. 316).

Zaluar (1999, 1997) debate também os riscos de uma causalidade linear entre pobreza e violência, pois, na realidade, são pouquíssimos os jovens pobres que enveredam pela carreira criminosa. A pergunta sobre os motivos que levariam um jovem pobre a recorrer à criminalidade deveria ser invertida. Diante das desigualdades sociais, fetichização das mercadorias e a busca desenfreada pelo consumo, a verdadeira pergunta seria: por que a maior parte dos jovens das periferias urbanas não enveredam para o mundo do crime? Por que em sua maioria esses não escolhem a criminalidade?

A vinculação linear entre pobreza e violência possibilitou que se criassem no “combate à violência” dicotomizações entre políticas de direitos humanos *versus* lei e ordem, políticas sociais *versus* segurança pública ou políticas públicas de prevenção *versus* repressão: “As políticas sociais devem ser implementadas, não porque os pobres constituem um perigo permanente à segurança ou à ordem pública, não porque venham a ser as classes perigosas, mas porque um país democrático e justo não pode existir sem tais políticas” (ZALUAR, 1999, p. 76).

Portanto, rever as visões sobre juventude ou a complicada relação entre as categorias juventude, pobreza e violência torna-se pertinente principalmente neste momento, em que retornam os discursos conservadores sobre os “desvios” dos jovens pela droga, violência, envolvimento com a criminalidade ou comportamentos “antissociais”. Abramo (1997) destaca que reaparecem, no cenário contemporâneo, elementos de análise característicos dos anos 1950, quando havia uma concentração da atenção nos problemas de comportamento, que se pressupunha que levariam a situações de “desvios” na “integração social”. Nessa época, a transgressão ou a delinquência eram quase que tratadas como inerentes à condição juvenil.

Já nos anos 1960 e parte dos anos 1970, os discursos traziam a ideia de uma geração de jovens que também ameaçavam a ordem social, porém nos âmbitos políticos, culturais e morais. Entretanto, mesmo os jovens ganhando categoria de críticos à ordem estabelecida, ou portadores da possibilidade de transformação, eles eram vistos mais como uma fonte de energia utópica, do que propriamente capazes de efetivamente realizar tal transformação (ABRAMO, 1994).

A autora relata que muitos setores políticos, críticos também à ordem estabelecida (como os partidos comunistas e organizações sindicais tradicionais), interpretavam as manifestações juvenis da época como ações inconsequentes,

quando não ameaçadoras de um processo mais sério e eficaz de negociações para transformações. Mesmo assim, há uma reelaboração positiva da juventude nessa época, que acabou fixando um modelo ideal no qual a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia tornaram-se características essenciais desta faixa etária (ABRAMO, 1997). Isso fez com que nos anos 1980, os jovens, em oposição à geração dos 1960 e 1970, fossem considerados patológicos, com comportamentos individualistas, apáticos, consumistas, conservadores e indiferentes aos assuntos públicos ou políticos.

Segundo Abramo (1997), a partir dos anos 1990, não é mais a apatia que chama a atenção. O olhar se volta para as ações dos jovens nas ruas. Há, segundo Diógenes (1998), uma fragmentação de “rebeliões”, onde o cenário urbano é marcado pela agressividade real e simbólica do comportamento juvenil, além de uma ainda maior diversificação de ações que se apresentam como formas de buscar reconhecimento na cidade.

Nos anos 90, as figuras juvenis mais em evidência são os jovens pobres que parecem nas ruas, divididos entre o hedonismo e a violência: meninos de rua, jovens infratores, gangues, galeras, tribos; e, principalmente, jovens em ‘situação de risco’ (risco para si próprios e para a ordem social), dos quais aqueles envolvidos no tráfico, matando e morrendo muito cedo, são uma das imagens mais dramáticas e ameaçadoras dos nossos tempos (ABRAMO, 1997, p.86).

Estas figuras “ameaçadoras” ou “dramáticas” se fazem presentes em um momento que há, no cenário contemporâneo brasileiro, segundo Oliveira (2001), uma situação peculiar, graças à uma onda jovem demográfica, que conta com cerca de 51 milhões de jovens no país, e um forte acirramento das desigualdades sociais, que faz com que a maioria jovem esteja em situação de pobreza.

Coimbra & Nascimento (2003), afirmam que muitos desta juventude pobre e marginalizada vêm criando e inventando outros mecanismos de sobrevivência e luta, resistindo às exclusões e destruições que vivenciam diariamente em seu cotidiano.

Sánchez-Jankowski (1997), em um estudo sobre as gangues, também afirma que estas são organizações que tentam dar uma resposta coletiva a uma situação econômica de grande penúria e isolamento. Há, em sua opinião, uma elaboração de estratégias racionais de sobrevivência que se aplicam no estabelecimento de relações com seu ambiente, com organizações rivais, polícia, sistema político ou com a mídia.

Diógenes (1998) também destaca que o principal objetivo das gangues é buscar uma inscrição na cidade e modos de construção da visibilidade. A ação violenta das gangues seria um dos métodos utilizados para se atingir este objetivo. Contudo, a violência não é vista pela autora como ação exclusiva de jovens que pertencem a gangues. Em outros agrupamentos (hip hop ou galeras, por exemplo) também estão presentes ações consideradas violentas. Esses atos são mecanismos que constroem identidades ou formas de “se garantir” e se proteger.

Sales (2007) aponta também para a atuação infracional como uma forma de se conquistar visibilidade. A violência acaba sendo um valor e uma condição de aparecimento na contemporaneidade. Afirma que os jovens gostam de ser vistos associados à beleza e irreverência e buscam reconhecimento e prestígio social diante da impossibilidade de gratificação imediata em termos de consumo, prazer e lazer. Os jovens infratores compreenderiam o poder e a força da imagem que os associa à rebeldia, a comportamentos transgressores ou à violência. Além disso, em sua opinião, estes jovens entenderiam que a sociedade somente atende seus direitos em situações limites, como revoltas, rebeliões ou ações violentas.

Contudo, o drama de muitos destes jovens acaba sendo o desejo de ser visível e ao mesmo tempo o sofrimento de ser visto demais ou mal-visto, através de uma indesejada “visibilidade perversa”. Sales explica que:

De um lado, a invisibilidade do sofrimento por que passam crianças e adolescentes das classes trabalhadoras nas suas áreas de moradia e socialização, não bastassem as privações materiais, culturais e, muitas vezes, afetivas às quais são submetidos. De outro, sinalizam o tipo de malhas simbólicas e ideológicas que permitem a visibilidade dos adolescentes, uma visibilidade intensificada pelo preconceito e medo da violência, balizados apenas em características físicas, sociais e geográficas, supostamente reveladoras da periculosidade dos seus portadores. Trata-se, portanto, de uma condição de visibilidade perversa, seletiva e reprodutora de discriminações históricas contra os setores mais pauperizados e insubmissos das classes trabalhadoras urbanas. (SALES, 2007, p.27).

Assim, pode-se observar que a própria visibilidade é uma condição ambivalente, pois ao mesmo tempo em que é produto das relações de poder, atingi-la não significa maior reconhecimento ou ultrapassar as discriminações. Como afirma Sales (2007), pode se saltar da “invisibilidade” à “visibilidade perversa”.

Mesmo assim, há um desejo, por parte dos jovens, de visibilidade e projeção social. Diante do fenômeno da fetichização das mercadorias ou da lógica da propriedade privada (fomentadora do desejo consumista) em cenários sociais

marcados pela pobreza e pela miséria, “uma outra possibilidade que se abre para toda uma gama de sujeitos é a ruptura com a lei, por meio de ações delituosas, violentas ou não”. (SALES, 2007, p. 101).

Em algumas letras de Rap se escuta: “*O que se qué, viver pouco como um Rei, ou então muito, como um Zé?*” (Racionais MC’s, 2002) ou “*Eu queria vê se você fosse operário, desse aquele trampo prá ganhá um só salário, ela ía querer você, bem longe dela*” (Trilha Sonora do Gueto, 2004). Há nestas letras uma desvalorização do assalariado ou do operário, visto como um Zé (mané), que não tem condições de, com o seu parco salário, ser aceito ou valorizado. Sales (2007, p.210) comenta sobre dois caminhos utilizados pelas classes populares para se tentar atingir o consumo: um pela “sujeição” e o outro pela “rapidez”. O primeiro é mais longo, penoso, pautado no sistema de compra a prazos (“vive-se muito como um Zé”). No segundo, busca-se exibição, poder, privilégios e se vive a consigna: “o que vem fácil vai embora mais fácil ainda” (“viver pouco como um Rei”).

Em relação a esta busca de reconhecimento ou de poder de consumo, também ouvi dos jovens:

Ah, quando eu vendia pedra, vixe eu, eu mandava na Vila pá. Eu mandava lá, os magrão³⁸ respeitava eu, pá. Respeita até hoje, né. Mas, eu andava de motinha, de carro. Altas minas maderava³⁹ pra mim. Chegava no som⁴⁰, um monte de mina colava⁴¹, daí eu puxava aquele fardo de dinheiro, pá. Eu gostava de pagar! Tô podendo, mesmo! (Bill)

Pra você ter namorada você tem que ter dinheiro, senão a namorada larga você. (Lealdade).

Eu ia querer arrumar serviço, os caras queriam pagar pouco e eu não queria receber pouco. Aí eu parti pro mundo do tráfico, roubar. (...) Eu tinha dinheiro. Eu pegava e viajava, sempre viajei com droga e nunca caí preso. Eu só viajava pra ter meu dinheiro, pra mim curtir, pra mim sair com as minhas namoradas e não precisar do dinheiro da minha mãe. Desde meus quinze anos com menos de 1000 reais eu não andava no bolso. Saía curtir, beber e festa! (Leonor).

³⁸ “Os magrão” podem significar “os caras”, outros jovens.

³⁹ “Maderar” nesta frase significa admirar ou “dar mole”.

⁴⁰ “Som” é o nome usado para as palavras discoteca ou danceteria.

⁴¹ “Colar” significa se aproximar.

As falas apontam para uma busca de singularização, de uma vida mais intensa, de aceitação e visibilidade social, mesmo que pela via da transgressão ou do delito. Contudo, Sales (2007, p.95) lembra que estes jovens “desejam o ‘bom’, enfeitiçados pelo mundo das mercadorias –, mas também provam do seu ‘pior’ – a alienação do desejo, a privação e a expulsão como párias da nova ordem econômica”. Cassab (2001, p.217) afirma que as estratégias por meio da ação delituosa também não rompem com o caráter de subalternidade presente na origem de classe destes jovens. “As tentativas de inclusão em certo sentido reforçam as leis ou valores contra as quais se insurgem. Isso retira qualquer dúvida sobre a existência de um caráter de transformação social no crime organizado, por exemplo”.

A ação infracional mostra, portanto, toda a sua contradição, pois na busca de inscrição (inclusão) na cidade, instaura novamente o estigma (exclusão). Ela pode ser uma forma de produção social encontrada pelos jovens para tentar enfrentar a realidade ou o não oferecimento de espaços de visibilidade (COIMBRA & NASCIMENTO 2003; DIÓGENES, 1998; SÁNCHEZ-JANKOWSKI, 1997), porém acaba, na realidade, mantendo o estigma de “desviante” e os colocando ainda mais perto de seu próprio desaparecimento e extermínio.

Zaluar (1999) atenta para os riscos do relativismo em relação ao tema da violência. Para ela, quando se trata a violência como um fundamento da vida social e não se reconhece a violência como um mal a se combater, acaba se fazendo uma recusa em condenar a violência estendida a todas as suas formas (policial, corrupção, violência social, urbana, entre outras). Em sua opinião (1999), ao tratar a violência como produtividade ou modo de operar das classes subalternas, algumas teorias “apelaram para uma estetização da violência, que chegou a ser apresentada como saída para a dominação, a exploração, a exclusão dos dominados, explorados e excluídos” (ZALUAR, 1999, p. 21).

A autora cita que, para alguns autores, como Diógenes (1998) e Rifiotis (1997), a manifestação pública da violência ganharia positividade ao instaurar diferenças, pois quando os moradores dos bairros periféricos registram sua existência, tornariam públicas as suas redes de exclusão social. Contudo, há que se ter muito cuidado ao se propor esta “instauração de diferenças”, para que não se faça, conforme Amorim (2007), a partir de um discurso que busca elogiar a

diferença, um elogio à indiferença. Ou também não se faça a defesa da diversidade como ocultamento da desigualdade social.

A sociedade neoliberal e o sujeito pós- moderno relativizaram todos os valores, inclusive aqueles que visavam distinguir práticas igualitárias e pautadas por um princípio de justiça social das práticas mercadológicas pautadas pelo critério do lucro. (...) Reconhecer um discurso diverso e um sentido singular não deve impedir que se examine a relação de forças desiguais que o produziu e que o atravessa (AMORIM, 2007, p. 13).

Além disso, Zaluar (1999) atenta que este discurso que busca “instaurar diferenças” pode acabar produzindo a dicotomização de dois mundos – o do dominante ou o marginal; o incluído e o excluído. A autora assinala que, desta maneira, corre-se o risco do mundo do desviante, marginal ou divergente se apresentar como alternativa ao mundo oficial, e como tal justificado.

Zaluar (1999) critica esta postura, pois acredita que estas teorias em nome da defesa da existência e da importância do conflito, da desordem e do dissenso, compreendem e justificam as manifestações de violência na sociedade brasileira contemporânea, sem ficar claro se incluiriam nessa positividade também os homicídios cometidos pelos jovens entre si, contra seus vizinhos, ou até mesmo contra seus pais.

Por mais que a violência corte transversalmente a sociedade, ela vitima concreta e excessivamente as camadas mais pauperizadas das classes trabalhadoras (SALES, 2007). Para Soares (citado por SALES, 2007), engana-se quem acredita que a vitimização letal se distribua democraticamente, cruzando fronteiras de classe, pois os pobres são as principais vítimas da criminalidade violenta.

Para Zaluar (1999), os efeitos maléficos da violência sobre os jovens e seus vizinhos tornam-se cada vez mais complexos, por serem os jovens pobres simultaneamente os autores e vítimas de alguns crimes violentos. Segundo Waiselfisz (2006), as principais vítimas de homicídio no país são os jovens homens, pobres e em sua maioria, negros. Há 85% a mais de vítimas negras do que brancas e 93,7% são homens, dentro da população jovem vítima de homicídio. Em 2004, 51 jovens foram mortos por dia no Brasil, significando mais mortes do que nos dois anos da guerra da Chechenia, Rússia ou da guerra que durou 24 anos, na Guatemala. Nesta última guerra, morreram 16.000 pessoas por ano e, aqui no

Brasil, morrem 48.000. Foram a óbitos mais jovens por homicídios no Brasil do que nas guerras de extermínio do Golfo, em El Salvador, Angola ou Guatemala (WAISELFISZ, 2006).

Os jovens internos, nos Centros de Socioeducação, também relataram o fato de terem perdido vários colegas por homicídio, ou diversos eventos de violências sofridas em suas vidas.

Tinha piercing aqui e eles (policiais) arrancaram com alicate, afogamento, e altas coisas lá, agulhada no dedo... E nós sendo de menor, olha só o que os cara fazia! Daí cheguei na delegacia, os cara escreveram aquele bagulho lá e eu fui assinar. Daí eu falei: “eu não vou assinar, eu quero saber o que tá escrito”. Daí os cara falaram: “você não têm o direito de ler”. Daí eu comecei a ler assim, daí o cara deu uma pancada aqui e eu desmaiei. Daí eu fiquei um tempo desmaiado e acordei e fui umas 3 ou 4 vezes para assinar. (Alex)

Aí ele (policia) veio com um revólver, mas um revólver mais velho que eu vi na vida e falando: “qual que vai morrer primeiro?” e pondo o revólver na cabeça da gente. Mas, daí, até chorei porque minha mulher tava grávida, eu chorei e falei “vê o que você faz”. Daí ele não fez nada, mas apanhemo muito. Quase quebraram minhas pernas com uns pedaços de pau que tinha. Fiquei 3 dias na UTI. Minha cara parecia aquelas traquinas (bolacha, biscoito), ela ficou redonda e toda inchada, umas bolas de água assim, bem grande mesmo. Ficou irreconhecível! (Magrão)

Além da violência policial, os jovens também relataram eventos de espancamentos físicos realizados pela família (pais, padrastos, irmãos), pelos traficantes e dentro do encarceramento pelos outros internos ou por funcionários. Contudo, é importante ressaltar que ainda que esta violência se exerça, em primeiro lugar, contra um corpo, há que se compreender e reconhecer, segundo Sánchez Vázquez (1990), que o corpo não é mero corpo, e sim o corpo de um ser humano. Isso quer dizer que quando um corpo é agredido, não se atinge somente seu ser corpóreo, físico, mas sim o seu ser social, sua condição de sujeito de determinadas relações econômicas, sociais, políticas.

A violência busca dobrar a consciência, obter seu reconhecimento, e a ação que se exerce sobre o corpo dirige-se, por isso, a ela. Não interessa a alteração ou destruição do corpo como tal, mas sim como corpo de um ser consciente, afetado em sua consciência pela ação violenta de que é objeto. Portanto, a violência que se exerce sobre seu corpo não se detém nele, e sim em sua consciência; seu verdadeiro objeto não é o homem como ser natural, físico, como mero ser corpóreo, mas sim como ser humano e consciente. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1990, p. 376)

Além disso, não podemos resumir as violências sofridas pelos jovens somente às agressões físicas. Sales (2007) aponta para o fato dos jovens brasileiros viverem uma “cidadania escassa”, em que se vive também cotidianamente a violência social de não se ter perspectivas de futuro ou possibilidades de trabalho, lazer, cultura, esporte, educação. “A violência é, pois, manifestação do poder, expressão de como as relações sociais aqui organizadas, de como o capitalismo se engendrou e se perpetua no país. É exploração, opressão e dominação, mas não é somente força pura, é também ideologia e sutileza” (Sales, 2007, p. 59). Estas violências (miséria, desemprego, desigualdade, exploração, falta de saúde, educação ou ausência de políticas sociais), foram chamadas de “violências estruturais” e eram temas de debates principalmente na década de 1970 no Brasil (ZALUAR, 1999, 1997).

Os jovens entrevistados na pesquisa também vivem estas diversas violências em seus cotidianos. Quando perguntados sobre suas rotinas na “rua”, os jovens relataram um cotidiano com ausência de espaços de lazer, esporte, cultura em seus bairros, problemas na/com a escola, dificuldades financeiras ou em conseguir um emprego.

Não podemos negar ou relativizar que estas dinâmicas violentas, tanto de viver uma “cidadania escassa”, quanto de correr risco de morte, fazem sofrer e que esses são problemas reais dos jovens na atualidade. Não há também como se recusar a ver que as violências, na qual estes jovens estão submetidos, causam sofrimentos como o medo ou a incerteza de se estar vivo no dia seguinte.

Sales (2007) fala da necessidade de não se relativizar a violência como um problema. Porém, afirma que é necessário historicizá-la e compreender seu papel na contemporaneidade, não colaborando ainda mais para a “cultura do medo”, que é construída muitas vezes pela mídia e torna o tema espetacularizado. A “cultura do medo” valoriza o pânico das classes médias e altas em relação à violência, porém obscurece os medos que crianças e jovens pobres sentem diariamente a partir da ação do traficante ou da polícia. Zaluar (1999) afirma que a “cultura do medo” auxilia ações despóticas ou mais repressivas como a pena de morte, por exemplo, e também faz do jovem pobre o bode expiatório da crise social e política, construindo a nova figura do bandido, através de uma imagem diabólica, desumana, monstruosa associada ao criminoso violento.

O tema da violência juvenil mobiliza diversas questões éticas. Falar sobre juventude, provoca reflexões sobre o futuro. Tratar do tema da violência também acaba ascendendo questões sobre a realidade.

Quando se analisa a questão da violência juvenil, é importante que não se colabore ainda mais com a “cultura do medo”, porém, também não se pode relativizar que o tema é um problema social. Um problema que já virou da ordem da saúde pública (MINAYO, 1990, 2006) com o crescimento real das mortes violentas, sendo a segunda maior causa de mortes no país, com 65% das causas de mortalidade entre jovens de 15 e 19 anos e 59% entre 25 a 29 (ZALUAR, 1999).

Igualmente, não é possível promover, por meio da fala destes jovens, um embelezamento da pobreza, da miséria ou da criminalidade. A participação de jovens no “mundo do crime” (como eles mesmos denominam) não se apresenta como saída para uma vida digna ou de combate ao sistema capitalista. Zaluar critica teorias que acabaram considerando a criminalidade como forma de resistência à ideologia dominante:

Nessas mortes, os pobres não estão cobrando dos ricos, nem estão perpetrando alguma forma de vingança social, pois são eles as principais vítimas da criminalidade violenta, pela ação da polícia ou dos próprios delinquentes. Vivem, de fato, segundo as regras da vingança privada, graças à predominância de um etos guerreiro e à ausência de uma instância jurídica, estatal ou não, na resolução de conflitos. (ZALUAR, 1999, p. 68)

A ação violenta, muitas vezes empreendida pelos jovens que participaram da pesquisa, surge como uma objetivação que anseia por novas formas de subjetivação. No entanto, para isso, acaba tornando o outro um objeto e, assim, mantêm-se as relações de dominação. Por mais que pareçam buscar em “vidas lokas”, ora batendo, ora apanhando, uma possibilidade de existência real e simbólica, eles acabam fazendo do outro seu objeto, não se transformando, de fato, as relações desta sociedade que, tipicamente, buscam coisificar sujeitos. Além disso, não conseguem transformar efetivamente sua condição econômica, sendo, muitas vezes, mais uma forma de contribuir para seu extermínio, quando é apreendido pela polícia e passa a ser mais um encarcerado.

Para concluir, Amorim (2007) apresenta uma discussão importante sobre algumas pesquisas realizadas na década de 1970, que trabalhavam com crianças em situação de rua. As pesquisas, na opinião da autora, acabaram positivando as

diferenças destas crianças para desfazer preconceitos que tratavam sempre as diferenças como incapacidades e não como fontes ricas de aprendizado. Porém, para a autora, estas análises acabaram impedindo que fossem analisadas as perdas subjetivas dessas crianças.

Com o agravamento da miséria ou da desigualdade entre pobres e ricos na década de 1990, Amorim (2007) destaca que foi necessário rever estas teorias. As crianças em situação de rua não estavam mais diante somente de ameaças de mortes simbólicas, mas vivendo com condições extremamente violentas, de marginalização extrema e correndo risco de vida. Isso não quer dizer que se deva idealizar a criança rica como se sua condição material favorecida garantisse a facilitação ou a riqueza do ponto de vista subjetivo. Assim, outras violências e perdas também estão sendo produzidas nessa camada social.

No entanto, não há como relativizar que algo de muito grave estava se produzindo na subjetividade/objetividade dessas crianças quando em situação de rua. A autora afirma que, na maioria das pesquisas que ela analisou, a criança que vive nas ruas era idealizada pelo pesquisador como sendo autônoma e livre por estar longe do controle das instituições do Estado. Porém, “estar o dia inteiro exposta ao perigo e submetida inteiramente à lógica da sobrevivência não deve ser tratado como uma simples diferença cultural em relação à criança rica” (AMORIM, 2007, p. 23).

Amorim (2007, p.25) ainda afirma, ao se referir aos segmentos explorados e excluídos da sociedade - como era o caso das crianças em situação de rua e é o caso destes jovens “vida lokas” - que “o politicamente correto utiliza eufemismos, palavras gentis e polidas, como se num ato performativo do discurso, pudesse assim ocultar a desigualdade da relação e apaziguar o conflito.

Não é possível apaziguar as dificuldades e os sofrimentos ético-políticos (SAWAIA, 1995, 2006) no viver destes jovens. Não é aceitável se falar, por exemplo, através do discurso politicamente correto, que a vida infracional é somente um “estilo diferente” de viver. Isso só produziria mais violências a estes jovens. Não há como negar seus sofrimentos ou os das vítimas que eles já violentaram. Não há como tratar como “diferenças” as suas vidas de miserabilidade ou a falta de perspectivas de futuro. Assim, como afirma Amorim (2007), a *diferença* torna-se puro signo de *desigualdade*, pois são puro efeito da opressão e da miséria, não se

constituindo diversidades geradoras de produções simbólicas ricas, mas paralisadoras do pensamento e da atividade criadora.

3.2 A privação de liberdade: contexto dos processos de criação

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. (Ítalo Calvino em *As Cidades Invisíveis*, 2009)

*Eu acho que se saísse uma condenação pro São Francisco (CENSE) eu preferia morrer mesmo. Queria mesmo! Melhor do que ficar 3 anos longe. Todo mundo diz que o céu é bom, né? Por que ficar aqui então? (Magrão)
Como é então a “terra” pra você? (Pesquisadora)
Pra mim é o inferno. Longe dos meus amados, é um inferno. Pra mim eu tô no inferno gelado aqui. É frio aqui, né? (Magrão)*

Coisa que você não quer nem para seu inimigo (referindo-se a privação de liberdade) (Matheus).

Cadeia de menor... Cadeia! (riso como se houvesse errado a palavra). É cadeia de menor mesmo! (Alex)

Os jovens entrevistados, que cumprem medidas socioeducativas de internação (privativas de liberdade), não usam eufemismos ou rodeios ao falar do lugar onde se encontram; eles a denominam de “prisão”, “cadeia”, “inferno”. Dizem que não desejam a prisão nem para seus piores inimigos.

Magrão o chama de “inferno gelado”, pois no dia da entrevista fazia muito frio em Curitiba e o local, - uma sala de aula da Instituição - também estava bem gelada. O jovem igualmente relatou que faz muito frio nas celas da Instituição. Vários ambientes das duas instituições são escuros e úmidos. As duas unidades em dias de chuva ou de muito frio, pareciam, para mim, ficar ainda mais tristes e os olhares dos jovens mais distantes, buscando uma vida mais calorosa lá fora.

Lembro que estava com vários casacos, usava bota e cachecol no dia da entrevista. Já o jovem, estava vestido com um uniforme composto por uma calça e blusa de mangas compridas com um tecido bem fino e calçando chinelos. Quando o jovem comenta sobre o frio daquele lugar, imediatamente percebo a desigualdade de condições de vestimentas que nos encontrávamos.

Além disso, quando escuto ou releio a pergunta de Magrão: “é frio aqui, né?”; penso na frieza de relações daquele lugar. Lembro desta instituição como um espaço que não se faz lugar, com pouco calor humano, mesmo repleto de pessoas. Um lugar sem afeto e permeado pela frieza das grades e das relações.

Sobre este “inferno gelado”, um outro jovem diz:

Esse lugar não é lugar pra ninguém não! Lugar que eu não desejo pra ninguém também. Sei lá, a vida é assim mesmo, a vida é loka. Posso tá aqui preso, amanhã tô lá na rua. Amanhã tô lá na rua e posso tá aqui ou em outra cadeia. Ninguém sabe o dia de amanhã, né? (Anderson).

A afirmação de Anderson não deixa de refletir certa aceitação de sua condição de preso “a vida é assim mesmo”. Ficar preso aparenta fazer parte do cotidiano em uma “vida loka”. Nesse viver, hora se está na prisão (favela entre muros); hora se está na rua (prisão sem muros). No cotidiano de um “vida loka”, como de muitos jovens das classes populares, a detenção acaba fazendo parte de seus universos.

O encarceramento, por exemplo, é tema recorrente em vários Raps, que é conhecido como um estilo musical que se consolidou como uma autêntica trilha sonora da periferia, conforme afirma Pimentel (citado por HINKEL, 2008), sendo escolhida pela juventude pobre como representante de seus pensamentos e ideias. Nele, há um aspecto social muito forte, tanto no Brasil como em outros países, pois apresentam uma mensagem, que é uma espécie de denúncia da realidade vivida na periferia (HINKEL, 2008). Diante dos mais de 419.551 mil detidos em penitenciárias ou delegacias no Brasil⁴², em sua maioria pobres, o encarceramento virou tema também de denúncia em algumas músicas:

Mais se é para resolver, se envolver, vai meu nome,
Eu vou fazê o que, se a cadeia é pra homem,
Malandrão eu, não, ninguém é bobo,
Se quer Guerra terá,
Se quer Paz, quero em dobro,
Vida Loka, parte I (RACIONAIS MC's, 2002)

Cada detento uma mãe, uma crença.
Cada crime uma sentença.
Cada sentença um motivo, uma história de lágrima,
sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio,
sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo.

⁴² Dados consultados no site oficial do Ministério da Justiça, www.mj.gov.br, no dia 10/01/2010.

Misture bem essa química.
Pronto: eis um novo detento
Diário de um detento (RACIONAIS MC'S, 1998)

Daquele jeito imponho respeito
bato no peito me orgulho de ser do gueto
fico na ira com todos os preconceitos
mano, é preciso pregar a igualdade,
justiça, paz e liberdade
vivo sim atrás das grades, você no mundão
Vida Loka, parte III (RACIONAIS MC's, 2002)

O ambiente carcerário é descrito pelos jovens como repleto por múltiplos sofrimentos e pelo Rap como um lugar que “é pra homem”, fazendo referência a uma imagem de masculinidade vinculada à honra, à força ou capacidade de resistência ao enfrentar a vida ou a privação de liberdade.

E é nestes universos gradeados, em instituições também privativas de liberdade, que a produção de objetos se faz presente. Para que o leitor possa aproximar-se e ir adentrando neste “inferno gelado” é importante ressaltar o caráter do desenvolvimento histórico da própria privação de liberdade e das medidas socioeducativas de internação para jovens.

Foucault analisa, em *Vigiar e Punir* (2002), as transformações nas práticas punitivas ocorridas basicamente a partir do final do século XVIII e o nascimento das prisões. Esta explanação rompe com a idéia naturalizante de que a prisão ou a privação de liberdade sempre se fez presente e da mesma maneira no decorrer da história. As práticas punitivas passaram por mudanças, sempre relacionadas às relações de poder estabelecidas ou às condições sócio-econômicas existentes em determinado período histórico.

Se antes do século XVIII havia também as privações ou contenções nas masmorras, elas não existiam da mesma maneira que a privação de liberdade atual. A privação não era a forma de punição da época, funcionando apenas como garantia de contenção do acusado para preservá-lo até o julgamento. Segundo Perrot (1988), o encarceramento existia, porém não se constituía como a pedra angular da repressão daquele período.

No período feudal as práticas punitivas se davam nas execuções públicas ou suplícios e, a partir dos primórdios do capitalismo, abre-se um novo cenário de ações corretivas, reeducadoras e disciplinadoras. Após os suplícios, é constituída

uma nova arte de fazer sofrer, uma nova economia dos castigos, mais sutil e com incisões não mais só no corpo, mas na alma dos sujeitos (FOUCAULT, 2002).

Depois do asilo, eis que a prisão, gêmea sua, torna-se o objeto de uma história cada vez mais assombrada pelo lado sombrio das sociedades: doença, loucura, delinquência, parte exógena de nós mesmos, espelho quebrado que nos devolve nossa imagem. (PERROT, 1988, p. 235).

O grande diferencial da “nova arte de fazer sofrer” é que, segundo Perrot (1988), as prisões não nascem somente para punir, mas também para corrigir os sujeitos. Elas teriam uma tripla função: a punição, a defesa da sociedade isolando o malfeitor para evitar o contágio do mal e a correção para reintegrá-lo.

Mesmo a privação de liberdade não sendo o projeto de punição proposto pelos reformadores, ela torna-se a mais utilizada prática punitiva a partir do século XIX. Segundo Foucault (2002), ela surgiu tão ligada ao funcionamento da sociedade, que relegou ao esquecimento todas as outras formas de punições que os reformadores do século XVIII tinham imaginado. Assim, no fim do século XVIII e início do século XIX se dá a efetiva passagem para a penalidade de detenção.

Não é à toa que a privação de liberdade torna-se tão efetiva como método de punição na sociedade capitalista. Segundo Foucault, ela acaba sendo a pena por excelência desta sociedade, pois marca um dos seus bens maiores: a “liberdade”. Além disso, o encarceramento marca outro bem importante no capitalismo: o tempo. Podemos visualizar o aspecto econômico-moral do tempo no fato de que a pena é algo que contabiliza os castigos em dias. (FOUCAULT, 2002). Esse aspecto econômico também se revela, por exemplo, na expressão muito utilizada de que o preso estaria “pagando sua dívida com a sociedade”.

Outra característica importante associada ao nascimento das prisões modernas é a vigilância generalizada das camadas populares, realizada pela burguesia no final do século XVIII e início do século XIX (KRAEMER, 2005). Perrot (1988) afirma que os pobres e operários encheram as prisões a tal ponto que estas passaram a ser concebidas para eles, em função do seu estado econômico e cultural. O nível da alimentação, das condições de moradia, vestimenta ou de trabalho dentro de uma prisão são baseadas nas péssimas condições de vida que um operário está acostumado a viver na “liberdade”.

Sales (2007) afirma que as prisões sempre foram instrumentos de manutenção e reprodução da desigualdade e da opressão vigentes na sociedade capitalista contra as “classes perigosas”. Para a autora, a opressão contra a classe trabalhadora se expressa claramente ainda hoje, como, por exemplo, nos EUA após a política de *tolerância zero*, que chegou a marca de 2 milhões de presos no país.

Os números alarmantes de presos ajudam a ocultar os índices de desemprego do país, além de se constituir como “fonte de vultuosos lucros para a iniciativa privada, com a construção e administração de presídios e fornecimentos de equipamentos” (SALES, 2007, p.27).

Sales (2007) afirma que a privação de liberdade, mesmo tendo fracassado em seu projeto original de corrigir os desvios ou “reabilitar” os sentenciados, atingiu seu objetivo, pois criou os ilegalismos e fabricou a delinquência.

Alexander Petrovitch, personagem encarcerado criado por Dostoievski na obra *Recordações da Casa dos Mortos*, conclui:

Os presídios, mesmo os com trabalhos forçados, não conseguem reabilitar o sentenciado; são locais voltados exclusivamente para o castigo, garantindo, em termos teóricos, que o criminoso, encarcerado, não cometa outros atentados à paz social. A prisão e todas as formas de trabalho pesado desenvolvem apenas o desejo pelos prazeres proibidos, bem como uma terrível irresponsabilidade. Estou convencido de que o tão propalado regime de penitenciária oferece resultados falsos, decepcionantes, ilusórios. Esgota a capacidade humana, define o espírito e, depois, apresenta aquele detento mumificado como um modelo de regeneração (DOSTOIÉVSKI, 2006, p. 24).

Perrot (1988, p.266) afirma que o encarceramento parece ter se desviado profundamente de suas intenções iniciais, pois “longe de reintegrar, ele expulsa, evacua, suprime os irrecuperáveis”. Contudo, ao mesmo tempo em que “desvia de suas funções”, ele “revela talvez sua finalidade oculta e verdadeira: defender a sociedade industrial burguesa fundada sobre a propriedade e o trabalho. A prisão é a ilusória válvula de segurança dessa sociedade”.

Foucault vai além quando afirma:

Dizem que a prisão fabrica delinquentes; é verdade que ela leva de novo, quase fatalmente, diante dos tribunais aqueles que lhe foram confinados. Mas ela os fabrica no outro sentido de que ela introduziu no jogo da lei e da infração, do juiz e do infrator, do condenado e do carrasco, a realidade incorpórea da delinquência que os liga uns aos outros e, há um século e meio, os pega todos juntos na mesma armadilha. (FOUCAULT, 2002, p. 213)

Foucault (2002) afirma que ao fabricar esta “realidade incorpórea” chamada “delinquência” é dada à justiça criminal um campo unitário de objetos, autenticado como “ciência” a funcionar como uma “verdade”. Cria-se um personagem a mais, – o delinquente – núcleo de periculosidade e que é classificado em uma tipologia natural desviante, como um ser de outra classe ou até mesmo de outra espécie humana. A “delinquência” faz existir um criminoso antes do crime e até fora deste: “o delinquente se distingue do infrator pelo fato de não ser tanto seu ato quanto sua vida o que mais o caracteriza” (FOUCAULT, 2002, p.211).

Sales (2007) também descreve que as ilegalidades foram criadas a partir deste novo modelo de punir. Destaca que na França, no século XVIII, foi construída a ideia de que havia aumentado a criminalidade. Na realidade, na época, houve uma diminuição dos crimes de sangue, porém um aumento dos delitos contra a propriedade. Segundo Perrot (1988, p.250), de 1830 a 1880, na França, os roubos aumentaram 238%. Neste período, houve uma “regressão do homicídio e o enorme inchamento de todas as formas de delitos contra a propriedade”. Perrot (1988) afirma que as sociedades industriais multiplicaram normas e interdições, codificando tudo e assim fabricando delinquentes.

Em tempos de ascensão de uma sociedade centrada na propriedade privada, na mercadoria e na multiplicação das riquezas, nada mais coerente do que uma justiça mais severa contra o roubo para responder à necessidade de segurança. É preciso, pois, acima de tudo, vigiar, controlar e punir a *ilegalidade dos bens*. (SALES, 2007, p. 218)

Até hoje é possível ser observada essa característica. Dos mais de 419 mil detentos no Brasil, 72% deve-se a furtos e roubos⁴³. Mesmo no caso de medidas socioeducativas de internação, que só recebem jovens que cometeram delitos considerados graves ou que ameacem a vida, os índices apontam que mais de 50% dos atos infracionais praticados por jovens internos são contra o patrimônio (OLIVEIRA, 2006).

Mesmo sendo a mesma causa – delitos contra o patrimônio – que levam em sua maioria adultos e jovens à privação de liberdade, os sistemas prisionais (para adultos) e de medidas socioeducativas (para jovens) deveriam ser, na prática, diferentes. Isso porque a atual legislação específica para o jovem – o Estatuto da

⁴³ Dados consultados no site oficial do Ministério da Justiça, www.mj.gov.br, no dia 10/01/2010.

Criança e Adolescente (Lei 8069/90) – pressupõe medidas socioeducativas ao invés de penas, em caso de transgressão às normas estabelecidas.

De acordo com o ECA (Brasil, 1990), medidas socioeducativas são as medidas aplicadas a jovens entre 12 e 18 anos de idade incompletos, autores de alguma infração. As medidas socioeducativas são, em ordem crescente de severidade: advertência, obrigação de reparação do dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação, sendo as duas últimas em regime fechado. O ECA estabelece que os jovens não podem receber pena como os adultos por entender que ainda estão em processo de desenvolvimento. Medidas protetivas são as medidas aplicáveis a crianças e jovens até os 18 anos de idade incompletos que, segundo o ECA, estejam ameaçados ou violados por "ação ou omissão da sociedade ou do Estado; por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; e em razão de sua conduta. (COIMBRA, BOCCO & NASCIMENTO, 2005, p. 10)

Portanto, para o Estatuto somente os adolescentes (faixa etária de 12 aos 18 anos de idade) são passíveis de cometerem atos infracionais, não podendo ser caracterizados como crimes ou delitos. Dessa maneira, utilizando-se o termo ato infracional, ao invés de crime ou delito, busca-se fugir da associação do jovem à imagem fechada do “criminoso” ou “delinquente”.

Francischini & Campos (2005) ressaltam que mesmo os jovens não sendo passíveis de responsabilização penal, eles são, para o ECA, sujeitos que devem responder a todas as consequências de seus atos infracionais. Para os autores, a diferença seria que a pena buscaria somente causar sofrimento ao transgressor e puni-lo por meio da privação de direitos; já as medidas socioeducativas teriam por objetivo principal a ação pedagógica, mesmo na privação de liberdade, que deve ser usada como último recurso. O objetivo das medidas seria menos a punição e mais a tentativa de reinserção social⁴⁴, de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Na opinião desses autores (2005), o ECA também conseguiu fugir às armadilhas das concepções retribucionistas e paternalistas:

No retribucionismo encontra-se a defesa do aumento da repressão na proporção da gravidade das infrações praticadas, na expectativa da prevenção do cometimento delas; o paternalismo, por seu turno, tende a isentar de culpa os adolescentes que as cometerem, naturalizando a prática do ato infracional. (FRANCISCHINI & CAMPOS, 2005, p. 268)

⁴⁴ Em relação ao conceito de reinserção social, os autores ressaltam que vários outros termos correlatos são empregados pela literatura para fazer referência a essa condição: reintegração social, ressocialização, ajustamento/adaptação, reorganização da vida. Contudo, os autores utilizam-se deste termo por ser conceito utilizado na perspectiva do Estatuto.

O campo do Direito infanto-juvenil sofreu diversas transformações durante a história do Brasil e, assim, foram criados diversos códigos e leis relativas a essa temática. Nestas leis estão presentes as visões de infância e juventude de uma época, bem como a demonstração da forma discriminatória de tratamento do jovem ou criança de classe popular, em relação aos com melhores condições econômicas (ARANTES & TONIN, 2006).

Para Sales (2007), a história dos direitos da criança e da juventude no Brasil é uma história de “cidadania escassa”, em que estão presentes múltiplas violências e violações de direitos. As crianças e os adolescentes, segundo a autora, são alvos de uma violência social expressa na falta de projetos de vida e nas dificuldades de acesso a serviços públicos de educação, trabalho, saúde, cultura, esporte e lazer.

Nossa hipótese é de que houve, desde o princípio da construção da ordem social burguesa no Brasil e da legislação em torno da infância e da juventude, um enviesamento de natureza de classe na construção de imagens sociais, o qual expunha uma cisão entre direitos e violência, sendo os adolescentes pobres duplamente vilipendiados: ora pelo acesso a uma condição de cidadania escassa, apenas como usuários dos serviços de assistência e filantropia, ora pela associação indiscriminada entre juventude e criminalidade, configurando-se uma forma de cidadania denegada (SALES, 2007, p. 200).

Exemplo disso é o Código Civil, de 1916 e o 1º Código de Menores de 1927. Segundo Arantes & Tonin (2006), o primeiro estabelecia direitos aos “filhos de família” (ricos) e o segundo aos “menores” (pobres). De acordo com a literatura especializada no campo dos direitos infanto-juvenis, para a criança em situação de pobreza o que restava eram as consignas do “menor”, “abandonado”, “vadio” ou “exposto”.

Essa situação praticamente não muda com a instauração do 2º Código de Menores, de 1979. Nesse, a Doutrina da Situação Irregular enquadrava e buscava internar todos que se apresentassem fora da dita “normalidade”, como os “carentes”, “menores de conduta antissocial”, órfãos ou “abandonados”, “infratores” ou “delinquentes”, “deficientes mentais”, “doentes mentais”, jovens tidos com “desvios de conduta”, “meninos de rua” ou “perambulantes” (ARANTES & TONIN, 2006). Todos esses, por serem classificados como “em situação irregular”, podiam ser afastados da família. Através destes dois Códigos (de 1927 e de 1979), era feita uma jurisdicionalização da infância e adolescência, buscando ocultar a miséria por meio da penalização e do encarceramento (SALES, 2007).

O próprio CENSE São Francisco sofreu diversas transformações no modelo de seu funcionamento, pois esteve sob diversos regimes e códigos de assistência ao jovem e à criança. A origem dessa unidade pode ser remetida à época em que ainda estava sob a égide do 1º Código de Menores, quando se chamava Escola de Reforma (1933-1965) (COLOMBO, 2002 e 2007). Essa funcionava em outro espaço físico, conhecido como Granja do Canguiri.

Colombo (2002) afirma que, no período que é inaugurada a Escola para Menores Professor Queiroz Filho, os internos da Escola de Reforma são transferidos para esse novo local, no qual ainda hoje funciona essa instituição, campo desta pesquisa. A Escola transforma-se em Educandário São Francisco no ano de 1992, após a aprovação em 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente. A partir de 2007, é nomeada CENSE São Francisco. Na mudança de Escola para Educandário, somente jovens que cumpriam medidas judiciais por práticas infracionais cometidas eram internados no local, devido às mudanças trazidas pelo Estatuto.

Para Liberati (1995), a Lei 8069/90 (ECA) fez uma transformação no Direito Infanto-Juvenil quando adotou a Doutrina da Proteção Integral. Antes, a Doutrina da Situação Irregular, que baseava o 2º Código de Menores, tratava os sujeitos como objetos e não sujeitos de direitos. Esse Código não assinalava para os direitos da criança e da adolescência e acabava funcionando como um Código Penal para menores de 18 anos, e o que diferenciava uma criança ou adolescente de um adulto era somente sua inimputabilidade penal (LIBERATI, 1995).

Antes do ECA, a privação de liberdade era uma prática irrestrita, que poderia ser aplicada a qualquer criança ou jovem considerado em “situação irregular”, ou melhor, em situação de pobreza. Por vezes, esta privação poderia ser aplicada por longos períodos, tendo como consequência o afastamento total da família. Assim, após o ECA, pelo menos para a Lei escrita (ou no papel), a internação, que era irrestrita e aplicada por longos períodos, passa a ser o último recurso utilizado, com dever de ter caráter socioeducativo e respeitar o princípio de brevidade e excepcionalidade.

Liberati (1995) diz que a criança e o adolescente pobre deveriam ser objetos de medidas judiciais de proteção e não de punição por conta de sua condição de vida. A medida de internação também deveria respeitar o princípio da brevidade descrito no Estatuto, já que são sujeitos considerados pela Lei como “em peculiar condição de desenvolvimento”. A partir desta condição peculiar, as crianças e

adolescentes deveriam ter assegurado o direito de primazia em receber proteção e socorro, precedência de atendimentos em serviços públicos, preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas e destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude (LIBERATI, 1995).

Coimbra, Nascimento & Bocco (2005) questionam a concepção desenvolvimentista presente no ECA, pois acreditam que seu discurso está pautado pela noção de adolescência como período universal.

Apesar do avanço que o ECA acarreta para a política de proteção de crianças e jovens brasileiros, a lógica de igualar juventudes tão desiguais em termos socioeconômicos, culturais e históricos integra-se aos princípios e modelos defendidos pelo liberalismo. Ou seja: é uma tentativa de equiparar a valores burgueses modos de vida que continuam desiguais (COIMBRA, BOCCO & NASCIMENTO, 2003, p. 33).

Mesmo assim, as autoras reconhecem que o ECA trouxe significativos avanços, sobretudo no que se refere à desconstrução da lógica menorista presente nos códigos anteriores: “essa legislação é, ainda hoje, um importante instrumento de contraposição às campanhas conservadoras que pregam o endurecimento de penas, a redução da idade penal e a implantação de uma política de tolerância zero”. (COIMBRA *et al.*, 2005, p.5).

Essas campanhas conservadoras baseiam-se, por vezes, em mitos sobre o tema da violência ou da juventude, que Sales (2007) afirma serem alimentados pelo trabalho da imprensa. Um dos mitos seria o da impunidade, de que o jovem fica impune caso cometa um ato infracional, o que não ocorre na realidade (FRANCISCHINI & CAMPOS, 2005; SALES, 2007). Além disso, há os mitos do hiperdimensionamento dos crimes violentos e o da periculosidade do jovem. Na realidade, Sales (2007) afirma que a mídia dá ênfase aos crimes graves cometidos por jovens, porém 60% dos delitos praticados não ameaçam a vida, sendo uma minoria de crimes graves cometidos, além de não serem os jovens os principais autores de delitos considerados graves. Há uma divulgação de certos tipos de delitos (homicídios, roubos) relacionados à certos sujeitos (jovens pobres).

Ainda há muitos mitos que devem ser rompidos e muitas coisas a fazer, para que avancem as políticas de defesa dos direitos da criança e dos jovens. O ECA é fruto da luta na década de 1970 e 1980 dos movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos, no bojo da mobilização contra a ditadura militar, pela redemocratização do

país ou em torno dos Direitos Humanos da criança e da juventude. (FRANCISCHINI & CAMPOS, 2005; ARANTES & TONIN, 2005; SALES, 2007).

Contudo, segundo Arantes & Tonin (2005, p.13), o que ocorre e que faz com que não tenhamos avançado muito nestes direitos é que “em nome do equilíbrio fiscal e do cumprimento de metas pactuadas com organismos internacionais, o Brasil vem, progressivamente, diminuindo o gasto com as políticas sociais básicas, inviabilizando, na prática, o cumprimento da Constituição” e, conseqüentemente, do ECA.

A partir do relatório da Inspeção Nacional às Unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei realizada em 22 estados brasileiros e no Distrito Federal, em março de 2006, pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e CFP (Conselho Federal de Psicologia), verificou-se que a situação da internação de adolescentes do país continua restrita a jovens em condição social de pobreza e apresenta diversas inadequações, em relação aos parâmetros do próprio Estatuto e do Sinase (Sistema nacional de atendimento socioeducativo), quanto ao desenvolvimento da socioeducação. Mesmo após mais de 20 anos de aprovação da Lei, muitas destas unidades realizam somente a contenção e o encarceramento de jovens.

Além disso, muitas vezes, o próprio ECA é descumprido levando jovens a cumprirem parte ou integralmente suas medidas socioeducativas em delegacias, distritos ou cadeias junto com adultos. O Paraná aparece como o segundo Estado brasileiro com o maior número de jovens em delegacias, no levantamento realizado no ano de 2006 pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, ligada à Presidência da República, tendo 157 jovens nesta situação (OLIVEIRA, 2006). Esse dado torna-se relevante na pesquisa, pois quase todos os jovens entrevistados já passaram por estes lugares, que se relevaram como locais onde a maioria deles viu pela primeira vez ou aprendeu a confeccionar os objetos, tema desta pesquisa. Eles relataram a experiência que tiveram nestes lugares:

Lá também a gente não tomava sol. Nós ficava sem sol. Fiquei 1(um) ano e cinco meses lá sem sol. Só ficava na cela, que era menor que estas aqui de baixo (referindo-se as outras alas que ficam embaixo). Teve vez que ficou seis, sete piá⁴⁵ lá. (...) Lá não tem carne, açúcar. Tem que comprar da rua. A única coisa que eles lançam pra você é arroz e feijão.

⁴⁵ Piá significa jovem.

Sal, vinagre, mistura (carne), tudo isso você tem que comprar da rua. Daí tem gente que não tem visita, tem que fazer um corre pra ter uma mistura. Daí uns começa a vender... Por isso que tem tráfico na cadeia: ele não tem visita, de algum jeito tem que arrumar maconha lá da rua pra vender, pra se sustentar na cadeia. Outros não, já fazem artesanato pra vender, recebe dinheiro e compra mais material, compra mistura, compra alguma coisa. (Lealdade)

Normalmente ficava acordado, trocava a noite pelo dia. Ficava acordado a noite inteira. Não dava pra ver quando tava dia, não dava pra ver quando tava noite, tudo fechado! (Anderson)

Só pra dormir que eu ficava no corredor. Aí era 6,7 horas da manhã, aí eles abriam todos os xis e ficava tudo junto os de maior e de menor. Lá é ruim. Lá é veneno mesmo. A gente tinha que ficar lá... tinha cara que tava lá há um ano, um ano e meio. Na delegacia! Lá é ruim, que você não pega sol, fica naquele lugar abafado, todo mundo fumando cigarro, ali, tal. O alimento é ruim. Nossa! O alimento é ruim pra caramba! (Matheus)

Ele (o juiz) me deixou na vez passada três dias na de maior. Que na de maior, eles não dão comida. E ele não avisou minha família que eu tava lá. Pra minha família eu já tava aqui. Eu fiquei três dias sem comer, só tomando água e 1 pão por dia, que eles me deram. (...) Quase me enforquei lá mesmo. Eu já tava me enforcando, só que daí chegou o segurança. Tava lá na cela de fora e assim que saísse minha condenação eu ia me enforcar. (Magrão)

Se não bastasse o encarceramento de jovens em prisões, delegacias e distritos, segundo dados do IPEA (citado por SALES, 2007), em 2002, 71% das 190 unidades destinadas à internação de jovens visitadas, que deveriam ter caráter socioeducativo, foram traduzidas como “sucursais do inferno”, tal era o estado de degradação das mesmas. O diagnóstico realizado, pela Inspeção Nacional às Unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei, apontou igualmente a predominância, no país, de práticas institucionais que descumprem o ECA e ferem os direitos humanos dos jovens internos. O relatório aponta que a realidade é de unidades superlotadas, projetos arquitetônicos semelhantes a presídios, celas, castigos corporais, ausência ou precariedade de projetos socioeducativos. Oliveira (2006, p.102) afirma que 39% das unidades ainda têm alas de isolamento (ou castigo), 71% apresentam ambiente físico inadequado e 1/3 não oferece acompanhamento jurídico aos jovens. O fato de haver vários procedimentos fora de lei nestas unidades, faz com que Oliveira (2006, p.102) as classifique como “instituições em conflito com a lei”.

Leonor, jovem entrevistado que já esteve em uma unidade em outro Estado do país relata:

Lá era bem rigoroso. Os educador qualquer coisinha eles tão batendo. Você tem que andar com a mão pra traz e cabeça baixa, aqui já não anda de cabeça baixa. Mas lá se levantou a cabeça é tapa na cara. Lá cada alojamento era 12, o meu alojamento era 12, mas os alojamentos velho tinha 20, 30 pessoas, dentro do alojamento. Oito cama pra 20 ou 30 pessoas. É sujo, lá eu peguei umas micoses, umas pintinha de cadeia, umas bolinhas de pus, é bem sujo lá. Não é que nem aqui, aqui é bem mais melhor que lá. A comida de lá é fermentada, o feijão é desse tamanho assim. Você ta comendo no refeitório e levanta a cabeça e os educador sobe na mesa e sai batendo na frente de todo mundo e você não pode fazer nada, você vai reagir e apanha mais e é só tapa na cara. É bem rigoroso. (Leonor)

Os espancamentos ou desrespeitos aos direitos dos jovens parecem constantes nestas unidades. Mesmo Leonor apontando diferenças entre a unidade de outro Estado e a do Paraná, os jovens entrevistados também apontaram que as instituições campo desta pesquisa produzem cotidianamente diversas formas de violências e sofrimentos, através de trato desumanizado e práticas punitivas e de confinamento:

Você fica sem o colchão no castigo? (Pesquisadora)
Você fica sem colchão e fica trancado no xis o dia inteiro. Fica só com a coberta, sem o colchão. E sem as atividades. (Magrão)
Você já pegou castigo alguma vez?(Pesquisadora)
Já, 86 dias eu fiquei. (Magrão)
No total você ficou 86 dias?! O que que aconteceu?!(Pesquisadora)
Brigas. A galeria inteira queria bater em mim, daí eu intimei um por um. Daí 4 dias cada briga. E eram 14, 13. E eu briguei com estes 13.⁴⁶
(Magrão)

Foi num dia que eu fui pra outra ala, a polícia me espancou. Daí ficou bastante hematoma. Hematoma nos braços, nas costas, na barriga, do lado da virilha. Daí me mandaram eu pro IML. (Bruno)

“Os cara (policiais) vão subir aqui, vão quebrar nós!”, “Os cara vão soltar os dogs⁴⁷ em cima de nós, os dog vão quebrar nós!”. (relatando o que

⁴⁶ A “medida disciplinar de contenção”, chamada em algumas instituições de “sala da reflexão”, “isolamento” ou até “contenção socioterapêutica”, é conhecida pelos jovens como “cela”, “solitária”, “castigo”. No CENSE Curitiba, os jovens relatam que o “castigo” ocorre na própria cela que eles cumprem a internação provisória e por no máximo 3 a 4 dias, podendo reincidir por mais estes dias caso se cometa outra “falta disciplinar”. Nesses dias eles ficam sem participar das atividades (escola, setor profissionalizante ou terapia ocupacional) e é retirado o colchão durante o dia.

⁴⁷ Os jovens aí se referem aos cachorros que entram junto aos policiais em momentos de revistas e rebeliões.

comentavam em meio a uma rebelião) Nossa! Bem no fim, não aconteceu nada com nós. Só no dia que os desgraçado desses agentes chegaram. Chegaram dando tapão na face. Xingando a coroa do outro, da onde isso aí brother!?! Os caras tão desmaiado já. (Bill)

Naquela cela lá (castigo) é tudo escuro, você fica sem fazer nada lá... Vixi... Fiquei 22 dias na primeira vez que peguei cela (castigo).⁴⁸ (Bill)

Mesmo o ECA tendo preconizado o rompimento com o modelo “correcional-repressivo” existente nos Códigos anteriores, no relato dos jovens é possível visualizar que ainda há uma distância entre o que é dito pela lei e o que é efetivamente desenvolvido nessas instituições. Passetti, (citado por GRAMKOW, 2007) diz que o ECA mudou o discurso daqueles que atuam no campo da socioeducação, mas não mudou as práticas dos executores do Estatuto e, com isso, o paradigma do Código de menores não foi revolucionado.

Francischini & Campos (2005) questionam a possibilidade dessas unidades cumprirem o caráter educativo: “como é possível pensar em processo educacional em estabelecimentos cujo objetivo é precisamente a tutela, o controle dos tempos e corpos?” (BAZÍLIO, citado pelos autores, p. 269). Frasseto afirma que não há e nem nunca haverá uma “internação boa”, pois:

repressão e educação são definitivamente incompatíveis, como a privação de liberdade e a liberdade mesma, que constitui a substância e o pressuposto da educação, de maneira que a única coisa que se pode pretender do cárcere é que seja o menos repressivo possível e, por conseguinte, o menos dessocializador e deseducador possível. (FRASSETO, 2006, p. 10)

Contudo, o que se entende por educativos ou “deseducativos”, pressupõe sempre um conceito, uma idéia ou uma expectativa em relação ao perfil que assumirá o educando que se deseja formar, conforme Francischini & Campos

⁴⁸ Já o “castigo” do CENSE São Francisco, no momento da pesquisa, funcionava em uma ala específica com celas escuras e muito insalubres. O espaço é pequeno, sem ventilação e entrada de luz. Uma chapa de metal com pequenos furos fechava as janelas e por fora mais uma madeira fechava os orifícios que ainda existiam na chapa de metal. No período da realização da pesquisa, em 2007, os jovens atearam fogo neste espaço e quase foram a óbito. Após o evento, a madeira que fechava por fora as janelas foi inclinada de modo que entrasse um pouco de ar pelos pequenos orifícios da chapa de metal. Além disso, na rebelião de 2004 um jovem foi assassinado em uma destas celas. Os jovens contavam, nos atendimentos que realizada enquanto psicóloga da instituição, diversas histórias de assombração e que sentiam muito medo ao ficar nesta contenção. Alguns jovens relataram ouvir vozes, ter alucinações ou até provocaram autoagressões enquanto cumpriam esta reclusão. É importante destacar estas práticas de castigos ou estes lugares, pois foram nestes espaços ou nestes momentos de contenção que jovens, como Bill, Bruno ou Magrão iniciaram a prática de confecção de objetos, por exemplo.

(2005). Os autores destacam que a perspectiva que assume a ação ético-formativa na sociedade capitalista aponta na direção do trinômio Estado, família e propriedade privada. Assim, quando se fala em reordenamento dos valores e padrões de conduta do sujeito transgressor, está se falando também em possibilitar uma ressignificação dos seus padrões de socialização, primando pela consideração da integridade da vida e da preservação do patrimônio.

Nos marcos do Estatuto, estas instituições de internação teriam por objetivo promover espaços educacionais e profissionalizantes na perspectiva da “reinserção” destes jovens por outras vias que não mais a delitiva. Contudo, o conceito de “reinserção social” exige uma reflexão mais profunda sobre a realidade e sobre a dinâmica da exclusão-inclusão nessa sociedade.

A partir dos aportes teóricos da Psicologia Sócio-Histórica, a inserção, ou inclusão, e exclusão são conceitos que perdem seu sentido crítico fora de seu contexto específico ou de sua compreensão dialética. Eles acabam se transformando em retóricas utilizadas para legitimar ações de dominação (SAWAIA, 1999), pois o sujeito que é excluído das formas dignas de vida (como da educação formal, moradia, alimentação, trabalho e lazer) não deixa de se produzir e ser produzido nesta mesma sociedade que o “inclui-exclui” (MAHEIRIE, 1997). Além disso, “a sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas” (SAWAIA, 2006, p. 08).

No caso específico, o discurso da “reinserção” é colocado de maneira completamente retórica, pois este jovem tido como “em conflito com a lei” não deixa de estar inserido neste contexto social desigual e mistificador. Suas práticas, inclusive as que se apresentam como “fora da lei”, são partes desta sociedade e de sua lógica, mesmo este jovem estando em um lugar social diferente do que outros sujeitos, em outras condições sócio-econômico-culturais.

Ao mesmo tempo, na maior parte das vezes, esse jovem não estava inserido na escola, em contextos profissionais ou espaços de lazer e cultura. Essa privação de direitos sociais vividos pelos jovens coloca novamente em cheque a ideia de “re-inserção”, já que nestes espaços (lazer, escola, trabalho) não havia verdadeiramente a dita “inserção”. Este conceito dá a ideia de que o jovem “em conflito com a lei” precisasse voltar e se “re-inserir” no contexto social que sempre o acolheu. Como se

o rompimento fosse do indivíduo com a lei ou sociedade e não um problema na efetivação de seus direitos sociais.

Sawaia (2006, p.09), tratando do conceito de exclusão, ainda reforça: “é um processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema”.

É preciso pensar criticamente esta questão, trazendo à tona o caráter ideológico dos discursos acerca de uma “inclusão social” no capitalismo. Neste modo de produção estão previstas (e inclusas) diversas formas de exclusão de direitos sociais em detrimento da acumulação do capital. Sawaia (2006), a partir do materialismo histórico e da dialética, ressalta que é a concepção marxista que apresenta o papel fundamental da miséria e da servidão na sobrevivência do sistema capitalista.

Nesta concepção a exclusão perde a ingenuidade e se insere nas estratégias históricas de manutenção da ordem social, isto é, no movimento de reconstituição sem cessar de formas de desigualdade, como o processo de mercantilização das coisas e dos homens e o de concentração de riquezas, os quais se expressam nas mais diversas formas: segregação, apartheid, guerras, miséria, violência legitimada (SAWAIA, 2006, p. 108).

Assim, a partir destes aportes teóricos, a ética ou a prática não se daria nos marcos dos discursos da “inclusão” ou da “reinserção social”. O compromisso seria com uma prática emancipatória, que vise à transformação social desse modo de produção, no qual não se produza sujeitos-mercadoria ou desigualdades de oportunidades e direitos sociais. A defesa não seria de uma falsa “reinserção” destes sujeitos ou de um “capitalismo mais inclusivo”, pois esses são mantenedores do sofrimento ético-político vivido pelos sujeitos atualmente.

Sawaia (2006) defende que uma prática para o presente imediato deva buscar não colaborar com o mutilamento da sensibilidade do outro, com a manutenção da passividade ou com a limitação do conhecimento e da reflexão crítica sobre o momento atual. Em concordância com estes princípios, busquei com esta pesquisa não colaborar com o mutilamento das sensibilidades, buscando agir contrariamente a mais uma ação estigmatizadora, para que se possa protagonizar

uma reflexão crítica sobre as condições de vida destes jovens ou sobre o próprio encarceramento.

A pesquisa possibilitou uma escuta sobre processos sensíveis de criação nesses lugares tão cerceadores e mutiladores das sensibilidades. A criação de objetos se dá dentro de um espaço de privação da liberdade e, por vezes, questiona a própria privação e regras institucionais. Por se tratar de processos de criação que, em sua maioria, são proibidos nos CENSEs, a pesquisa acabou provocando em mim e nos jovens reflexões sobre as normas institucionais, sobre as próprias instituições e até mesmo em relação à própria dinâmica de relações sociais dos jovens dentro da internação.

Francischini & Campos (2005) afirmam que ainda que a medida de internação seja em regime fechado, como é o caso dessas instituições campo desta pesquisa, elas devem buscar fugir às características de uma “instituição total”. Goffman (2005, p11) define uma “instituição total” como um local “onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.”

O autor afirma que todas as instituições tem certa tendência ao fechamento, podendo se criar um mundo institucional à parte. Contudo, algumas são mais fechadas do que outras e, assim, tornam-se “instituições totais”, promotoras de várias formas de “mortificações” ou “mutilações do eu” (GOFFMAN, 2005, p. 27).

Várias características das “instituições totais” descritas por Goffman (2005) estão presentes no cotidiano dos CENSE’s, campo desta pesquisa. O autor descreve como algumas de suas características, por exemplo, o uso do uniforme, o costume de se usar uma linguagem própria ou “gíria institucional”, a divisão entre o grupo de internos e dos funcionários, a presença de relações obrigatórias ou de relações sociais impostas, a prática de violar correspondências e pertences ou o fato de cada atividade ser realizada por um grupo grande de pessoas com horários impostos “de cima para baixo”.

Nos CENSE’s, justificados por motivos de segurança, todas as correspondências são lidas pelo técnico de referência (psicólogo ou assistente social) do jovem, os telefones e as visitas são supervisionadas, os banheiros ou chuveiros não tem portas, há câmeras por todos os lados, os alojamentos são planejados para que o educador possa ver todos os cantos internos destes e a maior

parte das celas não é individual, fazendo com que os jovens em nenhum momento possam estar sozinhos. A rotina também é determinada pela instituição sem qualquer participação dos internos, há o uso de uniformes e chinelos (não é permitido o uso de sapatos pelo motivo de risco de fuga) e também se faz presente uma “gíria institucional” específica e diferente em cada instituição.

Os jovens relatam a rotina na Unidade, da seguinte maneira:

Tipo, cedo tem atividade aí de oito e vai até as dez. Dez, dez e pouquinho fico conversando no corredor até dá hora de almoço. Depois do almoço assisto o jornal que é o horário que não tem ninguém no corredor, todo mundo no alojamento assistindo o jornal. Daí a hora que deu uma e meia, escola. Vai pra escola, volta tal horário. Daí aquele horário ali que é meio pesado por causa que não tem nada pra fazer, não tem o que conversar, não tem nada pra assistir. (...) Sábado e domingo é só fechado. Não tem nada. Quando eu cheguei na outra ala tinha um torneio ainda, dia de sábado. Mas ali não tem nada. Daí sábado é mais difícil de passar que é só deitado, deitado e deitado. Domingo ainda tem visita né, daí depois da visita você pode tirar um sossego. (Alex)

Eu acordo quase todo dia sete horas. Acordo, levanto, tomo café, escovo os dentes, já sobe o educador pra ir pra aula. Vou pra aula. Fico até 11:30 na aula, subo, às vezes tem ginásio, sala de jogos, campo. É isso. O resto é só ficar morgado debaixo das manta⁴⁹ e assistindo televisão. Todo dia, dia a dia. Todo dia vejo quase as mesmas pessoas. Desde que eu to aqui não mudou quase nada não. Escola, ginásio, televisão. Escola, ginásio, televisão e atendimento técnico, esses negócios. (Bruno)

Nóis tem ginásio, sala de aula, que é os jogos, tem aula de tarde, essas coisas só. Antes tinha o setor, tinha atividade externa. Agora só tem o ginásio e amanhã é dia de ginásio, tipo terça feira é dia de ginásio. E hoje é a sala de aula, de jogos, e de tarde tem aula pra estudar assim. Essas coisas, e quando não tem nada fica lá em cima sem fazer nada, só curtindo a televisão. (Anderson)

Os períodos que eles denominam como “mais pesado” por não ter o que fazer, que ficam “lá em cima sem fazer nada” ou “só fechado”, foram descritos como o tempo em que mais produziam os objetos focos de sentidos nesta pesquisa, como os origamis, gorros, buquê de flores, raps, entre outros.

Em relação aos pertences que são permitidos na instituição, um dos jovens, interno do CENSE Curitiba, responde que só é autorizado a ter em seu alojamento

⁴⁹ Manta significa cobertores.

uma troca de uniformes (calça, camisa e cueca) e uma bíblia: *“É permitido só a bíblia mesmo de diferente assim”*. (Matheus)

Os jovens contam que vão para os alojamentos com alimentos trazidos pela visita, como bolachas, chocolates ou refrigerantes, de forma “mocada” (escondida) e reclamam que são retiradas dos alojamentos coisas que eles consideram que não deveriam ser levadas, como cds (que são usados como espelhos) ou os gorros, por exemplo: *“Eles tão levando coisas que ele não tem previsão de levar, não tem... Não é risco de arma nenhuma, eles levam”*. (Alex).

Eles se queixam muito também da dependência dos educadores para realizar tarefas de rotina como ir ao banheiro⁵⁰, trocar de roupa, usar uma caneta, escrever uma carta, receber ou enviar recados para os técnicos.

Goffman (2005) fala também que, em alguns casos, quando a permanência nestas instituições é muito longa, há um processo de “desculturamento” dos indivíduos. Isso se caracterizaria por um afastamento tão grande da rotina que o interno levava antes da reclusão, que faz com que esse tenha muitas dificuldades de inserir-se novamente nesse contexto. Alguns jovens entrevistados falaram sobre isso, como Lealdade, que na entrevista diz estar preocupado por estar perdendo a memória. Ele relata que quando fala com sua mãe por telefone ela conta novidades sobre vizinhos, conhecidos, ou colegas e ele diz não conseguir lembrar de seus nomes, rostos ou quem são estas pessoas que antes conhecia, pois já está há dois anos encarcerado. Além disso, alguns jovens relatam terem se acostumado tanto com a linguagem falada na Instituição, que esquecem as palavras que usavam antes de serem presos.

A linguagem ou “gíria institucional” é uma característica muito marcante nessas instituições. Um estudo do uso da linguagem nestas unidades demandaria uma pesquisa à parte, pois estão previstas várias proibições e criações linguísticas que tem diversos significados importantes dentro do contexto da internação e são muito significativas enquanto produções dos jovens.

⁵⁰ No CENSE São Francisco alguns alojamentos são coletivos (Alas A e B) e não há banheiros dentro deles. Portanto, os jovens dependem do educador para abrir as grades dos alojamentos e acompanhá-los até o banheiro. Como há muitos jovens, essa tarefa pode não ser realizada imediatamente. Além disso, no período noturno é proibida a abertura dos alojamentos. Os jovens utilizam uma garrafa pet (denominada como “litro”) para urinar durante este período.

Cito, por exemplo, a proibição entre os jovens de falar as palavras “mentira” e “verdade” ou proferir alguma frase que dê a intenção de afirmar que não está se acreditando no que o outro diz. Como diz Leonor:

Aqui dentro da cadeia, você não deve desacreditar de ninguém. Se o cara falou que fez aquele bagulho tá falado. Se você falar “desacredito que você fez iss”, assim, você tá tirando da face. Face porque não pode falar cara, nem rosto. É face. Tá tirando da face do ladrão. (Leonor)

Vale lembrar que esta proibição de “desacreditar” ocorre em um contexto – o do encarceramento – que é repleto de avaliações e julgamentos. A todo momento, nessas instituições, está sendo avaliado se os jovens estão dizendo “verdades” ou “mentiras” em relação aos atos infracionais ou ao seu processo de “arrependimento” e “mudança de comportamento”. Outra proibição é do uso de nome de animais. É proibido, pela regras de sociabilidade dos jovens, chamar algum interno com um nome de algum animal. Alex conta que em algumas alas não é permitido nem mesmo proferir o nome de qualquer animal, mesmo que não seja dirigido a alguém. Já em outra alas, só é proibido proferir o nome de três animais: rato, crocodilo e cobra. Alex conta:

Só três animais que não pode: rato, crocodilo e cobra (fala com a voz mais baixa). (Alex)
E por que foram eleito estes três animais proibidos?(Pesquisadora)
É,... a cobra parece..., a cobra e o crocodilo pega na traiagem⁵¹, né. E o rato porque roí e rouba lá, essas coisas assim.... Igual “ligeiro” não pode falar, porque “ligeiro” é rato. É umas coisas loucas que até hoje eu não entendo! Mas, como não pode falar, nós não fala. (Alex)
O rato é porque rouba e os outros porque pegam na traiagem?”(Pesquisadora)
É, daí que nem nome de animal não pode falar assim pro piá assim: “você é um porco”, porque daí você tá falando que a mãe do piá é uma porca. Então, você não pode falar também. Pelo pai não tem problema. Mais é pela mãe do piá. Falar qualquer tipo de animal, falar que o piá é aquele animal não pode. Tá insinuando que a mãe do piá é aquilo.”(Alex)

Interessante notar o motivo da proibição do uso da palavra rato, já que estamos diante de uma instituição onde muitos jovens respondem pelo delito de roubo. Tedesco (2006) conta que na instituição de ressocialização de jovens

⁵¹ Alex explica que traiagem pode ser considerada, por exemplo, a ação de matar alguém dormindo ou de costas. O jovem que comete delitos desta maneira é desconsiderado pelo grupo, é visto como covarde.

estudada em sua pesquisa, os internos chamam uns aos outros por apelidos, utilizando nomes de animais. A autora ressalta que o mecanismo de animalização dos sujeitos significa tornar o outro disponível, domesticável, que pode ser mandado, coisificado.

Já no contexto do CENSE, a proibição do uso de nomes de animais pode indicar uma resistência à ação de desumanização dos jovens. Bruno descreve que cria os origamis em forma de animais por eles representarem a liberdade: “eles não podem ficar presos, como nós, né?!” Quando perguntado o que pensa/sente ao olhar para os origamis em formato de animais, conta que estes lembram a natureza e esta lembra a liberdade. A fala de Bruno ou de outros jovens sobre esta questão da proibição de falar nomes de animais ou de produzir origamis em forma de animais, remete à resistência destes jovens em tentar escapar da condição desumana a qual são submetidos e de não se deixar domesticar ou enjaular, como os homens fazem com os animais.

Outro aspecto que chama atenção na explicação de Alex sobre as regras de não citar animais é a valorização da mãe em relação ao pai “*Pelo pai não tem problema. Mais é pela mãe do piá*”. Chamar o outro de algum animal pode ofender a mãe, e isso é grave. Uma das regras mais importantes na convivência dos jovens é o respeito, santificação e adoração das mães.

Foto 5: Muro interno do CENSE São Francisco



Fonte: A Autora, 2008.

Tedesco (2006), que realizou uma pesquisa sobre o modo como jovens constroem laços sociais em um centro de ressocialização de jovens em Córdoba na Argentina também destacou este fato:

Para los jóvenes, a las madres se las respecta y se las ayuda, porque son las que “siempre estan” y “nunca te abandonan”. El afecto hacia la madre (y muchas menos ocasiones hacia el padre) es manifestado en los tatuajes que los jóvenes se hacen con el nombre de las mismas o con la frase “madre te amo”, que también suele escribirse en algunas paredes del instituto. (TEDESCO, 2006,p. 18)

A a também é tema da criação das tatuagens, gorros, origamis produzidas pelos jovens participantes desta pesquisa. Além disso, o impedimento de xingar a mãe do outro é talvez a maior proibição de todas no convívio entre os jovens. “Dar nome na mãe”, como os jovens falam, ou xingar a mãe até mesmo dos guardas, é proibido:

*“Dar nome” na coroa do cara é falar tipo “filho da puta” (fala em voz baixa). Deus o livre! Entendeu? Se o cara falar isso lá em cima é direto para a ala D.(Alex)
Mesmo pro educador?(Pesquisadora)
Mesmo pro educador, para polícia. Mesmo o educador sendo considerado lá em cima um desgraçado. (...) Que nem tipo oh, lá fora, tipo, você vai falar puta (pronuncia em voz baixa), é um nome feio. Aqui você aprende xuxa, capu, entedeu? Xuxa eu não sei porque, mas capu é ao contrário. Para você não ter que falar “aquela xuxa”, “aquela capu”.(Alex)*

Alex afirma que acha melhor o jeito de se falar “na cadeia” do que na “rua”, isso porque, segundo ele, as palavras são mais medidas, menos fortes ou há menos desrespeitos e ofensas. É importante também destacar que as gírias não são somente utilizadas pelos internos. Os funcionários, principalmente os educadores sociais, que permanecem em contato com os jovens por mais tempo, usam cotidianamente esta linguagem no local de trabalho. Mesmo assim, as palavras permitidas ou as regras de sociabilidades são distintas no uso entre os internos e dos jovens com os funcionários: *“Têm coisas que os piá não pode falar um pro outro, mas pro educador pode, ou pra polícia “. (Alex)*

Tedesco (2006, p.03) ressalta que os jovens internos vão criando uma série de expressões e gestos formando uma linguagem própria compartilhada pelo grupo, que, por mais que os que são externos a este grupo dos jovens possam extrair ou imitar alguns termos, nunca é possível penetrar totalmente neste universo.

A linguagem ou regras próprias de convívio dos jovens acabam reforçando os vínculos do grupo. Tedesco (2006) afirma que, além disso, as ações dos jovens que são proibidas pela instituição, como fumar maconha, por exemplo, também promovem este fortalecimento dos vínculos frente aos adultos da Instituição.

Por mais que estas “instituições totais” promovam diversos cerceamentos, excesso de normatizações ou violências, há sempre linhas de fugas e rompimentos com estes proibidos. A maior prova disso é a insistência no criar de objetos como pulseiras, gorros, origamis, esculturas em papel, entre outros. Alex e Bruno contam que sempre se dá um jeito, sempre há maneiras de se conseguir os materiais para as confecções de objetos, por exemplo.

São muitas as normas criadas e descumpridas nos CENSE's. O excesso de regras parece colaborar para que haja a presença, na instituição, de quase tudo que é instituído como proibido (drogas, cigarro, armas brancas, a presença nos alojamentos de fotos, materiais de limpeza, higiene, papel, canetas, entre outros).

É importante destacar que as regras, os proibidos ou permitidos nestas instituições são dinâmicas, compostas de continuidades e descontinuidades, modificando-se constantemente. Muitas destas regras não são escritas em nenhum documento e ora são consideradas faltas graves, ora não são. Os jovens mesmos, quando os entrevistei, diziam não saber se eram proibidas algumas coisas. Alex, por exemplo, veio portando pulseiras para a entrevista. Pergunto se elas são permitidas e ele disse não saber. Afirma que, às vezes, eles recolhem, porém, outras vezes fazem vistas grossas. Ele conta que vestia um gorro feito com fios de coberta há algum tempo atrás, em 2007, como vários jovens o faziam, até que em certo dia foi proibido e lhe tomaram em uma revista.

Como afirmam os jovens, caso não tenham os materiais para produzir os objetos como papel, fios ou canetas, sempre se consegue um jeito de conquistá-los: por meio dos funcionários, a partir da visita ou, como Bruno afirma, “fazendo 155⁵² nas oficinas ou na escola”.

Além das normas institucionais, verifiquei que há também diversas regras no convívio entre os jovens e estas são rígidas e muito abundantes:

Quando muda de ala ainda, ixe, é pior. Aí você tem que pedir pro mais antigo te passar uma lista do que pode falar do que não pode pra você

⁵² Fazer um 155 é furtar. O número é relativo ao artigo do Código Penal para delitos de furto.

não desmaiar⁵³. Até você gravar sabendo que tinha coisas daquela ala que você podia falar e nessa não! Coisas daquela que você não podia e nessa pode, é uma coisa que nada a ver, cara. Das três alas que eu já passei tem coisa que nossa!(Alex)

O que te chama atenção nessas listas aí. Do que você já leu, que foram coisas que você consegue lembrar dessas listas que te chamaram atenção, do que tavam escritas aí do que não pode, do que pode? (Pesquisadora)

Ah o que chama mais atenção assim, que nem tem... não sei se na outra ala tá ainda, mas era umas oitenta, cem coisas pra lembrar. Então, torna difícil pra certos piá aí, que tem a pinha⁵⁴ fraca. E chegou uma época que se o cara desmaiasse no corredor os cara podiam bater nele ali, ou ficava amarrado. (...) Quando eu cheguei aqui, o C. e J. falou: “o bagulho aqui é você escuta mais e fala menos” Daí se eu desmaiasse, que nem os cara fala, tem coisa que não pode falar e tem coisa que não pode fazer, daí os cara apanhava aí pra cima pra aprender. Os cara amarra na ventana⁵⁵, que é a janela, os cara dá 50 soco na caixa⁵⁶ ou 100 na nuca ou 100 aqui ou 50 ali. Em piá que desmaia assim. Daí até na pira⁵⁷ assim, as brincadeiras que os cara faz, se desmaiar acontece isso. Tem piá que não aguenta ou não quer, daí pede para sair fora da ala e acaba indo lá para D. Daí nisso que eu ficava esperto, né? (Alex)

É chegar, amarrar, deixar amarrado umas 2 ou 3 horas, jogar umas dezoito manta quando ta calor. Ou deixar amarrado de coruja no boi⁵⁸, todo molhado no frio. É coisa de cadeia, diversão de cadeia. Ou chegar dar uns tapão. É um tipo de brincadeira que os caras fazem dentro da cadeia. Se chama de pira na cadeia. (...) Que nem a Dona M. (técnica da Unidade) falou: “não sei porque vocês batem em qualquer um que vem”. Não, nós não bate em qualquer um, nós bate em quem não sabe sobreviver no meio dos ladrão. Os cara quer ser bandido e não sabe sobreviver no meio dos bandido! Como que você quer que os cara não leve atropelo!⁵⁹ Eu fui pra outra unidade e não levei atropelo. Os caras avisam o cara a primeira vez, avisam a segunda, na terceira não tem como mais, os caras já levam pro atropelo.(Leonor)

Tedesco (2006), na pesquisa realizada sobre a convivência de jovens internos, observou as ações de solidariedade entre os jovens, de classificação que impõem ao outro (às vezes com critérios desumanizados e excludentes) e também

⁵³ Desmaiar é ficar distraído, desatento às normas.

⁵⁴ Pinha significa cabeça.

⁵⁵ Ventana significa janela.

⁵⁶ Caixa significa peito.

⁵⁷ Pira é uma brincadeira entre os jovens onde se tenta irritar o outro para ver até onde ele aguenta.

⁵⁸ A palavra coruja significa cueca e boi significa banheiro.

⁵⁹ Atropelo é quando um grupo se une no intuito de bater em um dos jovens para expulsá-lo do alojamento.

as práticas de violências entre eles. A autora percebe que há, ao mesmo tempo, relações de reciprocidade e violência:

A medida que penetraba en el mundo del correccional y conocia las maneras y redes de sociabilidad, pude percibir como los jóvenes le daban un alto valor a los vínculos afectivos; poseían un orden moral particular; respetaban normas propias y sin embargo, al mismo tiempo, recibían y utilizaban la violencia de forma cotidiana como una de las maneras de relacionarse. Pude así advertir una relación ambigua, pero no excluyente, entre la violencia que protagonizan los jóvenes y la construcción de vínculos afectivos y solidarios.” (TEDESCO, 2006, p. 12).

Isso também foi visto nesta pesquisa, pois o processo de criação ou de troca de objetos, por exemplo, se apresentou como maneira de compartilhar afetos, porém também é permeado pela existência de hierarquias e violências.

Há principalmente no CENSE São Francisco uma hierarquia grande em relação ao tempo que o jovem está na instituição. O “mais velho”, como os jovens chamam, tem alguns privilégios como ficar mais próximo da televisão, utilizar o melhor chuveiro, escolher o time de futebol, entre outros. Eles explicam que o mais “velho de cadeia” está há mais tempo longe da rua ou de casa, estando há mais tempo “no veneno”, necessitando ter vantagens, portanto, em relação aos que acabaram de chegar:

Que nem lá na outra ala, eu tava na ducha, eu sou o mais velho, o mais novo tem que esperar eu falar “cola ali na ducha”. Isso já é humildade, o mais velho toma banho na primeira ducha, na mais de boa e os mais novos vão ao lado. Se eu sou o mais novo e não tem ninguém, se chega um mais velho, eu vou para segunda, e assim vai indo. Se chega mais um mais velho eu vou para terceira, daqui a pouco já tô na última com 3 mais velho que eu e eu tenho que revezar com o cara. Isso já uma humildade.(Alex)

Não sei porque tem essas regras, tem coisa que é nada haver. Mas é cadeia... A gente tem que seguir as regras da cadeia. Tem que respeitar os mais velhos. (Leonor)

Nestes CENSE's, o processo de admissão do novato é ritualizado tanto pelas ações da Instituição, como pelas regras de convívio dos jovens. O cabelo dos jovens é raspado, eles ficam durante uma semana em avaliação permanente e no CENSE São Francisco, por exemplo, algumas vezes são os jovens que acabaram de ingressar na instituição que realizam limpezas mais pesadas como a do ginásio,

refeitórios e banheiros. Goffman (2005) fala que ações de rebaixamento e humilhações são comuns nas instituições totais para com os novatos.

Já em relação às regras de convívio entre os jovens, Tedesco destaca que na instituição estudada os novatos também passam por um período de provas que deve atravessar para poder ser parte integrante do grupo e ocupar um lugar próprio.

*Quando você chega, você chega quieto, você não sabe o que fazer, você não sabe o que pode falar, o que não pode. Daí você fica só registrando.
(Alex)*

Além disso, quase todos os jovens recém ingressos na Instituição ganham um novo nome, ou “vulgo de cadeia”. Esse normalmente é diferente dos vulgos que eles tinham “na rua” ou “no crime”. Esta ação parece simbolizar um novo batismo, agora no universo do encarceramento, promovendo uma ruptura com o “mundo lá fora” e uma entrada na privação de liberdade. A partir do momento em que ganham estes novos nomes, passam a ser chamados e conhecidos assim pelos demais jovens, que normalmente desconhecem os nomes “verdadeiros” de cada um.

Outra ação também deste “período de provas” é delegar aos novos a tarefa de assumir os “B.Os” (boletins de ocorrência) quando se faz algo ilegal. Alex conta que as pulseiras, por exemplo, são confeccionadas pelos jovens mais antigos na unidade basicamente com os fios das toalhas dos jovens que ainda estão na recepção.

Entretanto, alguns jovens, que não passam pelas “provas” diárias de convivência entre os jovens, são excluídos do grupo. Normalmente o mais “velho da ala” no Cense São Francisco é que toma a decisão final de excluir ou não algum jovem “do convívio” com os demais.

O cara tem que ser esperto pra conseguir viver. Viver assim não né? Não é assim que o cara vai matar. É conseguir ficar no meio do convívio com os piá de boa. Não no caso de seguro. Deus o livre! Tá louco cara! Pra nós, depois na rua, na periferia, na quebrada chega lá que nós passou lá no seguro com estuprador, cagueta, pilantra, tudo este tipo de piás . Tá louco! Muitos desses que sai morre na rua. Os caras não aceita.(Alex)

O “seguro” é o espaço no qual os jovens que foram excluídos da convivência com os demais cumprem a medida. Normalmente, sendo excluídos, não retornam mais ao convívio; e, como afirma Alex, o fato de ter passado pelo “seguro” poderá

estigmatizá-lo mesmo estando na “rua” (em liberdade). Além disso, alguns jovens nem chegam a ingressar no convívio com os demais, pois são transferidos quando entram na unidade imediatamente para a ala de seguro. Normalmente são jovens que respondem por atos infracionais não aceitos entre os jovens, como estupro ou atentado violento ao pudor. Tedesco (2006) afirma que nas unidades pesquisadas em Córdoba, os jovens que respondem por estes delitos citados, também ocupam o pior lugar e são os mais estigmatizados, sendo sempre corpos disponíveis para os golpes ou violências.

Desse modo, pode se observar que as formas de sociabilidade dos jovens na internação são repletas de tensões, afetos e ambiguidades. As relações singulares constituídas na internação acabam constituindo as formas de conviver dos jovens que afetam também sentidos dos jovens sobre os objetos criados no encarceramento.

En el marco de situaciones de tensión y encierro institucional, los jóvenes construyen al interior de los institutos, espacios, tiempos y categorías de personas singulares. Así, los modos de convivir, convidar, intercambiar y estar en la mismo, son ejes que atraviesan sus relaciones y constituyen lazos de pertenencia. De este modo, los jóvenes se sitúan en una red social que los vincula a los demás internos y en consecuencia, se comportan de acuerdo a un alto nivel de compromiso y lealtad. (TEDESCO, 2006,p. 23)

Em meio às tensões e sofrimentos causados pela própria privação de liberdade, os jovens criam seus espaços de relações que regulam a convivência, as trocas e as distâncias entre eles. Este é um espaço singular e permeado por ambiguidades, onde coexistem a igualdade e a hierarquia, a solidariedade e a violência.

Nesse espaço surgem as criações. E as mesmas ganham múltiplos sentidos. Elas permeiam as relações e suas contradições. Participam do cotidiano, reforçando e questionando as hierarquias. Porém, também, promovendo laços de solidariedade e igualdade.

4 OS SENTIDOS SOBRE OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO

4.1 “Enquanto existir vida haverá criação”: processos de objetivação/subjetivação como condição ontológica do ser

Como o foco da pesquisa não foi analisar o produto final ou a experiência de criação em si, e sim a relação singular que os jovens estabelecem com suas produções, a entrevista foi aberta para que os sujeitos falassem sobre o que consideraram como suas criações no encarceramento. Não foram determinados de antemão quais criações ou processos seriam considerados “válidos” ou “inválidos” para a pesquisa. O único critério adotado era de que o jovem entrevistado entendesse aquela produção no encarceramento como uma criação de sua autoria.

Em relação ao tema da autoria, esta pesquisa entende que o autor-criador não é um indivíduo isolado do social, e sim, um sujeito que se constitui incessantemente por meio das múltiplas vozes sociais presentes no cotidiano e na história. A autoria é constituída nas/pelas/para as relações sociais. Contudo, isso não significa dizer que não existam sujeitos e singularidades por trás de toda criação.

Constatee, por meio da pesquisa, que existem produções dos jovens em que há a participação de vários autores, tanto na fase da conquista dos materiais, como no momento do planejamento e da confecção dos mesmos. Alguns objetos, portanto, são construídos coletivamente, marcando a autoria individual e coletiva nestas criações. Vigostki (1999, p.315) critica a análise que entende a poesia popular como criada pelo “povo”, sem a referência de que existem autores por trás de sua criação, e, ao mesmo tempo, critica aqueles que percebem o artista como criador individual isolado do mundo em que vive. Para o autor, “é muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais.” Portanto, tanto os jovens entrevistados quanto os artistas ou os sujeitos que constróem uma poesia popular são sujeitos-sociais autores de suas criações e o social sempre está presente em suas constituições.

Anderson, Alex e Matheus contaram que produziam pulseiras, que eram tecidas com fios desfiados dos uniformes, das toalhas de banho, ou com linhas de costura trazidas por funcionários ou furtadas nas oficinas. Alex conta que

normalmente são desfiadas as toalhas dos “novatos”, pois estas ainda não têm a numeração que identifica seus donos, o que colabora para que não sejam punidos, caso a instituição busque responsabilizá-los pela destruição das toalhas.

As pulseiras são trançadas de distintas maneiras e cores, e nelas são tecidos nomes, frases e até mesmo desenhos ⁶⁰. Os jovens contam que para dar forma à pulseira é também utilizado um lacre de plástico (presente na embalagem da tampa de refrigerantes). Além disso, disseram preferir tecer as pulseiras com linha de costura ao invés de fios das toalhas e roupas, pois facilita o processo.

Figura 6: Pulseiras tecidas pelos jovens



Fonte: A autora, 2010.

Bruno, Bill, Magrão e Matheus criam origami em papel. Estes são feitos através da montagem de peças confeccionadas a partir da dobradura do papel. Os jovens relataram criar origamis com diferentes formatos como aves⁶¹, vaso de flores, porta-retrato, caixas, avião, escorpião, sapo.

⁶⁰ Nas entrevistas os jovens relataram que nas pulseiras é escrito seus nomes, os das namoradas e de familiares. Além disso, Anderson diz que já teceu um desenho de asas de anjos e de uma folha de maconha. Frase de rap ou a consigna “vida loka” também são escritas nas pulseiras.

⁶¹ Muitas vezes os jovens chamam os origamis de “marreco”, já que a maior parte dos jovens os criam em forma de uma ave. Na fala de alguns jovens a palavra “marreco” significa origamis em geral, mesmo que estes não tenham esta forma.

Figura 7: Origami em formato de caixas e porta-retratos



Fonte: A Autora, 2008.



Origami em formato de escorpião

Figura 8: Origami em formato de aves



Fonte: A autora

Figura 9: Origami em formato de vasos e vasos com flores



Fonte: A autora, 2008.

Figura 10: Instrumentos para confecção de gorros feitos com pedaços de arame ou clips, escovas de dentes e tubos de caneta



Fonte: A Autora, 2010.

Em um período que antecedeu as entrevistas, no CENSE São Francisco, ainda era permitida a presença de 1(uma) folha de papel por semana, para que cada jovem escrevesse cartas à família. Bill relata que trocava sua marmita por estas folhas de papel e assim confeccionava diversos origami. Já Magrão conta que, na outra vez que estava internado no CENSE Curitiba, arrancava as folhas de livros que ainda eram permitidos dentro dos alojamentos. No momento da entrevista, estes livros estavam suspensos devido ao fato deles terem sido danificados pelos jovens.

Contudo, mesmo com a proibição do papel nas duas instituições, os jovens relataram que, por vezes, ainda conseguiam fazer origamis com papéis conquistados “ilegalmente”. Os jovens destacam que é necessário um número muito grande de folhas para a confecção destas criações.

Outras produções citadas foram: a máquina de fazer tatuagem, confeccionada por Matheus; o gorro de lã, tecido por Bill; e um buquê de flores em papel e palito, realizado por Lealdade. Matheus explica que aprendeu a fazer a máquina com o primo que era ex-presidiário e que a confecciona através de um motor de toca fita, uma colher, um tubo de caneta, uma agulha, um ferrinho pequeno (*“cata um ferrinho e coloca na parte que faz o motorzinho girar”*) e um pedaço de fio de luz (*“pega destes carregador de celular, sabe? daí você arranca os fios, pá, pra colocar na tomada o carregador”*).

O buquê de flores é construído com papel, palito de churrasco e cola. Lealdade confeccionava os buquês na cela, mas conseguia os materiais na escola com os professores em uma época em que relata que tinha permissão para fazê-los. Porém, no momento da entrevista diz que não estava produzindo por estar proibido o fornecimento destes materiais.

Já o gorro era tecido por Bill com fios retirados dos cobertores ou com lãs fornecidas por funcionários.

Figura 11: Gorros tecidos pelos jovens com os escritos “realidade cruel” e “Jú I love you”.



Fonte: A Autora, 2010.

O CENSE São Francisco, por um período, chegou a fornecer a lã para os jovens e até criou uma oficina profissionalizante para ensinar a confecção dos gorros. Foram criadas várias regras pela Instituição em relação aos gorros, como a proibição de venda, de sair qualquer gorro da Unidade, de ser tecido com fios de coberta ou de dá-los para familiares, colegas ou funcionários. Além dessa regra, em outro momento, ficou proibido escrever nos gorros frases ou desenhos com a lã,

sendo permitido somente que os jovens escrevessem seus próprios nomes nos mesmos.

Obviamente que estas regras não foram cumpridas, acarretando, mais tarde, na proibição de seu uso. Na entrevista, Alex relata o dia em que todos os jovens desceram para uma revista policial surpresa (pente fino) nos alojamentos e que os educadores não mais deixaram que eles subissem portando os gorros. Em realidade, os jovens explicam que a proibição neste dia, foi uma ação da instituição em represália a uma “bateção de portas” que tinha ocorrido no dia anterior.

Os jovens contaram que, desde a proibição, cada vez que algum jovem usava um gorro, ele era recolhido pela Instituição. De acordo com Alex, os jovens foram informados de que os gorros recolhidos seriam doados para um asilo de idosos.

Bill conta que continua produzindo gorros utilizando lãs fornecidas por funcionários, ou fios retirados das cobertas, tubos de canetas com cliques amarrados e escovas de dente como agulhas de tricô. Ele conta ainda, que da última vez esqueceu de tirar o gorro para ir ao ginásio e o diretor acabou confiscando-o.

Em relação a esses objetos, acho relevante destacar como meus olhos viram e o que senti, ao vê-los, ou quando escutava o relato de como eram feitos. Principalmente os objetos tecidos com fios de cobertas e de roupas me fizeram lembrar, diversas vezes, a obra do artista Arthur Bispo do Rosário⁶². Sua obra não deixa de ser produzida também no encarceramento, mesmo sendo um manicômio.

Muitas das produções desse artista são bordadas em cor azul pelo fato de serem confeccionadas com os fios dos uniformes do hospital. As suas obras são muito marcantes e me fizeram lembrar também dos uniformes e das cobertas desfiadas no São Francisco. Os bordados de Bispo parecem materializar a busca de humanização de um espaço cerceador da condição humana, como também é o cárcere. Estas obras de Bispo podem ilustrar essas características:

⁶² Segundo Aquino (2005), Bispo faleceu no ano de 1989 e esteve recolhido no Hospital Colônia Juliano Moreira por cerca de 50 anos. Tem uma vasta obra produzida enquanto esteve interno neste hospital psiquiátrico, com 802 criações de sua autoria, que foram conhecidas do grande público somente a partir do ano de 1989, após a sua morte.

Figura 12: Sinal luminoso "trânsito" (s/data)



Figura 13: Congas e Havaianas (s/data)



Fonte: Catálogo Exposição Bispo do Rosário (MON, 2005).

Figura 14: Partida de xadrez com Rosângela (s/data)



Fonte: Catálogo Exposição Bispo do Rosário (MON, 2005).

Embora a memória tenha me reportado à obra de Bispo do Rosário, considerado atualmente um artista, esta pesquisa não objetivou qualificar a produção dos jovens entrevistados enquanto arte, artesanato ou qualquer outra forma de classificação⁶³. O intuito de recolher do lixo algumas criações foi para observá-las, buscando compreender como essas produções colaboravam na constituição desses sujeitos e quais os sentidos que elas tinham para eles.

Mesmo sem ser um questionamento meu na pesquisa, a classificação dos objetos foi dada pela maior parte dos jovens, sendo chamados de “artesanatos”. Nas Unidades, funcionários também classificam alguns destes objetos (como os origami, pulseiras, gorros ou buquê de flores) como artesanais. Contudo, outras produções não foram consideradas artesanais pelos próprios jovens:

*É criação também né (...) tive, não pra mim, mas pros outro, a vontade de fazer aquilo, que é um cachimbo. **Também não faz parte de artesanato**, mas uma coisa que eu fiquei de cara de eu ter feito com aquilo. (...) Eu fiquei mais impressionado pelas coisas que eu consegui usar para fazer. Então, várias coisas dá pra você imaginar e fazer com os materiais que tem lá, com as coisas que estão ao seu redor, só você ter a mente pra fazer. (Alex)*

*Tem os artesanatos que a gente faz dentro do xis aqui. **Só que esse não é artesanato, artesanato**. A gente usa a coberta, né. (Magrão)*

Como é que é? (Pesquisadora)

Que nós faz uma rede daí né, e dorme na rede. (Magrão)

Os jovens, dessa maneira, distinguem as produções que consideram ou não artesanais. Alex chega a dizer que aquilo que produz “é criação também”, demonstrando que entende o cachimbo de sua autoria como uma produção relevante para contar na pesquisa. Magrão também relatou a criação de redes como uma produção importante dos jovens dentro das celas, considerando-a como parte integrante da pesquisa.

⁶³ Há vários debates no campo das artes, sociologia, antropologia ou história relativa a classificações e distinções entre “arte”, “artesanato”, “arte popular”, “arte bruta”, “arte virgem”, “folk art”, “arte artesanal”, entre outras. O que se classifica enquanto arte, ou suas subdivisões a partir dos estilos, são construções sociais onde o que é arte, como afirma Canclini (1997, p.23), “não é apenas uma questão estética: é necessário levar em conta como esta questão vai sendo respondida na interseção do que fazem os jornalistas e os críticos, os historiadores e os museógrafos, os marchands, os colecionadores e os especuladores. Da mesma forma, o popular não se define por uma essência *a priori*, mas pelas estratégias instáveis, diversas, com que os próprios setores subalternos constroem suas posições, e também pelo modo como o folclorista e o antropólogo levam à cena a cultura popular para o museu ou para a academia, os sociólogos e os políticos para os partidos, os comunicólogos para a mídia.” Portanto, por não ser mesmo o objetivo desta pesquisa, este trabalho não entrará nesta celeuma de fatores sociais que estão implicados neste tema.

Os gorros, pulseiras, origamis ou o buquê de flores já eram produções conhecidas por mim na fase de observação da pesquisa. Contudo, tomei conhecimento com alegria e surpresa de outras produções somente no momento das entrevistas.

Uma delas é o que Alex intitulou de “meu espaço” ou “meu barraco”. Ele a descreve em detalhes, contando como a montou em sua cela, produzindo uma divisória e prateleiras para colocar seus objetos:

Tentei inventar um monte de coisas e saiu! Tipo com papelão, cola, durex... essas coisas assim. (...) Como eu dormia na beliche de cima, daí fui colando na parede, fazendo as coisas para ficar parado na parede. Daí fechei com um lençol, ponhei a linha em cima em baixo, de lado em cima, em baixo e amarra o lençol e fica parado. E ninguém vê eu dormindo ali, porque eu fechava de noite. (Alex)

Eu não consegui entender como é isso, é na parede? (Pesquisadora)

Que nem aqui oh (mostra um canto da parede), colei um papelão lá e amarrei a linha até aqui. Colei ali e amarrei a linha embaixo. Aqui mais uma, colei o papelão e amarrei a linha até aqui. (...) Daí amarrei dois lençol que eu peguei lá da recepção. Um aqui e outro ali. Daí aqui ficou tipo uma portinha para mim entrar. E eu vi que deu certo! (...) É tipo meu espaço, só meu, para mim ficar! E acabou dando certo! E eu até achava mais bonito. É que quando é muito grande o bagulho parece que... Eu gosto de lugar pequeno que fique só minhas coisas. Daí fui ponhando uma coisa minha (...) Ficou até bonito de ver (...) (Alex)

Alex fala com satisfação sobre sua criação: “*tentei inventar um monte de coisas e saiu!*”, “*deu certo!*”, “*ficou até bonito de ver*”. O jovem também confeccionava outros objetos como pulseiras, por exemplo. Contudo, demonstrou manter uma relação especial com aquela criação, que ficou clara ao expor:

Ah o barraco eu achei massa pra caramba, porque eu já tinha visto acho que uma vez só. Só que não ficou do jeito que, no caso, eu queria. Daí quando eu fiz mesmo ficou mais massa ainda. Daí eu ficava lá em cima, ficava pirando né, na coisa. Eu achava massa. (Alex)

Já, em relação à confecção da pulseira fala: “*a pulseira não era tanto assim, a pulseira eu ficava normal. Só era mais uma coisa pra desbaratar no braço*”. (Alex). O jovem conta que ficava “pirando” com sua criação e que a mesma tinha um sentido especial para ele. Essa fala parece demonstrar que seu fazer colabora para

a reafirmação de si. Por meio de sua criação, Alex se coloca no mundo, afirmando seus desejos, seus valores e assim re(afirma) sua existência e humanidade.

Enquanto o jovem descrevia com emoção a criação deste espaço que chama de “meu espaço” ou “meu barraco”, novamente a referência da obra Bispo me veio à mente, a partir de sua produção intitulada Cama de Romeu e Julieta:

Figura 15: Cama de Romeu e Julieta



Fonte: Catálogo Exposição Bispo do Rosário s/d.

Em um lugar como a internação ou o manicômio, onde as camas são todas iguais e sujeitos são vistos como números uniformizados, as produções “meu espaço” de Alex, bem como “Cama de Romeu e Julieta” de Bispo, remetem mais uma vez a uma resistência contra o assujeitamento que estas instituições promovem. As criações constroem espaços dentro das instituições totais que reafirmam suas existências e suas singularidades, entendidas como “unicidades construídas na diversidade” (ZANELLA, 2006, p.35).

A autora entende que no processo de constituição dos sujeitos “não há essência, não há *a priori*, pois toda pessoa é objetivação de um complexo processo de criação histórica, cultural, contextual, ao mesmo tempo coletiva e singular”. Este é um processo complexo, permanente e “inexoravelmente social de (re)invenção de si em que um ‘outro’ é fundamento e expressão do próprio eu”. (ZANELLA, 2006, p.34).

Alex relata que na primeira revista dos educadores ao alojamento, sua criação foi destruída: “*na primeira geral também foram lá e tiraram tudo. O bagulho é que também não têm o por quê. O quê que vai fazer aquilo ali! Não têm... Não vai*

fazer nada de mal para ninguém, foram lá e tiraram tudo!”. A indignação de Alex, diante da destruição de sua criação, aparece em suas palavras. Sua construção tinha um significado especial, de um fazer sensível que constroi diversos sentidos, como o de resistência dentro da privação. Ele relatou que remontou algumas vezes esse espaço reservado, mas que o mesmo foi destruído novamente pela Instituição.

Além dessa produção, Alex fez um cachimbo com a tampa do “espiritique” (desodorante), a “blindada de alumínio” (o alumínio da marmitta), durex e uma antena do rádio. O jovem não entra em detalhes na entrevista sobre a função utilitária deste objeto⁶⁴. Faz questão de falar sobre o que sentiu ao criá-lo e o que aquilo representou pra ele: *”coisa que eu fiquei de cara de eu ter feito com aquilo”* ou *”eu fiquei mais impressionado pelas coisas que eu consegui usar para fazer”*.

Figura 16: La trahison des images, 1928



Fonte: Magritte site

A obra de René Magritte nos remete a frase “isto não é um cachimbo” a partir de uma imagem pintada de um cachimbo. Para Alex, a sua criação também não era somente um cachimbo, sendo mais do isso, representando algo além de sua função prático-utilitária. O seu interesse se deu pelo fato de usar criativamente materiais nunca imaginados, que podiam ser transformados em cachimbo, como um desodorante, um pedaço do alumínio da marmitta ou de uma antena de rádio. Concluiu com: *“só você ter a mente pra fazer”*, sugerindo usar a imaginação para criar muitas coisas com os materiais disponíveis. Isso abre múltiplas possibilidades para o exercício do imaginar, o que proporcionou a Alex um trabalhar a partir de uma

⁶⁴ Nesta unidade é dito que estes cachimbos são utilizados para fumar comprimidos furtados da enfermaria, drogas ou até mesmo a cera raspada do piso de madeira.

dimensão sensível, transcendendo o caráter prático utilitário que uma antena de rádio, ou uma embalagem de desodorante possam ter naquele contexto.

Em relação a outras criações, Bill relatou ter criado uma música de rap no alojamento e Magrão conta que construiu redes para deitar, confeccionadas com cobertores ou lençóis. Os dois, em suas falas, destacaram suas criações como da maior importância para eles, tendo um significado a mais do que os outros objetos criados.

Cumprido resaltar que, no momento da pesquisa, todas as criações citadas acima eram consideradas proibidas pelas instituições. A única atividade permitida institucionalmente dentro dos alojamentos, eram os desenhos, feitos em um espaço específico da parede das celas do CENSE Curitiba. Leonor conta que faz estes desenhos em uma área determinada do alojamento, sendo o giz também fornecido pelo CENSE. A Instituição destina o espaço da parede, de cada cela, para que os jovens possam desenhar ou escrever. Pelo relato dos profissionais do CENSE e de Leonor, isso diminuiu o ato de pichações nos alojamentos.

As atividades de pintura em gesso e a pirografia em madeira, que foram relatadas pelos jovens Matheus, Leonor e Magrão como suas criações, são realizadas em oficinas, com supervisão de um professor do CENSE Curitiba e, portanto, não são proibidas. Contudo, os jovens relataram que as criações também são negociadas e trocadas entre os jovens, às escondidas, por refeições ou por outros tipos de objetos construídos.

Existem as produções realizadas nas oficinas, mas o momento do dia que quase todos os jovens contam como o de grande produção de objetos ou desenhos, é o fim da tarde e início da noite, dentro dos alojamentos. Relatam que quando não têm nada pra fazer (atividade, sala de aula, atendimento ou oficinas) criam seus objetos. Os finais de semana ou quando ficam “trancados” o dia todo (momentos pós-rebeliões ou de castigos) são as ocasiões em que mais produzem. Oportunamente, quase todos reclamam da ociosidade e da rotina monótona das unidades, dizendo que sobra tempo nas internações, possibilitando que sejam confeccionados alguns objetos que demandam muito tempo e paciência em sua construção, como os origamis.

Uma outra questão muito importante a ser relatada é o fato de que os jovens, tanto do CENSE Curitiba quanto do São Francisco, disseram que não estavam criando naquele momento da entrevista, devido à falta de condições

mínimas para a realização dos objetos. Os relatos levantaram a questão da necessidade de condições materiais concretas para o processo de criação.

Os jovens falam:

Ah, eu parei de fazer. Raramente eu encontro algum papel ali, corto e fico fazendo, raramente. Igual pra fazer um avião precisa de quatro folhas. Um origami ali, às vezes, vai quase vinte folhas. (Bruno)

Ah, difícil eu fazer (a pulseira) aqui, até abandonei, não quis mais fazer. Tem linha lá das mantas⁶⁵, negócio das mantas pra fazer, mas nem faço. É muito ruim pra fazer. Muito pequenas as linhas, os nomes sai pequeno. É muito difícil! (Anderson)

Assim, os jovens relatam ter interrompido ou diminuído a criação devido à dificuldade em conseguir os materiais. É importante ressaltar que sua entrevista ocorreu em um momento pós-rebelião, onde a unidade estava muito fechada, sem atividades e a conquista de materiais estava muito difícil naquele momento. Anderson conta que fazia bastante pulseiras na época em que conseguia fios de costura, porém, como não estava mais conseguindo o material, desanimou e parando de produzi-las.

Por mais que os jovens criem com pouquíssimas possibilidades materiais ou de espaços para a criação, o cerceamento que o encarceramento promove, constroi mais impossibilidades do que possibilidades para a criação. Para o criar são necessárias condições objetivas e subjetivas. A escassez de materiais ou de intervenções que propiciem espaços para o criar são cerceadoras e não potencializadoras da criação.

Os processos de criação dos jovens poderiam ser mais presentes se houvessem mais espaços e relações que enriquecessem, mediassem ou desafiassem tal processo. O cerceamento promovido pela privação de liberdade, no qual os jovens entrevistados estão submetidos, dificulta a criação e impõe limites à mesma, por mais que esta acabe sendo também uma necessidade.

Vigotski (1987) destaca que a atividade criadora tem uma relação direta com a riqueza e variedade de experiências vividas na história do sujeito. Quanto mais rica a experiência do homem, maior será o material com que sua imaginação pode

⁶⁵ Mantas significam cobertas, cobertores.

contar. É a experiência que dá o material com o qual pode se estruturar a imaginação. Além disso, afirma que

la imaginación y la creatividad, relacionadas con la libre elaboración de los elementos de la experiencia, su libre combinación, exige, como premisa indispensable, la libertad interna del pensamiento, de la acción, del conocimiento que han alcanzado tan solo los que dominan la formación de conceptos (VIGOTSKI, 1996, p.206).

O domínio em relação à formação de conceitos, portanto, possibilita mais liberdade para o criar, facilitando com que um jovem, por exemplo, possa operar com elementos do pensamento abstrato que estão mais distantes de imagens puramente concretas. Os jovens entrevistados, por exemplo, demonstraram realizar experiências criadoras que exigem uma imaginação apoiada em abstrações, a partir do domínio da formação de conceitos.

Vigotski (1996) afirma que a base da fantasia de um jovem (ou adolescente, conforme a nomenclatura utilizada pelo autor) continua sendo concreta, mas não mais visual-direta, como se exige nas fantasias infantis. Assim, a opinião muito divulgada de que a criança possuiria mais facilidade de criar pela imaginação do que um adolescente é contrariada pelo autor, que demonstra que a imaginação dos adolescentes se enriquece ao invés de se empobrecer a partir do seu desenvolvimento.

A imaginação, como processo psicológico complexo, é de grande importância para a teoria vigotskiana, pois é a partir dela que se produz uma peculiar disposição da consciência para com a realidade. Nessa relação, pode se criar o novo, o que faz do humano um ser transformador do mundo em que vive. Uma vez que "toda penetração mais profunda da realidade exige uma atitude mais livre da consciência para com os elementos dessa realidade" (VIGOTSKI, 1998, p.129), as possibilidades de um agir com liberdade estão também intimamente ligadas à imaginação. Ela abre caminho para o novo, porém sempre terá raiz nas experiências históricas, possibilitando a combinação criativa dos elementos da realidade e assim, apropriando-se, decompondo-os e os recombinao em imagens (MAHEIRIE, 2003). Há, portanto, uma dependência recíproca entre a imaginação e a realidade, pois a imaginação se apoia na experiência e a experiência se constroi a partir de realizações que a imaginação ajudou a desenvolver.

Para Marx (2002, p.41), o que distingue o homem de todos os outros animais, é que aquele produz seu meio de vida e (re)cria a si mesmo. Esta é a especificidade do humano, pois o animal produz aquilo que necessita imediatamente para ele e produz de modo limitado, ao passo que o homem produz universalmente: “o animal só produz sob o imperativo da necessidade física imediata, enquanto o homem produz mesmo quando se acha livre da necessidade física; e não produz verdadeiramente como homem senão quando se acha livre desta necessidade”.

Diferente do animal, o ser humano tem a condição para não ter uma relação direta entre a necessidade e a realidade. O trabalho⁶⁶ cria essa distância entre estímulo-resposta, ou entre a necessidade e o objeto de satisfação, que no animal é imediata. Por meio da atividade, o homem modificou a realidade natural e a transformou em uma natureza humanizada, mediada historicamente. Ao produzir o seu mundo humanizado, o homem produz-se a si mesmo enquanto homem. Transforma a realidade objetiva ao mesmo tempo em que constrói sua subjetividade (Marx, 2002).

Assim, toda ação humana é mediada semioticamente e pelos instrumentos sociais que foram criados historicamente pela própria atividade do trabalho. O trabalho pode ter o potencial de converter a relação sujeito-objeto em uma relação mediada e criativa, que torna possível libertar o ser humano do imediatismo da necessidade, onde se é escravo de seu objeto. É essa necessidade construída socialmente, que é dada pela riqueza de necessidades e de relações com o mundo, que garante a complexidade do ser humano.

Contudo, para a teoria marxista, no modo de produção capitalista há a degradação do humano e de suas possibilidades criadoras, pois o homem não se reconhece no próprio trabalho, perdendo o sentido da transformação que a sua ação opera. Em um trabalho alienado, o homem também se objetiva, mas pelo processo de divisão social do mesmo, que separa o manual do intelectual, que transforma o homem em objeto/mercadoria do outro e que não permite uma apropriação do produto do trabalho pelos próprios trabalhadores, o indivíduo não se vê no produto/produção de sua criação. Esta produção toma forma mistificada e fetichizada na vida social.

⁶⁶ Aqui está tratado o trabalho como categoria em sua generalidade.

Nos discursos dos jovens sobre suas criações é possível se observar esta forma mistificada presente na relação com a produção, no capitalismo:

Eu achava que era impossível fazer esses artesanatos. (Magrão)

Como assim? (Pesquisadora)

Eu não acreditava que era feito aquilo ali. Pra mim era uma máquina que fazia. (Magrão)

Você achava que era uma máquina que fazia?! (Pesquisadora)

É, pra mim eu falava: “só vendo pra acreditar”. Daí eu vi mesmo. (Magrão)

E o que que te fazia pensar que era uma máquina que fazia? (Pesquisadora)

*Que é muito bem feitinho né? Muito bem feito. (...) **você não acredita que foi um homem, um ser humano que fez.** Até flores eles desenham, certinho, certinho. Muito certinho. (Magrão)*

*Eles (parentes) pensa que não é a mão, feito de matéria prima né, tipo na mão. Pensa que é feito com outra coisa, **que já vem pronto**, ficam imaginando estas coisas eu acho. (Matheus)*

Os jovens relatam que parentes ou eles mesmos acreditavam que algumas daquelas produções não eram “feitas pelo homem”, como se pudessem “vir prontas” ou serem fruto da ação de uma máquina, sem a presença humana por trás da criação. As palavras dos jovens mostram o imaginário construído, resultado de quanto o trabalho no capitalismo se tornou objeto, adquirindo existência exterior ao homem ou se tornou estranho a ele, se erguendo diante dele como uma potência autônoma, como afirma Marx (2002). Ainda para este autor, reconhecer o caráter social tanto dos objetos como de si mesmo, colaborará para que o homem não se perca em seus objetos, ou não se transforme em objeto do outro.

Para Marx, no capitalismo, ao contrário do que se pensa, os homens se tornam carentes de necessidades, resumindo suas existências à necessidade de se sustentar, que os obriga a renunciar, muitas vezes, as possibilidades de criação ou de transformação.

Por vezes, os jovens entrevistados relataram que a criação dos objetos esteve relacionada à necessidade física de se conseguir alimentos, ocorrendo principalmente enquanto ainda estavam nas delegacias. Contam que quando havia alimento, ele vinha azedo ou estragado. Assim, vendiam algumas produções para comprar comida, ou outros objetos. Contudo, já na internação nos CENSE’s, onde

várias refeições ao dia são garantidas, percebe-se que há mais possibilidades de ultrapassar a necessidade imediata de comida e se alimentar de outras coisas:

Como você conseguia folha? (Pesquisadora)

Daí eu fazia jogada ⁶⁷ com os piá: “quer fazer jogada nas suas folha? Te lanço ⁶⁸ tantas sobres ⁶⁹, pá, te lanço um galeto ⁷⁰”. Lançar um alimento pra poder juntar folha, pra poder fazer o artesanato e mandar embora, pá. (Bill)

Ah, então você foi juntando a partir dos galeto, das sobres... (Pesquisadora)

Então fui lançando né: “Você qué, pá?”. É até embaçado isso, o bagulho, mas né... (Bill)

O que é embaçado? (Pesquisadora)

Embaçado é você usar alimento pra esses bagulho, né. É embaçado isso aí. Lá onde tava não tinha essas fita aí. Mas onde eu tava era só correntinha mesmo. (Bill)

Então você tava se alimentando de outra coisa. Trocando alimento por outra forma de se alimentar. (Pesquisadora)

É que eu gosto de fazer o negócio. (Bill)

Por mais que considere “embaçado usar alimentos” para conquistar os materiais que irá confeccionar os origamis, Bill parece não poder evitar, pois “gosta de fazer o negócio”. O prazer de criar de Bill, me fez pensar sobre o quanto a criação também é uma necessidade humana, o quanto sem ela também não se pode viver.

Baseado na teoria de Marx, Sánchez Vázquez (1978, p.69) afirma que “não é apenas a criação de objetos úteis que satisfazem as necessidades humanas, mas também o ato de objetivação e plasmação de finalidades, idéias ou sentimentos humanos”. O autor diz que a teoria marxista concede assim, um elevado papel à sensibilidade humana e a estética, vendo em todos os sentidos humanos, que são

⁶⁷ Jogada pode significar apostas realizadas em jogos como de baralho, por exemplo, ou simples trocas realizadas, como esta que Bill relata.

⁶⁸ Lançou significa dar.

⁶⁹ Sobres significa sobremesas.

⁷⁰ Galeto significa carne, mesmo que não seja a de frango.

forçados em uma determinada objetividade, os meios possíveis de afirmação do homem no mundo. Além disso, afirma que, ao escrever os Manuscritos Econômico-Filosóficos, Marx buscava as raízes da alienação e da essência do homem, e acabou voltando-se para o estético, vislumbrando o quanto o homem perde nesta sociedade capitalista.

A dimensão estética enriquece e aprofunda a relação humana com a realidade, pois, para Sánchez Vázquez (1978, p.114), “apropriar-se esteticamente da realidade, é integrá-la num mundo humano; fazer com que perca sua realidade em si, transformá-la até fazer dela uma realidade humanizada”. O autor fala da sensibilidade estética como uma forma específica e superior da sensibilidade humana.

O estético seria esta dimensão sensível que realiza um modo específico de relação com a realidade, pautado por uma sensibilidade que permite transcender ao caráter prático utilitário e que reconhece a polissemia da vida (ZANELLA, 2006). Ao relacionar-se esteticamente com objetos da natureza, do seu cotidiano, ao transcender seus valores prático-utilitários, o homem pode enxergar sentidos distantes daqueles cotidianamente produzidos, possibilitando que se compartilhem ou se construam objetos/relações “concretos sensíveis” (Sánchez Vázquez, 1978), singulares e abertos para o reconhecimento do caráter humano presente.

A dimensão estética cumpre, portanto, uma alta função para a humanidade, pois a partir dela o homem se expressa, se exterioriza e reconhece a si mesmo. Ela também é uma necessidade e uma construção complexa do homem, pois, por meio dela, este afirma sua necessidade criadora, se presentifica na transformação da realidade concreta em realidade humana e, desse modo, satisfaz uma necessidade de afirmação e expressão que não consegue satisfazer em outras formas de relação. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, 1999).

O autor ressalta que o trabalho era a condição histórica e socialmente necessária para o aparecimento da relação estética do homem com suas produções. A passagem do domínio do homem sobre a natureza abriu fronteiras para a humanização e assim, o homem pode construir matérias sensíveis e objetos que não cumprem somente a função vital, mas realizam a necessidade geral humana de investir em “relações sensíveis em que é possível reconhecer a potência criadora que afirma o ser humano enquanto humanidade” (ZANELLA, 2006, p. 36).

Vigotski (2003) também expõe que a criação é uma necessidade e uma condição indispensável para a existência humana. O ato criador seria o eixo que situa o homem como elemento ativo, que constroi seu próprio destino, mesmo que com condições determinantes a partir de seu contexto social (ESPEJO, 2007). O alto talento da natureza humana, para Vigotski (2001), são suas possibilidades criadoras. Estas potencialidades superam as atividades ou as habilidades humanas já desenvolvidas e toda criação serve para cobrir o que fica entre as possibilidades e a realização, o potencial e o real. Além disso, para este autor, a criação não é prerrogativa dos artistas, ela é “potencial do homem comum”, conforme afirma Pelbart (citado por ZANELLA, 2006).

Por isso, mesmo cerceados, encarcerados de todas as maneiras, **enquanto existir vida haverá criação**. Sem trabalho, desregrado, o homem não pode viver, deprava-se, torna-se um animal. Portanto, mesmo encarcerado, o criminoso, ainda que contrariado, procura desenvolver uma atividade por um instinto de conservação de sua humanidade, reorganizando sua capacidade de autopreservação. (DOSTOIEVSKI, 2006, p. 26 – grifos meus)

Como nos escritos de Dostoievski sobre os encarcerados na Sibéria, os jovens internos, participantes desta pesquisa, também continuaram reafirmando, mesmo encarcerados, suas existências, por meio de suas criações marginais ou proibidas. Ainda que estivessem diante de diversas tentativas, já relatadas neste trabalho, de aniquilamento da condição humana na privação de liberdade, os jovens reafirmam a cada origami, música, pulseira ou desenhos nas paredes, por exemplo, suas singularidades e a existência de humanidade naqueles lugares. Alargaram brechas nos poucos espaços que têm e afirmaram que aquelas grades ou proibições não conseguem impedir que eles vivam e “enquanto existir vida haverá criação”.

A visão de homem e de mundo adotada como base epistemológica da pesquisa entende que só há sujeito na relação com a objetividade ou quando este se objetiva, pois “toda subjetividade, ontologicamente e psicologicamente, está necessariamente em relação com uma objetividade” (MAHEIRIE, 2006, p.146). Os sujeitos constroem a história de suas humanidades, ao mesmo tempo em que suas existências são determinadas pelo contexto em que vivem.

Nos processos de criação, a subjetividade dá um impulso para além da objetividade imposta, mesmo esta sendo base de qualquer ação humana (MAHEIRIE, 2006). Esse movimento humano de saltos para além da realidade

instituída traz à tona a atividade de um sujeito que cria novas objetividades. Esta é a função da experiência criadora: se construir na objetividade, porém ultrapassar e não se deixar escravizar pelas determinações da mesma.

Sánchez Vázquez (1978, p.59-60) afirma que “não existe um objeto em si, já que o objeto é uma criação do sujeito, um produto no qual este se objetiva, mas tampouco o sujeito existe em si, mas como sujeito que se objetiva”. Só é sujeito na medida em que se objetiva, em que se faz objeto: “um ser à margem de toda relação, que não possui uma realidade fora de si, que não tem objeto nem é objeto para outro, é um ser irreal.” Portanto, o humano se objetiva e é um ser objetivo, que só existe na relação de reciprocidade sujeito-objeto.

Da mesma maneira, só se estabelece o plano do estético em um processo de objetivação/subjetivação onde haja uma experiência subjetiva/objetiva estética. Sánchez Vázquez (1999, p.108) afirma que o sujeito não se comporta o tempo todo esteticamente, nem o objeto cumpre sempre essa função fora de uma situação estética. Enquanto não é contemplado, o objeto é potencialmente estético. Há, portanto, uma dependência mútua e dialética em uma situação estética onde “sujeito e objeto por si sós, à margem de sua relação mútua, não tem, real e efetivamente, uma existência estética. O objeto necessita do sujeito para existir, da mesma maneira que o sujeito necessita do objeto para encontrar-se em um estado estético”

Entende-se o conceito de experiência, como um evento sempre em relação com o outro (objeto/sujeito/natureza) e também permeados pela significação. Como afirma Smolka (2006, p.125), na raiz da experiência está o outro e “falar de experiência é falar de corpo/sujeito afetado pelo outro/signo. É falar de vida impregnada de sentido. Não existe experiência sem significação”.

No início da pesquisa, quando recolhi os objetos do lixo, creio que os considerei como “objetos concretos-sensíveis” ou como potências para o estabelecimento de experiências estéticas tanto para a contemplação quanto na produção dos mesmos. Contudo, pude perceber somente nas entrevistas que a dimensão estética estava presente no processo de criação dos jovens e em suas relações com as suas produções.

Os jovens estabeleceram relações sensíveis, que extrapolaram a função prático-utilitária dos objetos e afirmaram suas humanidades, a partir de suas criações. Construíram relações sensíveis de contemplação/implicação que podem ser vistas por meio de algumas de suas falas, como a de Alex que afirma que

quando estava no espaço que construiu *“ficava lá em cima, ficava pirando né, na coisa”* ou que ficou *“de cara de eu ter feito com aquilo. (...) Eu fiquei mais impressionado pelas coisas que eu consegui usar para fazer”*. Anderson também falou que *“quando ia fazendo, pensava que ia ficar feio e pá, depois de pronto eu achava bonito, eu ficava ali olhando assim...”* Fala também que quando pensava sobre sua criação, a entendia como uma forma de superação.

Sánchez Vázquez (1999, p.146) afirma que para poder se estabelecer uma contemplação estética, essa deve ser interessada e desinteressada ao mesmo tempo, como um *“interesse desinteressado”*. Uma relação que deve ser desinteressada de interesses particulares específicos e também onde não haja uma identificação total do sujeito com o objeto, pois assim não se separaria de sua realidade e não conseguiria contemplá-lo esteticamente. Contudo, é também uma relação interessada e que se deixa afetar pelo objeto: *“nesse processo perceptivo, o sujeito se vê afetado profunda e integralmente, já que, em tal processo, não só se relaciona sensivelmente com o objeto, como também, pelo significado encontrado nesse, põe em jogo tudo que é como ser que sente, pensa e padece”*.

Isso se dá não só no ato contemplativo, como também no processo de criação, na relação do autor com seus personagens ou sua obra. Para Bakhtin,

Um acontecimento estético pode realizar-se apenas na presença de dois participantes, pressupõe duas consciências que não coincidem. Quando o personagem e o autor coincidem ou estão lado a lado diante de um valor comum ou frente a frente como inimigos, termina o acontecimento estético e começa o acontecimento ético que o substitui. (BAKHTIN, 2003, p. 20).

Para que ocorra um acontecimento estético é necessário que o criador estabeleça um *“ponto de apoio situado fora de si mesmo”*, uma distância que permita ver o outro integralmente. Para Bakhtin (2003, p.29), o autor é agente de uma unidade tensamente ativa e deve ver o todo acabado, o todo da personagem e o todo desta obra. Ele deve enxergar e conhecer a personagem e para além dela, por meio de um excedente de visão que permita que se possa ver o que é inacessível ao personagem, para, assim, poder guiá-lo e construir a orientação ético-cognitiva do mesmo.

Na fala de Bill, foi possível identificar este aspecto da criação. O jovem explica que para criar o rap que fez, precisou *“planejar o final antes de fazer o começo”*. Que, para fazer o começo, foi necessário ter estabelecido o final da

história de seu personagem e os rumos que ele tomou. Conta que seu personagem se converte pela religião ao final da música, e que o desenvolvimento da música relata a vida dele antes desta conversão. O que indica, conforme Bakhtin (2003), que o princípio não está no começo do processo de criação.

Além disso, Bill se confunde quando fala de seu personagem: “*No começo do rap ele (personagem) fala de arma, de matar a rotina, pá. Tipo, ele fala que era de fazer isso e não é mais. **Ele não, né, eu é que falo.** (riso)*”. Bill se confunde e ri, não sabendo bem quem fala na música, se é ele ou seu personagem. Ele é que escreveu a música, porém o personagem é quem fala na música.

Nesse caso, seu personagem ganhou vida, tem uma fala dentro da música que o fez confundir sobre quem estava falando. Bakhtin (2003, p.6) afirma que “as personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo, e de igual maneira o mesmo se dá com o seu real criador-autor”, demonstrando o caráter criativamente produtivo do autor, que constroi uma obra que ganha vida para além dele e estará aberta para novas, irrepetíveis e infinitas relações ou ressignificações.

Se o autor perde sua posição ativa fora de cada personagem, fundindo-se a eles, é destruído o acontecimento estético (Bakhtin, 2003). O autor deve se separar do personagem de modo total e absoluto, pois para que ocorra uma relação estética produtiva é necessária uma tensa distância do autor em relação aos elementos da criação.

Bill relata: “*quando eu faço uma música, que nem essa música que fiz, tipo, não fiz pra falar de mim. Fiz pra falar do cara, pá, do magrão que era traficante, roubava, sequestrava, matava. Daí ele se converteu, pá.*”

Sánchez Vázquez (1999) explica que a arte não deve ser uma expressão direta da realidade vivida do artista. Deve haver um distanciamento da realidade humana vivida na arte, para que a obra possa ter maior riqueza, plenitude e profundidade.

Bakhtin (2003, p.64), sobre esta relação vida e obra, afirma que a obra é um todo acabado aberto para vivência estética, porém a vida “de dentro de si mesma não pode gerar uma forma esteticamente significativa sem ultrapassar seus próprios limites, sem deixar de ser ela mesma”. No plano do vivido não se pode viver o seu próprio acabamento, pois para “viver é preciso ser inacabado, aberto para mim” (BAKHTIN, 2003, p. 11).

É claro que Bill se coloca como subjetividade que se objetiva por meio de sua música. Contudo, é importante que mantenha uma relação viva entre o autor com seu personagem, de forma que vemos uma vida autônoma do personagem.

Bakhtin (2003) afirma que em uma obra estão plasmados tanto o autor quanto contexto social onde se realiza a produção. No texto *Discurso da Vida e Discurso na Arte*, é ressaltada a importância de se realizar uma análise da literatura a partir de um método sociológico, no qual não se perca o caráter imanentemente social desta arte, e que se possa vislumbrar a importância do contexto social na criação artística: “todos os produtos da criatividade humana nascem na e para a sociedade humana” (BAKHTIN; VOLOSCHINOV, 1976, p.02).

Além disso, rejeita dois pontos de vista: o que analisa a arte a partir da fetichização da obra artística enquanto artefato, e o que realiza somente um estudo da *psique* do criador e do contemplador. No primeiro, o estudo se restringe à obra de arte por si só e, assim, o criador e contemplador permanecem fora do campo de investigação. Neste primeiro modelo, acaba sendo analisada somente a obra em si através de um método formal. Já no segundo ponto de vista, todo o olhar da análise se restringe às experiências da pessoa que cria ou contempla e o objeto de estudo torna-se a *psique* individual do autor ou contemplador⁷¹. Assim, as duas vertentes escondem a natureza social do processo de criação, pois ambas escolhem a estrutura de uma parte absolutamente divorciada do todo.

Silva (2001) afirma que a área de estudo sobre os processos criativos é permeada por ideologias e visões idealistas sobre os sujeitos e suas ações, que negligenciam as condições sociais e objetivas necessárias para a criação. A autora afirma que a psicologia da criatividade historicamente tratou o fenômeno da criação apagando sua dimensão social e histórica.

Em um primeiro momento (décadas de 1950, 1960), as teorias sobre criatividade a conceituavam como um processo cognitivo, misterioso e que ocorria no “interior” de um indivíduo. A criação ainda permanecia como dom ou talento individual, sem relação com o social. Já nas décadas de 1970 e 1980 (definidas pela autora como um segundo momento teórico), através da inserção das teorias

⁷¹ Mesmo havendo diversas leituras, como de Geraldí (2006), Freitas (1997) e Ponzio (1998), que aproximam as teorias de Vigotski e Bakhtin, é importante reconhecer que também há diferenças entre as contribuições dos autores em relação ao estético ou aos processos de criação. Vigotski (1999) detêm-se muito mais à reação estética que uma obra produz. Já Bakhtin (2003, 2004) dedica-se à realização de uma análise sobre o ato criador e a criação de uma metodologia de estudo sociológico da língua e dos discursos. Utilizarei o que considero como interseções destes dois autores em relação ao tema estudado nesta pesquisa.

sistêmicas nesta área do conhecimento, o social aparece. Porém, este social ainda surge com o objetivo de se determinar os fatores “externos” que influenciariam a criação (SILVA, 2001).

No primeiro momento, um indivíduo criativo sem relações com o social, e no segundo, a categoria social dicotomizada em relação ao individual e à criação. Mantém-se, portanto, o indivíduo e sociedade como categorias separadas, o social como influência para a criação, e não a criação como constituída nas/pelas relações sociais.

A visão idealizada sobre o artista ou sobre o criador também pode ser vista na fala dos jovens. Eles afirmaram que para criar é necessário ter dom:

*Eu tinha interesse de aprender a fazer o vaso e outras coisas, mas parece que **não tenho os dom de fazer**. (Alex)*

Não tem o dom de fazer!?! (Pesquisadora)

É... os dom que fala (risos). (Alex)

Mas, você já acompanhou alguém fazendo? (Pesquisadora)

Já, várias vezes, tentei não consegui e acabo me injuriando e paro (...) Os outros artesanatos também já tentei, mas o único que deu certo foi só a corrente. Tentei fazer vasilha, marreco, gorro, chapéu, outros tipos de pulseira, corrente. Nunca deu certo (riso). (Alex)

O que é não ter o dom? (Pesquisadora)

*Ah é, tipo, saber fazer, não consigo fazer, **não tenho a criatividade de fazer o baguio**. (Alex)*

Você falou que tem os caras que tem o dom né? Tem o dom de fazer. O que é ter o dom? (Pesquisadora)

***Ter o dom, o cara tem o dom de fazer**. Bota esforço. Tem pessoa que tem o dom pra música, tem pessoa que tem o dom pra mandar rap, pessoa que canta, tem o dom. O dom, sei lá... (Anderson)*

E você acha que você tem um dom? (Pesquisadora)

*Ah não sei, acho que **foi com o tempo que eu aprendi assim, não sei se é o dom**. (Anderson)*

***Então, você tem o dom pra aprender (riso)** (Pesquisadora)*

É, ia vendo assim. Mas tem que ter vontade de aprender também, senão não aprende. (Anderson)

Os dois jovens falam de um dom, como uma predisposição interna para criar. Explicam que alguns têm e outros não têm o “dom” ou a “criatividade” para fazer algo. A criação, portanto, partiria de uma capacidade interna de um “indivíduo criativo”, que tem ou não dentro de si a possibilidade de fazer ou o “dom” para criar. As visões sobre os processos de criação ainda permanecem associados ao talento individual.

Anderson, no entanto, quando fala de si a partir da minha brincadeira “*então, você tem o dom pra aprender*”, diz que, mesmo sem saber se tem o dom, aprendeu com o tempo a fazer os objetos. Quando fala de sua experiência, percebe que a criação não vem de algo interno e que buscou no outro as vozes que compõe sua criação. Em outro momento da entrevista, esse mesmo jovem reconhece que novas imagens para as pulseiras surgiram dos processos de ensinar e aprender, no qual ele fez parte e não de nenhuma “iluminação” ou “talento” individual: “*Tem uns detalhes, tem folha de maconha, uns detalhes de umas asinhas assim. Legal até. (...) Aprendi, só olhando assim os caras fazendo. Depois que eu aprendi eu mesmo inventava assim os detalhes*”. Portanto, a partir do que aprendeu com os outros e das imagens que compõe seu repertório visual e de vida, Anderson criou novas formas, frases e desenhos para suas pulseiras.

4.2 Criar, trocar, resistir, existir: sentidos de um fazer sensível

Para compreender o que se entende por sentido (objeto desta pesquisa), é importante resgatar a distinção entre sentidos e significados que Vigotski em *Pensamiento y Palabra* (1992) empresta de Frederic Paulhan (1856-1931)⁷². O sentido, para esses autores, seria a soma de todos os processos psicológicos evocados em nossa consciência pela palavra, sendo uma formação mais dinâmica, variável e complexa, tendo várias zonas de estabilidade diferentes. O significado seria somente uma das zonas do sentido, equivalendo a uma categoria mais estável, coerente e precisa. Vigotski (1992) complementa afirmando que uma palavra pode ter somente um significado, porém é uma fonte inesgotável de sentidos. Assim, os sentidos são vistos como mais amplos, podendo subverter os significados e conter necessidades que ainda não se realizaram.

Para Vigotski, os significados/sentidos são fenômenos tanto da linguagem quanto do pensamento e nunca devem ser entendidos desvinculados um do outro. O significado é uma generalização no campo psicológico, uma convenção, sendo sempre uma construção histórica e social. Contudo, por mais que o significado seja uma zona mais “dicionarizada”, instituída e coerente, isso não significa que este seja estático e não se transforme no movimento histórico. Bakhtin & Volochínov (2004)

⁷² Vigotski se utilizou do trabalho deste psicólogo francês principalmente em relação à psicologia da linguagem. Paulhan era um estudioso da psicologia dos processos cognitivos, como do pensamento, memória e linguagem.

também compartilham desta visão, tratando a língua ou os significados das palavras como fenômenos em constante transformação.

Smolka (2004) ressalta o quanto a problemática da significação tem centralidade nas teorias de Vygotsky e Bakhtin. Os dois autores dão grande relevância ao tema e os enfrentam quando analisam o aspecto constitutivo dos signos em relação ao psiquismo e à ideologia. Para Vigotski (1992), o signo é mediador e elemento constituidor da atividade mental. Ele é que possibilita ao homem indicar, mas, também, “nomear, destacar e referir pela linguagem; e pela linguagem, orientar, planejar, (inter)regular as ações; conhecer o mundo, conhecer(se), tornar-se sujeito; objetivar e construir a realidade.” (SMOLKA, 2004, p. 42). É o que constitui a especificidade do humano, viabilizando modos de interação e de operação mental. Para Bakhtin & Volochínov (2004), além da importância do signo na construção da ideologia, também não se pode falar em psiquismo sem material semiótico, pois o signo é a realidade do psiquismo interior.

Espejo (2007) colabora na definição da distinção/relação entre sentidos e significados:

Por ser um código de compreensão de algo, os significados têm uma dimensão estável que possibilita uma linguagem comum e a comunicação entre as pessoas. A palavra significada pode ser compreendida como um conceito, uma generalização e, neste sentido, não deixa de ser algo relativamente estável, convencional. (...) Os sentidos seriam, porém as apropriações subjetivas das objetivações socialmente compartilhadas, e se diluem nas singularidades, a partir de contextos diferentes, na diversidade de vínculos possíveis que situam os sentidos como uma configuração inesgotável. (ESPEJO, 2007, p. 45)

Nessa explicação, os sentidos seriam a elaboração do significado a partir das singularidades e, portanto, carregariam, entre outras coisas, todo o arcabouço histórico, social, cultural que lhes é constitutivo. De tal modo, o ato de tentar compreender os sentidos que os jovens atribuem a suas experiências criadoras no encarceramento, significa ir buscar as apropriações singulares sem perder de vista que estas foram construídas nas relações sociais. Isso porque, mesmo os sentidos sendo mais variáveis, não quer dizer que eles sejam constituídos no âmbito individual ou alheios aos diálogos sociais. Para Vigotski (1992), da mesma maneira que os significados, os sentidos também são constituídos na relação social, histórica e são frutos da interação social.

Rey (2004, p.61) define que “o sentido é uma síntese subjetiva de dimensões culturais e sociais, históricas e atuais, que estão implicadas nas diversas opções do sujeito em cada momento concreto da vida”. O autor afirma que o sentido seria inseparável do sujeito, da constituição subjetiva, de suas histórias e dos contextos em que atua⁷³.

Esta pesquisa trabalhou com a categoria sentido, pois pretendeu compreender a singularidade dos pensamentos emocionados dos jovens em relação a suas experiências criadoras no encarceramento. Por meio desta categoria, tentou-se buscar os motivos, necessidades e interesses singulares dos sujeitos a respeito de suas criações, indo além dos aspectos racionais dos mesmos. Partiu-se da palavra significativa para tentar compreender os pensamentos dos jovens, que são sempre emocionados.

Para Vigotski (1992), não bastaria somente entender as palavras dos jovens, seria necessário ir além, tentando compreender seus pensamentos e conhecer suas motivações. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estaria completa antes de ter atingido este plano. Rey (2004) afirma que os sentidos são uma integração emocional-simbólica dentro da qual um desses elementos evoca o outro, sem que um seja a causa do outro.

Aguiar complementa:

Ao discutir significado e sentido, é preciso compreendê-los como sendo constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. A fim de compreender melhor o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido (AGUIAR, 2006,p. 14).

Portanto, mesmo buscando não desatrelar sentidos/significados, esta pesquisa visou ultrapassar os significados, que são mais estáveis e compartilhados, e tentar se aproximar daquilo que diz respeito ao sujeito e sua singularidade.

Isso não significa dizer que não encontramos similaridades, congruências, questões comuns entre os jovens sobre suas criações. Encontramos múltiplos sentidos e percebemos que a necessidade de se realizar trocas (matérias e afetivas) por meio dos objetos criados, de buscar reconhecimento, de re-significar ou re-criar

⁷³ Há diferenças entre as interpretações acerca da obra vygotskiana por parte de diferentes autores. Nesta dissertação não entraremos nos detalhes destas diferenças teóricas. Serão utilizadas as idéias que entendemos serem úteis na compreensão de nosso tema.

o espaço construindo modos de resistir ao assujeitamento imposto pelo encarceramento, apareceram nos discursos e práticas de quase todos os jovens entrevistados. Cada um à sua maneira, apresentou sentidos com conteúdos que também foram compartilhados pelos demais.

No entanto, no ato da entrevista e análise, buscou-se compreender como cada um construiu estes sentidos, como estas produções orientam seus pensamentos, suas emoções e qual o lugar das mesmas em suas vidas e no processo de constituição de si. Isso não quer dizer que os sentidos ou o processo de constituição de si se configurem por meio de respostas únicas e coerentes. Os sentidos podem conter incoerências, conflitos, contradições, não linearidades, refletindo a complexidade da constituição de cada sujeito em sua história.

Alguns jovens, como Bruno, Magrão, Alex, Leonor e Anderson, por exemplo, atribuíram sentidos para suas criações dizendo que as fazem no intuito de poder “agradar” as pessoas que gostam, de presentear os familiares, amigos e até funcionários dos CENSE’s, ou de estar, conforme afirma Alex, “*ocupando a cabeça com uma coisa boa*” ao invés de ficar pensando “*em coisa ruim*”⁷⁴. Todas essas motivações reveladas em seus discursos buscam construir um vínculo e uma aceitação dos outros, pois os jovens sabem que “ocupar a cabeça com uma coisa boa” é o que socialmente se espera deles.

Mesmo que os jovens relatem tentar buscar esta aceitação ou “agradar” a partir das criações que realizam, entretanto, pelo fato de algumas delas serem proibidas pela instituição e consideradas como mais uma forma de infração, estas também não são bem vistas e de forma conflituosa também “desagradam”. Portanto, ser bem e/ou mal vistos ao mesmo tempo a partir de suas criações, compõe contraditoriamente os sentidos dos jovens. Buscar agradar alguns e infringir desagradando a outros foram se revelando nas entrevistas como motivações contraditórias para o criar.

Os jovens falam da confecção dos objetos como formas que aprenderam para se sustentarem após saírem da internação, sendo, portanto, um meio que permitiria que não precisassem mais infracionar ou para que pudessem “mudar de vida”:

⁷⁴ Alex explica que estas “coisas ruins” podem ser delitos que cometeram ou novas “fitas” (delitos) que poderão vir a cometer.

Nóis tava conversando ontem de noite de sair lá fora e tentar vender o que aprendemos (...) Eu penso nisso, ter um futuro pra você. Se tiver uma oportunidade de fazer isso pra vender, eu vou fazer. Você paga pouco⁷⁵ e dá pra sobreviver. (Leonor)

Acho que quando eu sair daqui vou fazer uns gorros pra vender. Vou fazer uns marreco, uns artesanato. (...) Agora vou sair daqui, vixi. Vou fazer altas coisas que aprendi aqui. As correntinhas pra vender. (Bill)

Os jovens subvertem as normas dos CENSE's desafiando cobertas, roupas ou rasgando livros, utilizando-se do próprio discurso institucional, que prega a necessidade deles encontrarem formas de renda e emprego para saírem do crime, para dar sentidos às suas criações. Criam discursos a partir da construção de objetos que infracionam as normas institucionais sobre modos de não se cometer mais atos infracionais.

A fala de Magrão me fez pensar sobre esta contradição de se tentar produzir uma “coisa boa” ou uma imagem positiva a partir dos objetos e, ao mesmo tempo, esta produção reafirmar o lugar de encarcerado, que carrega forte negatividade:

Enquanto você vai fazendo, o que você vai pensando, sentindo? (Pesquisadora)

Eu penso em quando minha mãe gosta daquilo, o quanto minha mulher gosta, que ela gosta muito, e eu penso em um dia minha filha gostar também. Porque pra mim, os mais bonitos são pra minha filha. (Magrão)

Os mais bonitos pra filha? (Pesquisadora)

Que é os mais chamativos. Pra ver se chama a atenção dela quando ela crescer. Mas, é claro que eu não vou dizer que fui eu que fiz (fala baixo). (Magrão)

Não entendi. (Pesquisadora)

Não vou falar que eu fiz. Vou falar que comprei, alguma coisa assim. (Magrão)

E por quê? (Pesquisadora)

Ah, porque eu não vou... Se eu conseguir mudar de vida, espero que eu mude né, eu não vou falar que tive aqui um tempo. (Magrão)

Porque aí você teria que dizer que fez aqui dentro. (Pesquisadora)

⁷⁵ Quando diz “pagar pouco” se refere aos gastos com materiais ou instrumentos para a produção como uma máquina de pirógrafo por exemplo.

Exato. Vou ter que assumir que fui um vagabundo. Virei um vagabundo durante um tempo, né? (Magrão)

Como é que é isso? O que é que isso pra você, virar um vagabundo? (Pesquisadora)

Virar um vagabundo? Ah, é pegar 600 reais e gastar em um dia, né? Pegar 3000 reais e gastar em 3, 4 dias. Não levar 1 centavo pra casa ⁷⁶. (Magrão)

Magrão cria e escolhe os objetos que mais gosta para dar à sua filha que ainda é um bebê, mas não quer que ela saiba, quando crescer, que foi ele quem os fez. Isso, pelo fato dela poder identificar, por meio dos objetos criados, que o pai já foi preso um dia e que, portanto, teria virado um “*vagabundo*” ou, como ele mesmo diz, que “*virou um vagabundo durante um tempo*”.

Virar um vagabundo, a partir de suas palavras, representa não trazer nem um centavo sequer, não poder dar nada para a sua família. Portanto, construir algo para o outro, se doar em uma criação que depois será dada à sua filha ou à família poderia significar uma forma de fugir da construção da imagem deste “*vagabundo*”. Todavia, essa produção é feita na privação de liberdade, o que remeteria imediatamente a imagem do “*vagabundo*” novamente. É contraditório notar que ele afirma sua criação como uma maneira de agradar a família, mas ao mesmo tempo a nega no intuito de não ser identificado como um “*vagabundo*”.

As significações que Magrão atribui a ser um “*vagabundo*”, ou da negatividade que isso representa, foram construídas em sua história de vida e compõem os sentidos que dá para sua criação. A formação dos sentidos é um processo e, portanto, esses não se constroem no instante da entrevista. Os sentidos se formam na processualidade de cada vida dos jovens e continuam em constante desenvolvimento. Diante disso, foi importante investigar não só o processo de criação ou o contexto onde foram criados os objetos, como um pouco da história de vida de cada um.

Entretanto, analisar alguns fragmentos das histórias de vida dos jovens não significa descortinar um tempo imóvel do passado. A partir da perspectiva teórica adotada, entende-se que sempre há uma dimensão multitemporal na constituição

⁷⁶ O jovem relata na entrevista que era dependente de várias drogas e conta vários episódios de problemas familiares com a mãe e a esposa decorrentes do vício.

dos sentidos, onde passado e projeto de futuro estão ativos no presente (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM E SILVA, 2004, MAHEIRIE, 2006).

Um exemplo são os sentidos de Leonor relativos aos desenhos que faz na parede de sua cela:

O que você pensa/sente quando vê esses desenhos e letras que você faz? Te lembra alguma coisa que você já viu? (Pesquisadora)

Eu lembro que quando meu irmão começou a fazer estas letras eu tava em outra cidade, morava com a minha mãe, eu não usava droga. Meu irmão fazia essas letras e eu tinha uns 11 anos de idade. Não usava droga ainda, eu ia pro colégio, ia na Igreja. Eu lembro dessas partes de bom, que não usava droga, não roubava e ia pra Igreja. Eu sempre viajava com a Igreja e tava no grupo de dança dela. Eu fico olhando e fico lembrando da minha infância, das coisas que fazia de bom. Meu irmão fazia essas letras. Ele só fumava maconha na época⁷⁷. Fico lembrando dessas coisas das antigas que eu fazia, quando eu não usava drogas, estudava, não aprontava. (...) (Leonor)

Você aprendeu com o irmão? (Pesquisadora)

É, meu irmão desenhando e fui querer fazer e peguei a manha, fui imitando o desenho dele. Eu tenho uma pasta cheia de desenho dele, eu guardei os desenhos. Eu pegava, ia copiando e agora eu sei fazer. Faço qualquer nome ou palavra. (Leonor)

E o que você gosta de escrever com esse tipo de letra desenhada? (Pesquisadora)

Eu sempre escrevo o nome da minha mãe, meu pai e do meu irmão, amo vocês ou do lado escrito Deus. É o que mais escrevo. (Leonor)

As múltiplas temporalidades estão presentes no seu discurso, pois ao mesmo tempo em que o jovem relembra, por meio dos desenhos daquelas letras que aprendeu com o irmão, um momento “bom” de sua vida, também faz planos para o futuro enquanto cria no presente. Durante a entrevista, enquanto Leonor falava sobre estes desenhos, em vários momentos se lançou para o futuro relembando do irmão e refletindo sobre o que irá fazer após sair do internamento:

Enquanto eu vou desenhando eu fico pensando na minha família. Quando eu tava lá fora eu não dava valor, queria saber só de curtir. Eu tinha dinheiro, eu pegava e viajava, sempre viajei com droga e nunca caí preso. Eu só viajava pra ter meu dinheiro pra mim curtir, pra mim sair com as

⁷⁷ O jovem relata durante a entrevista que estava preocupado com o irmão por ele ser dependente de crack. O jovem também já foi dependente de crack, mas conta não fazer mais uso desta substância há anos. Relata que parou seu uso, pois dificultava sua vida e seu trabalho no tráfico. O jovem relata traficar desde os 15 anos.

minhas namoradas, não precisar do dinheiro da minha mãe. Desde meus quinze anos com menos de 1000 reais eu não andava no bolso. Saía curtir, beber e festa. Aí eu fico pensando que eu não aproveitei a minha família na minha infância. Aproveitei assim, sair, curtir bastante. Agora eu quero sair daqui, trabalhar, quero ter minha família, quero ficar do lado da minha mãe, quero ajudar minha mãe, minha avó. Que eu já curti demais, pá. (Leonor)

Quando refaz os desenhos do irmão, Leonor parece querer reconstruir o presente e planejar uma outra realidade para o futuro. Dá sentido à sua criação como em um exercício no presente de sair simbolicamente daquele instante privado de liberdade se impulsionando para o futuro e, ao mesmo tempo, resgatando memórias do passado. O movimento de constituição de sentidos de Leonor apresenta estas múltiplas dimensões temporais, onde “passado, presente e futuro constituem um único movimento temporal no plano do vivido, já que agimos no presente, estruturamos no passado, mas em função de um futuro, em função de um porvir” (MAHEIRIE, 2006, p. 148).

Ainda em relação à questão da temporalidade na construção de sentidos, é importante ressaltar que todo acontecimento é situado e que, por isso, toda a análise também deve considerar o lugar e o momento em que ocorrem tais processos (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM E SILVA, 2004). Para Bakhtin (citado pelas autoras, 2004), o tempo e espaço são indissociáveis, já que o primeiro está sempre inscrito nos espaços, contribuindo para dar sentido às situações. Assim, é possível identificar sinais mais complexos do tempo histórico, por meio das marcas da atividade criadora do homem, dos signos de diferentes períodos históricos e da diversidade de épocas superimpostas.

Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004) trabalham com quatro dimensões temporais que se encontram intimamente ligadas: tempo presente (situações do aqui - agora, nível dialógico das práticas discursivas interpessoais onde estão presentes várias vozes ativadas pela memória social das outras três temporalidades); tempo vivido (tempo ontogenético em que estão presentes as vozes evocadas de experiências vividas em nossas práticas discursivas); tempo histórico ou cultural (*lócus* do imaginário cultural e escala de tempo das formações discursivas e ideológicas que compõem o interdiscurso ou rede de significações disponíveis para as pessoas darem sentido aos fenômenos do mundo); tempo prospectivo (orientado para o futuro, também estruturado por formações discursivas e ideológicas, assim

como por motivações individuais ou compartilhadas que delimitam ou impulsionam ações).

Todos estes tempos se fazem presentes nas falas dos jovens. Suas criações fazem sentido situadas no espaço/tempo onde estes jovens se encontram. O jovens constroem seus objetos a partir das (im)possibilidades do que pode representar estar dentro de uma “cadeia de menor”, no Brasil, no século XXI. Seriam outras (im)possibilidades caso os criadores fossem outros sujeitos históricos em qualquer outro distinto tempo ou espaço social.

Os jovens relataram que os objetos que criam são próprios da cadeia⁷⁸. Todos os entrevistados, de alguma maneira, reafirmaram este fato: alguns disseram que nunca tinham visto esses objetos antes de serem presos e outros contaram que já tinham visto na “rua”, mas sempre a partir de amigos ou parentes que já estiveram presos: *“as pulseiras já tinha visto, tenho uns amigos que já caíram preso e tinham várias pulseiras”* (Matheus); *“já tinha visto fazer. Meu amigo fazia em casa. Ele ficou 2 anos preso e chegou com um marreco⁷⁹ lá em casa bem grandão assim”* (Magrão), *“Na rua eu já vi já. Piá que eu conheço tava preso daí ele fazia e mandava pra minha mãe”* (Anderson) ou *“aprendi a fazer na rua com meu primo. Ele era ex-presidiário. Agora ele tá preso de volta”* (Matheus).

Como já foi relatado, muito dos jovens aprenderam a confeccionar os objetos enquanto estiveram em delegacias. Quando perguntados sobre como eles acham que surgem aquelas formas ou aqueles objetos especificamente, Anderson diz que *“veio da cadeia”* e Matheus complementa:

Acho que vem da cadeia de maior, sabia? Por mim eu penso isso. Porque na de maior os cara que inventaram lá assim. Porque eles sabem fazer uns marrecos bem mais legal do que os nossos. Nós não sabe. Eles tem tempo para fazer (...)

Me chamou atenção que você falou que na de maior eles tem mais tempo e fazem bem maior, bem melhor. (Pesquisadora)

Bem maior e bem mais bonito, com mais detalhes. Eu já vi com altos detalhes. Também meu irmão já caiu preso, já. Aí meu irmão fazia uns assim (mostra com as mãos um tamanho grande) pra minha mãe e eu

⁷⁸ Acompanhando algumas reportagens de diferentes Estados do país em relação às produções realizadas nas prisões, percebi que há objetos que se repetem enquanto criações no país todo. São objetos confeccionados com palitos de churrasco, palitos de sorvete, origamis em papel ou caixas para cigarro, por exemplo.

⁷⁹ Origami

fazia uns pequenininho (riso). Nós pequeno e ele fazia uns grandão, bonito. (Matheus)

Os jovens contam que alguns dos repertórios de formas, temas, materiais ou até mesmo de objetos que são criados nos CENSE's tem suas origens na cadeia de maior. Quando afirma “*porque eles sabem fazer uns marrecos bem mais legal do que os nossos. Nós não sabe*”, Matheus passa a sensação de que os jovens internos são criadores somente de réplicas e não dos origamis “originais”, já que estes são sim oriundos do cárcere “de verdade”, onde os presos teriam mais tempo e domínio da técnica. Como se os jovens fossem aprendizes que produzem origamis pequenos e sem detalhes, enquanto seus mestres adultos presidiários fazem “marrecos” bonitos, grandes e cheios de detalhes.

O ato de confeccionar esses objetos, portanto, constroi uma identificação dos jovens com estes presidiários, com o “estar preso” ou com o “ser um encarcerado”. Isso tem relevância em relação aos sentidos que estabelecem sobre o processo de criação destes objetos. Construí-los é uma forma de reafirmar seu lugar de preso e até mesmo de “infrator”. Isso não quer dizer que esta forma de se reconhecer e ser reconhecido não provoque um misto de sentimentos, ora de orgulho, ora de vergonha, como ocorreu com Magrão ao não querer que sua filha soubesse um dia que foi ele que fez aqueles objetos.

Suas criações os identificam e os jovens também se identificam com suas criações no encarceramento. Matheus demonstra se orgulhar de saber fazer uma máquina de tatuagem de cadeia, Bill fala com alegria de seu rap, ou dos gorros que somente se dedicou a aprender a fazer enquanto esteve preso, Alex se vê em sua obra “*meu espaço*” ou “*meu barraco*” e Magrão, quando fala de suas criações diz que “*guarda amor, crio amor pela aquela coisa, carinho, sei lá, sentimento*”.

A tatuagem, por exemplo, é um signo importante neste aspecto:

Você acha que dependendo de algumas coisas que você fala ou algumas coisas que você faz, você vai ser identificado como alguém que passou por uma internação, por uma delegacia? (Pesquisadora)

Entre as pessoas da periferia, no meio dos outros assim, não. Mas, na sociedade, no mercado⁸⁰ ou alguma coisa assim, se você falar alguma coisa e o cara nunca ouviu falar, já é. Que nem eu mesmo ó... (mostra a tatuagem), que nem isso daqui! Isso daqui já diz tudo! Pior burrice que

⁸⁰ Aqui Alex se refere a um mercado, venda, por exemplo. Não mercado de trabalho.

eu fui fazer foi isso daqui! Já chego em um lugar e a pessoa já entende tudo.

A tatuagem? (Pesquisadora)

Isso é aquilo. Ainda mais deste jeito, feia deste jeito. Daí a primeira coisa que eles veem em muito piá é isso. (...) Fazem para ter até uma marca daquilo: “eu fiz lá na cadeia pra amanhã ou depois eu falar”.

Alex explica que “*isso é aquilo*”, ou seja, que aquela marca no corpo, a tatuagem (“*isso*”), significa que a pessoa esteve presa (“*aquilo*”). Que “*isso*” já diz tudo e que as pessoas sabem ler este signo, pois relata que quando chega a um lugar “*a pessoa já entende tudo*”. Considera a “*pior burrice que eu fui fazer*”, pois a imagem de ter sido um encarcerado carrega preconceitos e negatividade.

Contudo, o jovem ainda afirma que a tatuagem é justamente feita para construir esta marca de sua passagem pela cadeia e poder depois poder falar “*eu fiz lá na cadeia*”. Assim, a fala de Alex expõe que fazer uma “*tatuagem de cadeia*” não significa somente uma “*burrice*” para ele, mas que também pode revelar uma intenção de buscar ser reconhecido como alguém que esteve preso. Que isso também constroi um lugar ou uma referência pra si mesmo.

Matheus, que nunca esteve no CENSE São Francisco, também relata que, em seu bairro, podia reconhecer quem tinha passado por lá a partir dos gorros que usavam na rua: “*pela touca eu já tava ciente que os piá tava na de menor. Com uma touca daquela (riso), já sabe! (riso)*”. O jovem disse que há objetos ou marcas no corpo, como a tatuagem, por exemplo, que todos no bairro em que vive reconhecem como oriundos da “*cadeia de menor*” ou de “*maior*”.

Esse exemplo, de uma criação proibida dentro da internação ser reconhecida fora dos seus muros, demonstra a porosidade destas instituições fechadas, que constroem diversos mecanismos para tentar manter seus encarcerados apartados do mundo, mas não obtêm êxito. As recentes reportagens sobre os crimes que são cometidos dentro das cadeias por celular ou sobre líderes de facções criminosas que comandam crimes de dentro das cadeias, refletem também este aspecto. Por mais altos que sejam os muros, as criações destes jovens, por exemplo, mesmo proibidas internamente, escapam e conseguem existir na cidade, chegando para além dos muros.

Internamente, a criação dos objetos também promove um reconhecimento para seus criadores e compõe o cenário de trocas materiais e afetivas dos jovens.

Saber construir os objetos possibilita que possam ensinar, compartilhar e realizar trocas com os demais:

Como é ensinar? O que você sentiu ao ensinar o outro? (Pesquisadora)

Ah eu achei que tipo, igual uma emoção né a gente aprender fazer uma coisa e ensinar as pessoas a fazer. A gente distrair às vezes o pensamento da pessoa, como estar em outro lugar. Ali, pelo menos fazendo ali, ela vai distraindo. Eu aprendi a fazer isso daí assim. Eu ficava muito nervoso demais, daí já vieram conversar comigo alguma coisa, os piás já tavam me ensinando. Entendeu? Pra distrair... Pra distrair a mente. Aí fazia ali, a raiva que você tinha, descontava fazendo ali. De repente você vê a raiva já era, tinha acabado. Só felicidade. Tava feliz de aprender e ensinar a fazer os artesanatos (Bruno).

Para Bruno, criar ajuda a “*distrair a mente*” e “*descontar sua raiva*”. Assim, quando tenta ensinar os demais, também compartilha mais do que uma técnica de confecção de objetos. Bruno tenta dividir com o outro um instrumento (a criação de objetos) que ele arranhou para suportar a privação ou para elaborar a raiva. Ele conta que aprendeu com os outros a maneira de tentar não ficar “*muito nervoso demais*” e busca repassar aos demais o que aprendeu.

O processo vivenciado por Bruno implica não só um sentir, mas uma transformação dos sentimentos. Vigotski (1999) descreve que na reação estética há a prevalência da contradição emocional, onde o fruidor de uma obra de arte, por exemplo, não é somente contaminado pelo sentimento que o autor quis passar, mas é convidado a superar, de forma criativa, seus próprios medos, felicidades ou angústias, através daquela obra. Nesta vivência, não se opera com uma reprodução facilitada da realidade, mas com uma atividade complexificada, o que o autor denomina como *catarse*.

Para Lessing (citado por VIGOTSKI, 1999, p.272), a *catarse* pode significar uma conversão das paixões em inclinações virtuosas, e, para Zeller (citado também pelo autor), esta promove uma passagem do desprazer para o prazer e a tranquilização da emoção. Porém, para o autor, a *catarse* produz, sim, um curto-circuito de sentimentos opostos e é na “transformação das emoções, nessa sua autocombustão, nessa reação explosiva que acarreta a descarga das emoções imediatamente suscitadas, que consiste a *catarse* da reação estética”.

Portanto, na relação que estabelece com suas criações e no criar, Bruno rompe com o equilíbrio de suas emoções e parece buscar transformá-la, como em uma reação estética.

Os jovens também relatam outro aspecto relevante na construção de sentidos que é o fato dos objetos nos CENSE's serem dados como presentes, compartilhados, vendidos e trocados por favores, comida ou por outros materiais:

Eu tinha comprado cem pecinhas⁸¹ que os caras dobraram. Quando eu cheguei eu não comia a blindada, a marmita. Daí eu falei: “me dá cem pecinhas que te dou essa blindada cheia”. Aí a gente faz assim pra trocar pecinhas. Ou assim, o cara não sabe fazer marreco, daí o cara fala: “eu dou minha blindada pra fazer o marreco, dou as pecinhas e a blindada pra você fazer o marreco”. Daí os caras fazem o marreco. (Leonor)

Tem piá também que já negociou gorro comigo tipo por deizão, dez reais. Já vi piá de uma ala negociando com piá de outra ala. É negociação entre piá assim, entre artesanato e dinheiro. (Alex)

Nós fazia esses marrequinhos, tipo, pra trocar. Tipo, um sabia fazer uma coisa, tipo correntinha, aí trocava por correntinha pra ir aprendendo. Quando você aprendeu a fazer marreco aí trocava. Não sabia fazer correntinha, aí começou a aprender a fazer correntinha. (Matheus)

Estas trocas são proibidas pela instituição e sua existência foi uma das justificativas para a proibição dos origamis ou pulseiras no CENSE Curitiba, por exemplo. Como se a ação de proibir a confecção destes objetos pudesse evitar ou diminuir as trocas que existem dentro destas instituições ou a própria criação destes objetos.

E o que aconteceu que ficou proibido? (Pesquisadora)

Era mais por causa desse negócio de trocar alimento, de trocar estas coisas. Eles pensavam que tava obrigando o piá a dar o alimento pra ele em troca dos objetos. (Matheus)

Você acha que foi por isso? (Pesquisadora)

Acho que foi isso mesmo. Antes ele deixavam normal, aí começou essa troca de alimento, troca de favores, aí os cara pensaram que iam brigar por causa disso, de alimento. (...) É mais vontade de um e do outro de trocar né? Ninguém é obrigado a trocar. (Matheus)

⁸¹ Estas pecinhas são montadas para a confecção de origamis.

Matheus diz que não acredita que exista algum jovem que se sinta forçado a trocar, ou que alguém pudesse estar *“obrigando o piá a dar o alimento pra ele em troca dos objetos”*. Alex explica que há uma separação entre uma troca por *“consideração”* ou baseada no medo. Esta diferença é simbolizada em duas expressões que os jovens usam no CENSE São Francisco: *“rachar”* e *“madeirar”*. *“Rachar”* significa dividir ou dar por consideração ao outro, sem que haja medo ou coerção na relação. Já *“madeirar”* seria dar por medo ou para bajular o outro vendo-o como superior⁸². Os sujeitos *“maderam”* quando estão sob pressão ou medo, o que os jovens chamam de *“psicológica”*. Um joga ou põe uma *“psicológica”* sob o outro, no caso, pressionam o outro a dar ou trocar algum objeto.

Alex, conta que alguns jovens trocam ou dão os objetos porque querem e se sentem à vontade para isso e outros porque estão coagidos: *“tem uns que eles lançam de boa, que é a presa, e tem uns que daí ele maderam porque tá na psicológica”*. *“Presa”* seria dar de presente, onde também não há sentimento de intimidação na ação de dar. Este mesmo jovem relata:

Ah, piá quando chega assim novo, sempre maderam. Vai do piá também né cara. Tipo o piá fica com medo de alguma coisa, entende? Daí aquela coisa que ele tem às vezes ele vai usar e ele lança pra você. Mas não sei por que. Medo do que? Se é tudo... O piá tá na mesma condição do que nós: tá preso.

Alex afirma que sempre os novatos *“maderam”*, têm medo, mesmo dizendo não entender o porquê. Ainda que alguns tenham relevado na entrevista que tiveram dificuldades nas relações com outros jovens, nenhum deles abriu detalhes sobre estas relações de *“madeirar”* ou de *“jogar uma psicológica”* para conseguir o que se quer. Tedesco (2006, p.09) explica que silenciar as regras e coisas que se faz em grupo *“genera un campo colectivo y encubierto, dominio sólo del grupo de jóvenes que participan de esta acción en conjunto”*. Compartilhar riscos ou proibidos, como estas trocas e negociações de objetos, reforça os laços e vínculos de grupo frente aos sujeitos da instituição.

Fortalecer vínculos não significa concluir que as relações sejam harmônicas e que não haja contradições. A criação, quando desafia os instituídos institucionais, colabora para a construção de laços de afeto, mas também constroem relações

⁸² É importante ressaltar que *“madeirar”* tem vários outros significados e que em seu uso é possível distingui-lo. Pode significar *“admirar”* ou *“dar mole”* ou, por exemplo, *“madeirado”* pode significar *“errado”*.

hierárquicas entre os jovens. Não há também que se ter ilusões, de que não exista exploração ou violências que permeiam este processo de trocas entre os jovens dos objetos criados. Os jovens são sujeitos históricos determinados e determinantes de um tempo e de uma sociedade onde se explora e se é explorado, aliena-se ou se violenta o outro cotidianamente. Existe um alto nível de compromisso e lealdade entre os jovens, como afirma Tedesco (2006). Porém, suas relações também são permeadas por ambigüidades, onde coexistem solidariedade e violência ou igualdade e hierarquia. Esses valores também permeiam contraditoriamente seus sentidos e modos de ser.

“Madeirados” ou “rachados”, os objetos transitam nas redes de relações construídas na internação e até mesmo fora dela, como afirma Matheus que reconhece um jovem ex-interno a partir de sua criação gorro, mesmo que essas redes sejam contraditórias e produzam hierarquias e até mesmo violências. Da mesma maneira em que as formas de sociabilidade dos jovens na internação são repletas de tensões, afetos e ambigüidades, suas criações também atuam compondo este espaço contraditório de relações.

Mesmo Mauss (2003, p.188) que estudou sociedades⁸³ com um regime de trocas diferente do “nosso ocidental”, relata que nunca se constataram simples e desinteressadas trocas de bens, de riquezas ou de produtos. Ele afirma que há nestas sociedades um princípio básico no intercâmbio, tanto na vida material ou moral, havendo uma obrigação em dar, receber e retribuir, ou sempre se atuando sobre uma forma desinteressada e ao mesmo tempo obrigatória: “queremos considerar aqui apenas um dos traços, profundo mais isolado: o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e, no entanto, obrigatório e interessado, dessas prestações”.

Os jovens atribuem sentidos de construção de laços de reciprocidade entre eles a partir da experiência de criação destes objetos e de suas trocas:

Esta pulseira aqui (mostra em seu braço) era do Márcio⁸⁴, tava com o Júlio e ele deu pra mim. Este outro era do Carlos, que deu pro Júlio e agora tá comigo. Sempre vai ficando, hoje está comigo, quando eu for embora fica com outro. Até acabarem, tesourarem⁸⁵ de uma vez, tirar. (...)

⁸³ O autor trabalhou basicamente comparando sociedades de áreas determinadas da Polinésia, Melanésia, noroeste americano e o que chama de “alguns grandes direitos”, como o romano, hindu ou chinês.

⁸⁴ Todos os nomes citados são fictícios.

O Júlio falou quando foi embora “vou deixar para você, aí você me entrega lá na rua”. Agora eu tô usando, e espero entregar para ele lá na rua mesmo. (...) É uma consideração né? Que a gente ganha daquela pessoa que considera você. Que nem eu, dois piá já pediram esta correntinha aqui. Só que aqueles dois que pediu, não considero os piá. Eu vou entregar para quem eu considero. Tipo, se eu precisar, Deus me livre acontecer alguma coisa, vou lançar para aquele piá que me daria uma força. No dia que eu tava na cela, o piá chegou “você tá precisando de alguma coisa?” É um gesto de humildade, é uma consideração que o piá tem por mim e daí eu tenho que ter por ele. Daí é pra esses piá que eu vou deixar a pulseira. (Alex)

Portanto, fica claro através da fala de Alex, que não são somente trocas ou doações materiais que se realizam por meio das criações. São trocados afetos e são estabelecidos laços de confiança a partir dos objetos criados. Tudo isso compõe sentidos para estas experiências de criação.

Tedesco (2006) analisando também as trocas entre jovens internos em uma instituição correcional, cita, baseada na teoria de Malinowski, que o valor dos objetos que se trocam se explica não somente pelas concepções utilitárias dos mesmos e, muito mais, em função da emotividade humana que eles materializam.

Percebo que a experiência criadora de Bill, Alex, Bruno, Anderson, Magrão, Lealdade, Matheus e Leonor também é repleta de emotividade e carrega um grande valor para eles. Um valor que faz com que reconstruam suas criações quantas vezes forem necessárias, mesmo após terem sido confiscadas ou destruídas, como ocorreu com “meu espaço” de Alex. Ou que eles tenham que renegociar as pecinhas dos origami novamente em virtude de serem confiscadas e jogadas no lixo assim que adquiridas.

Nesses fazeres sensíveis estão também presentes os sentidos de resistência ao encarceramento e suas violências. Bill, que relatou ficar 22 dias de castigo em uma cela escura, diz: *“Naquela cela lá é tudo escuro, fica sem fazer nada lá... Vixi... Mas, depois que eu aprendi lá a fazer o gorro, tchu-tchu-tchu (sons de que estava tecendo), daí puxei a cela de boa”*. Para resistir àquela escuridão ou suportar a própria privação de liberdade, causadora de múltiplos sofrimentos, os jovens criam e re-significam aquele espaço a partir de suas criações.

Bill conta que sua mãe fazia gorros muito parecidos com os que ele aprendeu a tecer enquanto estava na cela. Ele relata que aprendeu a fazer no escuro, a partir do ensinamento de outros jovens e que ia sentindo os pontos e os

⁸⁵ Tesourar significa proibir.

construindo a partir de colheres que serviam como agulhas de tricô. Entretanto, quando estava na “rua”, nunca teve interesse de aprender a fazê-los. Vemos aí que quando esteve de castigo por vários dias, Bill sentiu a necessidade de aprender a confeccioná-los. Bruno também relata que ficou em uma ala mais fechada por uns tempos e, neste período, criava origamis que serviam como maneira para descontar a sua raiva.

Há uma expressão muito comum entre os jovens: “a cadeia pesou” ou a “cadeia ta pesando”. Lealdade tinha dito que “sua cadeia tava pesando” e perguntei a ele:

O que é cadeia pesando? (Pesquisadora)

É, quando você tá pensando na família. Você fica sentado no canto, começa a lembrar da família, da namorada, começa a lembrar da rua, aí sua cabeça começa a ficar ali perdida naquele momento. Lá fora. Você ta aqui, mas sua mente ta lá fora. Aí vai pesando. Você arruma uma coisa pra fazer só que você não consegue. (Lealdade)

Lealdade descreve que, nesses momentos, lembra de seus familiares e que seus pensamentos voam para fora da unidade. Ele diz que nestes momentos não consegue fazer mais nada. Outros jovens disseram que constroem seus objetos também para tentar evitar que a “cadeia pese” ou nos momentos em que ela está “pesando muito”.

Matheus diz: “pra você não lembrar que você tá preso, você deixa tudo ali no seu trabalho”. Mesmo Lealdade disse que acredita que os presos criem para tentar afastar a tristeza e tentar construir “momentos rápidos de felicidade”. Veja também o relato de Alex:

Aí ta nois seis deitado lá assistindo televisão daí aquilo dá uma depressão que eu não agüento. Ah aí tenho que fazer alguma coisa. Daí eu já saio arrancando linha, ou já pego meu... que eu tenho duas pastas lá com as coisas, já vou inventar alguma carta, alguma coisa eu tenho que fazer. É nessa hora assim, de ver os outros na depressão, eu não agüento ficar na depressão também. Daí eu tento que inventar alguma coisa. (Alex)

A criação é apresentada como maneiras encontradas para se descontar a raiva, “deixar tudo ali no seu trabalho”, suportar a cela ou sair de momentos que Alex diz que dá “depressão”. Contudo, algumas criações não são somente maneiras de esquecer, distrair a mente ou deixar que passe algum sentimento ruim. Na relação

estética, que alguns jovens estabeleceram com/nas suas criações, há uma busca de superação de sentimentos, pois através de suas criações constroem novos arranjos para intervir no real. Da maneira como Vigotski (1999) descreve a catarse, os jovens também parecem realizar uma superação ou a transformação de suas emoções e de seus vividos por meio de suas experiências criadoras.

Os jovens falam de “superação” e demonstram que seus objetos promovem em si mesmos múltiplos pensamentos e sentimentos, transformam a interação e compõem sentidos para suas existências. Relatam também que suas criações provocaram suas imaginações, os instigaram a voar, mesmo que por alguns segundos, para onde gostariam de estar:

*E quando você vê um origami desse, ou dobradura, o que que te lembra ou que imagem te vem? O que vem como imagem ou lembrança?
(Pesquisadora)*

Ah, não sei, você vê o marreco e fica pensando na liberdade, pensa num pássaro, num rio... Fica ali imaginando... Fica imaginando onde que ia colocar aquele marreco, como se fosse, como se estivesse em casa. Colocando em cima da geladeira ou de uma mesa. Fica só olhando assim. (Matheus)

A partir de sua criação, Matheus se transporta junto com seu marreco para dentro de sua casa, para perto de onde gostaria de estar. Voa como um pássaro para longe, para um rio, para outra realidade distante das frias celas do CENSE Curitiba. Alex também, por meio da criação “meu espaço”, aventurou-se para além dos muros, chegando mais perto de sua casa. Ele diz, quando perguntado o que pensa e sente ao se deparar com a sua criação, que no momento em que estava dentro do “meu barraco” lembrava de sua casa:

*do jeito que eu dobrei o lençol, minha mãe fazia isso na cortina. O jeito de correr parece aquele negócio do banheiro que eu não sei o nome, de alumínio. Daí, às vezes, põe uma corda e um lençol pra correr. Fiquei pensando naquilo, que em casa também tinha. É uma coisa a mais que...
(Alex)*

Veio à imagem de como sua mãe dobrava?(Pesquisadora)

É, da cortina, como minha mãe fazia. (Alex)

Bruno diz que quando olha para os objetos eles “*lembram o tempo que fiquei preso*” e diz que isso representa um tempo de tristezas. Isso porque suas criações foram feitas na privação de liberdade e fazem sentido por serem realizadas neste espaço ou “tempo de tristezas”. Entretanto, estas criações também são instrumentos de resistência na privação de liberdade em relação a este espaço, colocando em questão as próprias grades e as regras institucionais, que colaboram para ainda mais aprisionamentos.

Aí está posta a grande contradição destas criações: estas representam um tempo/espaço “privado de liberdade”, mas são (re)invenções neste tempo e deste espaço. Elas acabam (re)construindo o próprio existir dos jovens ou suas estratégias de (sobre)vivência no encarceramento, construindo sentidos de liberdade, mesmo que na privações da liberdade.

A imagem abaixo acaba retratando novamente essas questões:

Figura 17: Muro interno do CENSE São Francisco grafitado por um jovem onde se vê escrita a palavra liberdade.⁸⁶



Fonte: A Autora, 2007.

⁸⁶ Este grafite foi feito em uma oficina de artes organizada a partir do estágio de conclusão de curso em Licenciatura em Artes Visuais que eu realizei na unidade em 2007.

Esta imagem é do muro que separa a ala do seguro (de jovens que estão ameaçados de morte pelos demais) das demais alas da unidade, sendo um muro de proteção para que os outros jovens não invadam esta ala.

A instituição disponibilizou alguns dos muros internos desta ala para que fossem feitas as pinturas e proibiu alguns temas, como realizar apologia às drogas e ao crime, escrever palavrões ou desenhar imagens de mulheres nuas. A questão das proibições foi trabalhada na oficina de artes e o que se iria pintar foi decidido coletivamente. Os jovens resolveram dividir o muro em pedaços, desenhando em cada pedaço um muro próprio. E, então, cada jovem pintou o “seu muro” com o tema escolhido por eles.

Assim, os jovens desenharam um outro muro no próprio muro interno da instituição, que também está cercado de outros muros (que separam a instituição da rua). Com tantos muros e proibições, o desenho desta palavra não deixa de ser uma forma de liberdade, de expor a contradição da criação naquela condição, que só confirma o sentido de liberdade da criação e de (re)invenção do espaço e do tempo no encarceramento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levanta a cabeça truta, onde estiver, seja lá como for,
Tenha fé porque até no lixão nasce flor
(Racionais Mc's, 2002, Vida Loka - parte I)

Seja lá como ou onde for, enquanto existir vida haverá lutas, resistências, criações e transformações. A sua maneira, a partir dos objetos/espacos criados, os jovens sensivelmente mostraram a potência de suas existências. Mesmo entre grades demonstraram por meio de suas objetivações/subjetivações que a ação humana é capaz de criar novas cores em contextos cinzentos.

Os jovens apresentaram os sentidos em suas contradições, revelando as ambiguidades e dificuldades enfrentadas nas (im)possibilidades de criação na privação de liberdade, bem como em relação a seus modos de vida. A investigação revelou, a partir das falas dos jovens, que as criações se desenvolvem em um terreno de disputas, dificuldades, hierarquias, ao mesmo tempo em que afirmam encontros afetivos, resistências contra os instituídos, transformações nos espacos, tempos e em si mesmos.

A fala dos jovens provocou reflexões sobre as contradições vivas do encarceramento e historicidades destes sujeitos, mostrando e fazendo refletir sobre o fato de que não há “mocinhos” ou “bandidos” nestes lugares ou mesmo na “rua”. As relações presentes no encarceramento, como as provocadas pelos processos de criações pesquisados, são complexas e dinâmicas, onde bem ou mal não existem. O que há são relações humanas em movimento que no cárcere ou na “rua” constroem disputas de poder, violências, criações, conflitos, formas de resistências, rupturas e lutas.

Vicentin (2009, p.107) fala do lugar fronteiro em que jovens em conflito com a lei se encontram. Destaca o quanto estes jovens “protagonizam dramaticamente os efeitos da nossa realidade”. As criações no encarceramento ou as “vidas lokas” destes jovens igualmente encarnam importantes dilemas contemporâneos. Viver, tanto na privação quanto na “rua”, revelou-se como um desafio cotidiano para os jovens entrevistados.

Sawaia destaca:

O jovem se junta ao tráfico ou ao crime organizado, não porque quer a própria destruição, mas porque procura vida. O desejo do bandido é de se conservar e não se destruir. Imagina que o tráfico lhe proporciona um bom encontro e que está em uma relação compatível com o seu corpo. No capitalismo, as pessoas presentificam as paixões tristes numa cadeia imaginária de potência, encontrada na capacidade de consumo e de competição. (SAWAIA, 2004, p. 30)

A participação no “mundo do crime”, a partir da fala dos jovens, demonstrou-se também como uma “cadeia imaginária de potência”, que não consegue promover bons encontros e acaba colocando-os ainda mais próximo de suas próprias destruições ou mortes. Mesmo buscando a vida encontram-se contraditoriamente com a morte. E a morte significa o cessar desta potência de agir no mundo, colocando fim às possibilidades de (re)fazer, (re) construir, (re) criar (-se).

Entretanto, as criações no encarceramento confirmaram a potência de vida destes jovens, que não só desconstruíram ou destruíram, mas (re)construíram novas objetividades. Os jovens destruíram suas cobertas, livros, escovas de dente ou roupas no intuito de criar novos (re)arranjos, objetivando/subjetivando novas realidades, construindo novos sentidos para aqueles materiais existentes. Diferente da morte, os jovens relataram sentidos de reafirmação da vida e de si, a partir das criações.

Vicentin (2009, p.116) destaca a necessidade de pesquisas que possam colaborar para a consolidação de uma dimensão ética onde seja necessário trabalhar para a “redução de violências e para a ampliação dos componentes solidários da vida em comum, mas sem perder de vista a dimensão instável e conflitiva que os jovens autores de ato infracional protagonizam.” (p. 116) Destaca que o compromisso deve ser o de “dar lugar às forças instituintes e de resistência que crianças e adolescentes forjam de diferentes modos: transgressões, sintomas ou invenção de novas formas de vida”.

Esta pesquisa, como princípio ético, buscou trazer uma reflexão sobre a grande necessidade, no contexto pesquisado, de dar espaço para a vida, para a (re) criação ou para a transformação da realidade. A ação dos jovens ao criarem seus espaços objetos sensíveis ressaltou esta importância, desafiando instituídos que mortificam a existência do humano e que impedem o viver em sua plenitude.

O diálogo promovido por esta investigação visou esgarçar o espaço já criado pelos jovens a partir de suas criações. Essas objetivações dos jovens demonstraram serem espaços/tempos sensíveis dentro de um “inferno gelado”, como afirmou Magrão. Contudo, Calvino (2009) não só fala “do inferno no qual vivemos todos os dias”, mas conclui por meio de seu personagem Marco Pólo:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A outra é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (CALVINO, 2009, p. 30)

A primeira saída apontada é a da aceitação, da apatia frente à “realidade cruel”, a qual os jovens entrevistados se encontram, por exemplo. Uma maneira de “não sofrer” por meio da resignação, da obediência e de não mais perceber ou estar sensível à pobreza, à miséria ou à exploração. Esta é a perspectiva que encontramos em “projetos socioeducativos” que buscam uma dócil “ressocialização” dos jovens, para que obedeçam e aceitem suas condições desiguais de vida. A partir desta perspectiva, justifica-se a repressão, a punição ou o cerceamento dos processos criativos dos jovens, pois, qualquer ação criadora acaba sendo considerada como desobediência ou ameaças à ordem.

As criações dos jovens revelaram-se também como maneiras encontradas em direção a este “não sofrer” ou à superação do sofrimento ético e político (Sawaia, 2006), que estão expostos quando em um cotidiano repleto de privações, violências e desesperanças. Contudo, a maneira adotada pelos jovens ao criarem seus objetos/espacos não sugere esta primeira saída, mais fácil para tentar “não sofrer”.

As criações rumam muito mais para a segunda maneira descrita por Calvino (2009), pois se deflagram no cotidiano institucional como ações de não aceitação ou resignação. Essas representaram formas de não aceitação do inferno ou das normas institucionais. Realizam-se no ato de arriscar-se e de dar espaço a um não inferno, mesmo que dentro do inferno. Assim, a partir desta perspectiva, abre-se a possibilidade, por se estar sensível à realidade, de poder questionar o inferno e de até mesmo transformá-lo.

Os jovens mostram a importância destas criações na defesa de suas vidas no encarceramento. Relatam que suas criações colaboram para suas

(sobre)vivências dentro da privação de liberdade, tanto material, por meio de trocas por dinheiro ou alimentos, quanto emocional, para se conseguir suportar/elaborar os sofrimentos propiciados pelo encarceramento ou até mesmo de suas vidas.

Além disso, constatou-se que as criações compõem sentidos de resistência e são usados como (pre)textos de relações afetivas e de trocas. Contudo, mais do que qualquer coisa, aqueles objetos/espços criados pelos jovens reafirmam a existência sensível destes sujeitos na privação de liberdade. Compõem novos sentidos para suas existências.

Portanto, a partir desta ótica, torna-se imprescindível valorizar a construção de espaços de relações sensíveis e que possam promover bons encontros, mesmo em uma instituição de privação de liberdade. A pesquisa aponta para a necessidade de potencializar espaços que promovam uma educação estética, ainda que dentro destas instituições “socioeducativas”.

Conforme a concepção de Vigotski (2001), na educação estética busca-se promover atitudes sensíveis e formas de elaboração criadora da vida. O estético não seria uma forma de adorno da vida, mas uma dimensão que deveria ser instigadora da elaboração criativa. Segundo o autor, a vivência estética cria atitudes sensíveis para atos posteriores e nunca passa sem deixar vestígios no comportamento, pois desenvolve um psiquismo emocionalmente aberto ao mundo que pode facilitar a superação de conflitos.

Zanella (2006, p.43) complementa defendendo:

Uma educação comprometida com os estranhamentos aos instituídos e instituintes, que invista o/no imaginário, nas possibilidades de vir a ser, na constituição de olhares estéticos que se apresentam como fundamento dos processos de criação, engendrados por pessoas que se reconhecem em sua historicidade e constante devir. (ZANELLA, 2006, p.43)

As falas dos jovens demonstraram a demanda por espaços que invistam no imaginário, que provoquem estranhamentos aos instituídos, ou que os ajudem a se reconhecerem em suas historicidades e em suas capacidades criadoras. Isso seria de muito mais valia do que a repressão, a política dos castigos ou cerceamentos dos processos de criação.

Zanella, Reis, Camargo, Maheirie, França e Da Ros (2005) ressaltam que a dimensão estética significa a “possibilidade ou a concreta objetivação da subjetividade de forma sensível; ou seja, é a relação que o sujeito estabelece com

os outros e com a realidade, permeada pela sensibilidade, numa vivência que se revela, ao mesmo tempo, reflexiva e afetiva” (p.194). E é esta vivência reflexiva e afetiva que pode provocar transformações em um espaço tão frio, como o do encarceramento.

Para que se provoque uma atitude sensível e reflexiva dentro da privação de liberdade com estes jovens é necessário que se busque valorizar a relação com o outro e com o mundo, a capacidade de afetar e ser afetado (Sawaia, 2004). Uma tarefa fundamental em contextos de múltiplas violências, pois recuperar a capacidade de sentir (Sawaia, 1995, 2004) pode provocar reflexões e construções de novas possibilidades de enfrentamento.

Se nos atos infracionais que estes jovens cometeram podemos ver um processo de desumanização das relações, onde, por meio da violência, o outro é tratado como objeto e não como sujeito, ressalta-se a necessidade de abertura de espaços para a sensibilização, de humanização das relações. Assim, a realidade pode ser superada de forma mais humanizada.

O SINASE reconhece a natureza sancionatória que a medida de internação possui, já que responsabiliza judicialmente os jovens por meio de restrições legais. Entretanto, propõe a prevalência da ação socioeducativa sobre os aspectos meramente sancionatórios. Propõe que o projeto pedagógico seja o ordenador das ações nestas unidades, e não às práticas punitivas. Assim, o SINASE busca criar diretrizes para a organização das medidas socioeducativas, onde seja criado/modificado um espaço que garanta o desenvolvimento pessoal e social do jovem, se respeite o jovem em sua singularidade, haja a participação da família e da comunidade e onde a disciplina seja somente meio para a realização da ação socioeducativa.

Os sentidos dos jovens sobre suas criações revelaram a necessidade do rompimento com a perspectiva da repressão, da punição, do cerceamento e do aniquilamento das experiências sensíveis nestas instituições. Barrar ou censurar processos de criação como o destes objetos pesquisados pouco valoriza a sensibilidade e capacidade de criação dos jovens. Assim não se potencializa a capacidade de se compartilhar sentimentos, que pode promover a superação dos mesmos e que poderá contribuir para a construção de uma atitude sensível e de responsabilidade com os outros e com a realidade.

A criação, que repetidamente é jogada no lixo e que se reconstrói cotidianamente, só confirmou a necessidade da dimensão estética no encarceramento. Essa dimensão se ampliaria caso houvesse um processo de abertura para o sensível, para uma educação estética nos espaços, institucionais ou não, onde estes jovens transitam.

A pesquisa analisou a riqueza de sentidos sobre algumas criações de Alex, Anderson, Bill, Bruno, Lealdade, Magrão, Matheus e Leonor. Entretanto, é importante destacar que esta investigação constatou que há inúmeras outras criações dentro do encarceramento, como as regras de convivência, produção de textos, músicas, movimentos ou linguagem. Mesmo não sendo foco da pesquisa, destaco-as, pois são temas ricos para pesquisas futuras na área de estudo sobre processos de criação.

Observou-se que as gírias, expressões lingüísticas ou construções no campo da linguagem no encarceramento, por exemplo, apresentam uma grande riqueza de sentidos/significados. Da mesma maneira em que os objetos/espaços criados pelos jovens materializam contradições do próprio encarceramento, a linguagem inventada nas instituições campo dessa pesquisa também é muito rica em conteúdos, o que possibilita a realização de relevantes investigações e análises futuras sobre o tema.

Espero que esta pesquisa tenha conseguido expor ao leitor as contradições vivas do encarceramento e o fato de que, na criação, está presente o movimento que cria e recria tanto o produtor quanto o que entra em contato com a produção. (Zanella, dos Reis, Camargo, Maheirie, França, da Ros, 2005).

Desejo, portanto, que a experiência de criação destes jovens tenha deixado vestígios e convidado o leitor a sentir e refletir sobre a importância das mesmas. Além disso, espero, por meio desta análise, ter podido compartilhar os bons encontros que vivi ao lado deles e de suas criações. Encontros afetivos que possibilitaram uma reflexão sobre a defesa da vida, de suas existências e de suas capacidades humanas de criação e de superação do vivido.

REFERÊNCIAS

1. BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. (1994) *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta.

ABRAMO, H. W. (1997) Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Juventude e Contemporaneidade*, Revista Brasileira de Educação, Anped, nº 5-6, p 25-36.

AGUIAR, W. M. J. (2006) *Sentidos e Significados do Professor na Perspectiva Sócio-Histórica - relatos de pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ALVES, A. J. (1991) O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, 77, p. 53-61.

AMORIM, M. (2002) *Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas*. Caderno de Pesquisa, julho, 2002, n. 116, p. 7-19.

AMORIM, M. (2006) Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, p 95-114.

AMORIM, M. (2007) A contribuição de M. Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T., JOBIM e SOUZA, S. & KRAMER, S. *Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, p.11-25.

ANSELMO, S. L. S. (2006). *A poesia na prisão: reflexão sobre uma experiência com mulheres encarceradas no Desterro*. Dissertação de Mestrado em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ARANTES, E. M. M. & TONIN, M. M (2006) Um retrato das unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei. In: *Relatório da Inspeção Nacional às Unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei*. Brasília, CFP/OAB, p 11 -15.

ARIÈS, P. (1981) *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, LTC.

AQUINO, R. (2005) *Catálogo da exposição: Arthur Bispo do Rosário, José Rufino e Raimundo Camilo*. Museu Oscar Niemeyer, Curitiba. Paraná.

ATHAYDE, C. [et al.] (2005). *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva.

BAKHTIN, M. (2003) *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. (1976) Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). In: _____. Freudianism. A marxist critique. New York: New York Academic Press. (Trad. do russo de I. R. Titunik - Texto russo publicado em 1926) Trad. FARACO, C. A.; TEZZA, C. (Texto para uso didático).

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. (2004) Marxismo e filosofia da linguagem. 11ª ed. São Paulo: Hucitec.

BARROS, D. L. P. (1996) Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A., TEZZA, C. & CASTRO, G. (org) Diálogos com Bakhtin. Curitiba, Ed. UFPR, p 21-43.

BARROS, D. L. P. (1997) Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (org). Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. Campinas, Ed. da UNICAMP. p.27-30.

BERZIN, J. (2003). O teatro e o adolescente em conflito com a lei: análise do sentido de uma proposta sócio-educativa. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BRAIT, B. (2006) Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org). Bakhtin: outros conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, p. 9-31.

BRASIL (1990) Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília.

BRASIL (2006) Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE. Brasília: Conanda: Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.

CANCLINI, N. G. (1997). Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP.

CALVINO, I. (2009). As Cidades Invisíveis. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

CÂMARA, H. F. (1999) Além dos muros e das grades (discursos prisionais). Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CASSAB, M. A. T. (2001). Jovens pobres e a cidade: a construção da subjetividade na desigualdade. In: Rabello da Castro, L. (Org.). Crianças e jovens na construção da cultura. 01 ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, v. 1, p. 209-226.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F. & NASCIMENTO, M. L. (2005) Subvertendo o conceito de adolescência. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 2-11.

COIMBRA, C. C. B. & NASCIMENTO, M. L. (2003) Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, P. C. P. JULIANELLI, J. A. S. Jovens em tempo real. Rio de Janeiro, DP&A editores, p.19-37.

COLOMBO, I. M. (2007). Adolescência infratora paranaense: História, perfil e prática discursiva. Tese de Doutorado em História, Universidade de Brasília, Brasília.

COLOMBO, I. (2002) O adolescente infrator e o sistema de ensino paranaense: a trajetória da Escola para Menores Professor Queiroz Filho (1965-1992). Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

DAYRELL, J. T. (1999) Juventude, grupos de estilo e identidade. Educação em Revista, Belo Horizonte, nº 30, dez., p.459-470.

DIÓGENES, G. (1998) Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop. São Paulo: Annablume.

DOSTOIÉVSKI, F. (2006) Recordação da Casa dos Mortos. Tradução Nicolau S. Peticov. São Paulo: Nova Alexandria.

DURAT JR, C. (2006) O Rorschach na avaliação psicológica de adolescentes em conflito com a lei. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade São Francisco, São Paulo.

ESPEJO, R. M. (2007). Cefuria - Militância e Paixão: um estudo sobre a processualidade do sujeito político em contexto de formação. Tese de Doutorado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

FOUCAULT, M. (2002) Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes.

FRANCISCHINI, R. & CAMPOS, H. R. (2005) Adolescente em conflito com a Lei e medidas sócio-educativas: limites e (im)possibilidades. In: Psico (PUCRS), Rio Grande do Sul, v. 36, p. 267-273.

FRASSETO, F. A. (2006) Apresentação In: Relatório da Inspeção Nacional às Unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei. Brasília, CFP/OAB, p. 8-10.

FREITAS, M. T. A. (1997). Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In: BRAIT, B. (org). Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. Campinas, Ed. da UNICAMP, p. 311-330.

GERALDI, J. W.; FICHTNER, B. & BENITES, M. (2006). Transgressões convergentes: Vigotski, Bakhtin, Bateson. Campinas: Mercado de Letras.

GOFFMAN, E. (2005) Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva.

GRAMKOW, G. (2007). Os sentidos subjetivos de um jovem com história de transgressão social-legal na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

GROPPO, L. A. (2000) Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro, DIFEL.

GUIMARÃES, M. S. V. B. (1999). A Cena da Dança Enquanto Ação Socioeducativa: Um Foco no Corpo do Jovem em Privação de Liberdade. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

HINKEL, J. (2008). A arte de ouvir RAP (e de fazer a si mesmo): investigando o processo de apropriação musical. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

KRAEMER, D. W. (2005) A constituição do sujeito na prisão: um estudo sobre as práticas de resistência na penitenciária de segurança máxima de Londrina. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LANE, S. T. M. & CAMARGO, D. (1995) Contribuições de Vigotski para o estudo das emoções. In: LANE, S. T. M. & SAWAIA, B. (orgs.). Novas Veredas da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, EDUC. (p.115-134).

LIBERATI, W. D. (1995) Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente. São Paulo: Malheiros editores.

MAHEIRIE, K. (1997) Identidade: o processo de exclusão\inclusão na ambigüidade dos movimentos sociais. In: ZANELLA, A.V. [et al] Psicologia e Práticas Sociais, Porto Alegre: ABRAPSOSUL, p. 60-67.

MAHEIRIE, K. (2002) Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. Interações, 7(13), p. 31-44.

MAHEIRIE, K. (2003). Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotski. Psicologia em Estudo. Maringá, v.8, no 2, p. 147-153.

MAHEIRIE, K. (2006) Subjetividade, imaginação e temporalidade: a atividade criadora em objetivações discursivas. In: MAHEIRIE, K., ZANATTA, S. ZANELLA, A.V. (org) Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência. Florianópolis: NEP\CED\UFSC, p.145-156.

MARX, K. (2002) Manuscritos Econômicos-Filosóficos. São Paulo: Martin Claret.

MAUSS, M. (2003). Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify.

MINAYO, M. C. S. (1990) A violência na adolescência: um problema de saúde pública. Cad. Saúde Pública vol.6 no.3 Rio de Janeiro Sept., p. 278-292.

MINAYO, M. C. S. (2006) A inclusão da violência na agenda da saúde: trajetória histórica. Ciênc. saúde coletiva v.11 supl.0. Rio de Janeiro, p. 1259-1267.

NOVAES, R. R. (1997) Juventudes Cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In: VIANNA, H. Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, UFRJ, p.119-160.

OLABUÈNAGA, J. I. R. (1999). Metodología de la investigación cualitativa. Bilbao: Universidad de Deusto.

OLIVEIRA, C. (2001) Sobrevivendo no Inferno: a violência juvenil na contemporaneidade. Porto Alegre: Meridional.

OLIVEIRA, C. (2006) Relatório do Seminário Nacional: A Atuação dos Psicólogos junto aos Adolescentes privados de Liberdade. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, p. 86-110.

OLIVEIRA, D. C. (2004). O leitor e a leitura do texto literário na penitenciária estadual de Maringá, Paraná. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

OLIVEIRA, I. J. S. (2003) Resgate do imaginário dos jovens infratores pela leitura de imagens de uma produção artística: relato de uma experiência. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo.

PAES, P. C. D. (1999). Arte - Educação para adolescentes em privação de liberdade: Análise de uma experiência. Dissertação de Mestrado em Educação, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

PERALVA, A. T. (1997) O jovem como modelo cultural. In: Juventude e Contemporaneidade, Revista Brasileira de Educação, Anped, n° 5-6, p.15-24.

PERROT, M. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PONCIANO, J. C. (2007). Cartas da Prisão: Narrativa e Alteridade. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PONTAROLLI, B. S. N. (2004) Por estas mal(bem) traçadas linhas: leitura da carta do encarcerado AJS sob a perspectiva foucaultiana de análise de discurso. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

PONZIO, A. (1998). La revolución bajtiniana: el pensamiento de Bajtín y la ideología contemporánea. Universitat de Valencia: Frónesis Cátedra.

RABELLO DE CASTRO (2001). Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: RABELLO DE CASTRO, L. (Org.). Crianças e jovens na construção da cultura. 01 ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, v. 01, p 19-46.

REY, F. L. G. (2004) Sobre a rede de significações, o sentido e a pessoa: uma reflexão para o debate. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. [et al.] Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Art Med, p.59-65.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S. & SILVA, A. P. S. (2004) Rede de significações: alguns conceitos básicos. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. [et al].

Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Art Med, p.23-24.

RIFIOTIS, T. (1997) Nos campos da violência: diferença e positividade. *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, v. 19, p. 1-19.

RIFIOTIS, T. (2006) Alice do outro lado do espelho: revisitando as matrizes do campo das violências e dos conflitos sociais. *Revista de Ciências Sociais (Fortaleza)*, v. 37, p. 27-33.

ROCHA, M. L. N. (2006) Teatro na prisão: a dramaturgia da prisão em cena. Tese de Doutorado em Teatro, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, M. F. G. (2005) Cartas dos adolescentes internos da FEBEM: O que revelam e o que ocultam? Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo.

SALES, M. A. (2003) Juventude extraviada de direitos: uma crônica das rebeliões na FEBEM SP. In: FRAGA, P. C. P. & JULIANELLI, J. A. S. *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro, DP&A editores, p.188-220.

SALES, M. A. (2007). (In) Visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Cortez.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, M. (1997). As gangues e a imprensa, a produção de um mito nacional. *Juventude e Contemporaneidade*, *Revista Brasileira de Educação*, Anped, nº especial, p.180-198.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. (1978) As idéias estéticas de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. (1999) *Convite à Estética*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. (2007) *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular.

SANTOS, R. M. S. (1994) *O Sonho Possível: O Teatro Como Instrumento De Transformação e Conscientização do Individuo Encarcerado*. Dissertação de Mestrado em Artes (Teatro, Cinema e Artes Plásticas). Universidade de São Paulo, São Paulo.

SAWAIA, B. (1995) Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: LANE, S. T. M. & SAWAIA, B. (orgs.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, EDUC, p.157-168.

SAWAIA, B. (2004) Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico? In: SOUZA, L. & TRINDADE, Z. A. *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.21-42.

SAWAIA, B. (2006) O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (org) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, Vozes, p.97-118.

SERALE, F. (2002). Adolescentes da cidade de Curitiba em conflito com a lei e o seu processo de reintegração. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SILVA, C. J. (2001) Criação e Sociedade. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SMOLKA, A. L. B. (2006) Experiência e discurso como lugares de memória. In: MAHEIRIE, K., ZANATTA, S. ZANELLA, A.V. (org) Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência. Florianópolis: NEP\CED\UFSC, p.117-130.

SMOLKA, A. L. B. (2004) Sentido e Significação, Parte A – Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta da Rede de Significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. [et al.] Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Art Med, p. 35-50.

TEDESCO, G. M. (2006) Compartiendo 'caretas' y dando pinas. Construcción de vínculos y diversidad entre jóvenes en Institutos Correccionales. In: Violencia y Cultura, no 4, Publicación Documentos de Trabajo Proyecto PAV 065, Córdoba, p. 01-25.

TEZZA, C. (1996). Sobre o autor e o herói – um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A., TEZZA, C. & CASTRO, G. (org) Diálogos com Bakhtin. Curitiba, Ed. UFPR, p. 273-303.

VIANNA, R. L. S. (2002). Jovens à Busca de Identidades Culturais: Ser Jovem em São Paulo e Medellín. Dissertação de Mestrado em Integração da América latina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VELHO, G. (1978) Observando o Familiar. In: NUNES, E. O. (org.) A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 36-47.

VICENTIN, M. C. G. (2009) Intercensões Psicologia e Justiça no âmbito da infância e da juventude: entre biopolítica e direitos humanos. In: BERNARDES, J. & MEDRADO, B. (org). Psicologia Social e Política de Existência: fronteiras e conflitos. Maceió, ABRAPSO, p. 107-120.

VIEIRA, A. O. M. (2004). Adolescentes em privação de liberdade: Diálogos e narrativas dos sujeitos em situação de construção de texto. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de Brasília, Distrito Federal.

VIGOTSKI, L. S. (1987) *La imaginacion y el arte en la infancia*. (Ensayo psicológico) México: Hispânicas.

VIGOTSKI, L. S. (1991) Obras Escogidas I: Problemas teóricos y metodológicos de la Psicología. Madrid: Visor Distribuciones, p. 259 -407.

VIGOTSKI, L. S. (1992) Obras Escogidas II: Pensamiento y Palabra. Madrid: Visor Distribuciones, p. 287-238.

VIGOTSKI, L. S. (1996). Obras Escogidas IV: Imaginación y creatividad del adolescente. Madrid: Visor Distribuciones, p. 205-224.

VIGOTSKI, L. S. (1998) O Desenvolvimento Psicológico na Infância. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. (1999) Psicologia da Arte. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. (2001) A educação estética. In: Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, p. 323-364.

WASELFISZ, J. J. (2006) Relatório do Seminário Nacional: A Atuação dos Psicólogos junto aos Adolescentes privados de Liberdade. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, p. 45-69.

ZALUAR, A. (1997). Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, UFRJ, p.17-58.

ZALUAR, A. (1999) Violência e crime. In: MICELI, S.(org) O que ler na Ciência Social Brasileira. São Paulo, Brasília, Sumaré, Capes, p.13-107.

ZANELLA, A. V. (2006) “Pode até ser flor se flor parece a quem o diga”: reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito. In: MAHEIRIE, K., ZANATTA, S. ZANELLA, A.V. (org) Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência. Florianópolis: NEP\CED\UFSC, p.33-48.

ZANELLA, A. V., TITON, A., DOS REIS, A. C., URNAU, L. C. & DASSOLER, T. R. (2007) Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 2, p. 25-33.

ZANELLA, A.V., DOS REIS, A. C., CAMARGO, D., MAHEIRIE, K., FRANÇA, K. B., DA ROS, S. Z., (2005) Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. Psico USF, v 10, n 2, p. 191-199.

2. DISCOGRÁFICAS

FACÇÃO CENTRAL (2003) Direto do campo de extermínio. Face da Morte Produções.

RACIONAIS MC's (1998) Sobrevivendo no Inferno. Cosa Nostra.

RACIONAIS MC's (2002) Nada como um dia após o outro dia. Unimar Music

REALIDADE CRUEL (2000) Entre o Inferno e o Céu. RDS.

TRILHA SONORA DO GUETO (2004) Us Fracu Num Tem Veiz. Sky Blue Music.

3. FILMOGRÁFICAS:

ATHAYDE, C. & BILL, MV. (2006) Falcão: meninos do tráfico. Produção Independente.

BARRETO, B. (2008) Última Parada 174. Paramount Pictures.

CORTEZ, C. (2006) Querô, o filme. Gullane Filmes.

MEIRELLES, F. (2002) Cidade de Deus. O2 Filmes e Videofilmes.

PADILHA, J. (2002) Ônibus 174. Riofilme.

4. DE PERIÓDICOS E SITES:

AGENCIA NACIONAL DE NOTÍCIAS, de 18/09/2007. Brasil ocupa oitava posição mundial em número de presos. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias>. Acessado em: 10/10/2007.

BANCO DE TESES CAPES. Disponível em: www.capes.gov.br. Acessado em 25/11/2007 e repetido em 10/01/2010.

DEPEN – Departamento Penitenciário do Estado do Paraná. Disponível em: www.mj.gov.br. Acessado em 28/07/2009.

FOLHA ONLINE, de 09/02/2007. Igreja Católica é contra redução de maioria penal no país. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u131525.shtml>. Acessado em 10/08/2007.

FOLHA ONLINE, de 24/09/2004. Rebelião deixa sete mortos e cinco feridos no PR. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano>. Acessado em 28/11/2006.

FOLHA ONLINE, de 07/11/2005. Jovem mata colega de cela em educandário do PR. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano>. Acessado em 28/11/2006.

FOLHA ONLINE, de 28/11/2006. Adolescentes infratores matam colega durante rebelião no PR. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano>. Acessado em 28/11/2006.

JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, de 11/06/2006. Jovens lutam para deixar o crime: em 8 anos, número de infratores internados cresceu 318%. Disponível em: <http://64.233.169.104/search?q=cache:pX6jwbrUNPsJ:200.189.113.39/mppr/noticia+mp>. Acessada em 05/10/2007.

MAGRITTE, R. Magritte site. Disponível em: <http://www.magritte.com>. Acessado em 11.02.2009.

SITE OFICIAL DA SECJ DO PARANÁ. Disponível em: <http://www.secj.pr.gov.br>. Acessado em: 28/07/2009.

ANEXO 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(participantes da pesquisa)

PESQUISA: *Jovens encarcerados e os sentidos de suas experiências criadoras*

Eu, _____ confirmo que a pesquisadora Ana Lúcia Canetti conversou comigo sobre esta pesquisa e eu compreendi que:

1. As informações para esta pesquisa serão coletadas através de observações e entrevistas individuais com jovens internos e ex-internos do CENSE São Francisco.
2. O objetivo geral da pesquisa é investigar os sentidos que os jovens atribuem à experiência de criação de objetos dentro dos alojamentos.
3. Todos os dados coletados somente serão utilizados para esta pesquisa e para a divulgação acadêmica de seus resultados.
4. As informações serão divulgadas sem que possam ser identificados os participantes da pesquisa.
5. Minha participação, colaborando com esta pesquisa, é importante, pois contribuirá para a compreensão sobre o que os jovens que estão ou estiveram privados de liberdade tem a dizer sobre suas experiências criadoras e sobre suas condições de vida na internação. Os resultados poderão contribuir para uma compreensão mais profunda sobre os pensamentos, emoções e vivências de alguns jovens que passaram pela experiência da internação.
6. Eu posso escolher participar ou não deste estudo. Minha decisão em participar desta pesquisa não implicará em benefícios pessoais, bem como não resultará em quaisquer prejuízos.
7. Se eu tiver alguma dúvida a respeito, eu posso contatar aos pesquisadores Ana Lúcia Canetti ou Kátia Maheirie pelos telefones (41) 36732505 (CENSE São Francisco) ou (48) 37219984 (Universidade Federal de Santa Catarina).
8. Eu concordo em participar deste estudo.
9. Que seja gravada a entrevista:
 Aceito Não aceito

Assinaturas:

Participante: _____ Data: _____

Pesquisador Principal/orientando: _____ Data: _____

Pesquisadora Responsável/orientadora: _____ Data: _____

ANEXO 2



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(representante legal)

PESQUISA: *Jovens encarcerados e os sentidos de suas experiências criadoras*

Eu, _____, portador(a) da carteira de identidade nº _____, responsável pelo(a) _____, autorizo sua participação neste estudo.

Confirmo que a pesquisadora Ana Lúcia Canetti conversou comigo sobre esta pesquisa e eu compreendi que:

1. As informações para esta pesquisa serão coletadas através de observações e entrevistas individuais com jovens internos e ex-internos do CENSE São Francisco.
2. O objetivo geral da pesquisa é investigar os sentidos que os jovens atribuem à experiência de criação de objetos dentro dos alojamentos.
3. Todos os dados coletados somente serão utilizados para esta pesquisa e para a divulgação acadêmica de seus resultados.
4. As informações serão divulgadas sem que possam ser identificados os participantes da pesquisa.
5. A participação de cada um dos jovens, colaborando com esta pesquisa, é importante, pois contribuirá para a compreensão sobre o que os jovens que estão ou estiveram privados de liberdade tem a dizer sobre suas experiências e sobre suas condições de vida na internação. Os resultados poderão contribuir para uma compreensão mais profunda sobre os pensamentos, emoções e vivências de alguns jovens que passaram pela experiência da internação.
6. Cada jovem pode escolher participar ou não deste estudo. A decisão em participar desta pesquisa não implicará em benefícios pessoais, bem como não resultará em quaisquer prejuízos.
7. Se eu tiver alguma dúvida a respeito, eu posso contatar aos pesquisadores Ana Lúcia Canetti ou Kátia Maheirie pelos telefones (41) 36732505 (CENSE São Francisco) ou (47) 32320534 (Universidade Federal de Santa Catarina).

Assinaturas:

Representante Legal: _____ Data: _____

Pesquisador Principal/orientando: _____ Data: _____

Pesquisadora Responsável/orientadora: _____ Data: _____

ANEXO 3 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA

A) Criação:

- 1) Que objetos você faz ou costuma fazer no alojamento?
- 2) O que você já fez durante o período que esteve internado?
- 3) Como você faz? (explique ou mostre como faz)
- 4) Com que formas (de que jeito, com que escritos) você já fez ou já viu fazerem?
- 5) Como surgiu a idéia destas formas?
- 6) Quais materiais você utiliza?
- 7) Como você consegue os materiais para fazê-los?
- 8) Se pudesse escolher os materiais para fazer o objeto, qual escolheria?
- 9) Como foi que aprendeu a fazer, com quem, onde?
- 10) Já ensinou alguém a fazer? Como foi?
- 11) Já tinha visto (ou feito) em outros lugares estes objetos?
- 12) Há trocas destes objetos ou dos materiais?
- 13) Eles são vendidos ou negociados?
- 14) Eles te lembram alguma coisa (imagem) que você já viu antes?
- 15) O que pensa enquanto vai fazendo eles? O que você vai imaginando? O que sente enquanto vai fazendo?
- 16) Quando você considera que está pronto ou que terminou de fazer o objeto?
- 17) O que sente quando termina?
- 18) Como você vê estes objetos que você fez? Quando olha para ele, o que vê?
- 19) O que você pensa e sente sobre eles e sua criação?
- 20) Qual a importância de fazer estes objetos aqui para você?
- 21) O que fez com o que criou?
- 22) Para quem já deu os objetos? Quem são estas pessoas e por que as escolheu para dar?
- 23) Quando você está fazendo o objeto, você pensa para quem vai dar ou decide depois?
- 24) O que você acha que estas pessoas sentiram ou o que falaram quando receberam?

25) Você já fez para algum outro interno dar a alguém? Alguém já fez para você?

Como foi?

26) Em que momentos do dia ou lugares normalmente você constrói estes objetos?

B) Cotidiano na privação:

27) Como são estes momentos? E o lugar?

28) Como é o seu dia a dia na unidade?

29) Quanto tempo está privado de liberdade?

30) Como é estar internado?

31) Por que você está internado?

32) Já esteve outras vezes internado?

C) História de vida:

33) Como era sua vida “na rua” (em liberdade)?

34) Onde morava, como é este lugar?

35) Que coisas você fazia?

36) O que gostava de fazer? O que não gostava de fazer?

37) Com quem morava?

38) Quem eram as pessoas com que você convivia?

39) Como é atualmente sua relação com estas pessoas?